

UMA DOBRA NO TEMPO LIVRO 2

UM  
VENTO  
À PORTA

MADELEINE  
L'ENGLE

 Harper  
Collins

MADELEINE  
L'ENGLE

UM  
VENTO  
À PORTA

*livro 2*

tradução  
ÉRICO ASSIS



Rio de Janeiro, 2018

Copyright © 1962 by Crosswicks, Ltd.  
Título original: A wind in the door

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Harper Collins Brasil, um selo da Casa dos Livros Editora LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 – Centro – 20091-005  
Rio de Janeiro – RJ  
Tel.: (21) 3175-1030

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação  
Sindicato Nacional dos Editores De Livros, RJ

L584v

L'Engle, Madeleine, 1918-2007

Um vento à porta / Madeleine L'engle; tradução Érico Assis. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.

Tradução de: A wind in the door

ISBN 9788595082809

1. Ficção americana. I. Assis, Érico. II. Título.

17-46120

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3



# SUMÁRIO

- [1. Os Dragões de Charles Wallace](#)
- [2. Um Rasgo na Galáxia](#)
- [3. O Homem na Noite](#)
- [4. Proginoskes](#)
- [5. O Primeiro Teste](#)
- [6. O Sr. Jenkins Verdadeiro](#)
- [7. Metron Ariston](#)
- [8. Jornada ao Mundo Interno](#)
- [9. Farândolas e Mitocôndrias](#)
- [10. Yadah](#)
- [11. Sporos](#)
- [12. Um Vento à Porta](#)

Para Pat

“Que vento, sobrinho”, disse o rei,  
“é este àquela porta?”

SIR THOMAS MALORY  
*Le Morte d'Arthur*



# Os Dragões de Charles Wallace

— Tem uns dragões na horta dos gêmeos.

Meg Murry, recém-chegada do colégio, tirou a cabeça de dentro da geladeira em que procurava um lanche e olhou para o irmão de seis anos.

— Hein?

— Tem uns dragões na horta dos gêmeos. Ou tinha. Agora eles foram para o pasto mais ao norte.

Meg voltou à geladeira sem responder. Quando Charles Wallace dizia algo estranho, não adiantava nada se apressar para dar uma resposta.

— Acho que vou fazer de alface e tomate, o de sempre. Mas eu queria mesmo era uma coisa nova, diferente, empolgante.

— Meg, você me ouviu?

— Sim, ouvi. Acho que vou comer salsicha de fígado com cream cheese.

Ela pegou os ingredientes, mais uma garrafa de leite, e deixou-os sobre a mesa da cozinha. Charles Wallace ficou aguardando com paciência. Ela olhou para ele, fechando a cara com a tensão que não queria admitir a si. Viu os rasgos nos joelhos da calça jeans do irmão, os riscos de sujeira incrustados na camiseta, um roxo na maçã esquerda do rosto que ia ficar mais escuro.

— Dessa vez foi o quê? Os grandões que te derrubaram no pátio do colégio, ou foi quando você desceu do ônibus?

— Meg, você não está me ouvindo.

— É que eu me importo com o fato de você estar no colégio há dois meses e não ter uma semana sequer em que não tenha levado uma sova. Se é porque você anda falando de dragões no jardim ou sei lá onde, está tudo explicado.

— Não foi isso. Não me subestime. Só os vi quando cheguei em casa.

Quando Meg ficava muito preocupada, também ficava irritada. Agora fazia cara feia para o próprio sanduíche.

— Queria que a Mãe tivesse comprado o cream cheese que espalha melhor. Esse aqui rasga o pão. Onde ela está?

— No laboratório, fazendo um experimento. Pediu para dizer que ia demorar.

— E o Pai?

— Recebeu uma ligação de Los Angeles e foi passar alguns dias em Washington.

Tal como os dragões no jardim, as visitas do pai à Casa Branca eram assunto do qual não se devia falar no colégio. Diferente dos dragões, eram visitas de verdade.

Charles Wallace captou que Meg duvidava dele.

— Mas eu vi, Meg. Eu vi os dragões. Coma seu sanduíche e venha ver.

— Onde estão Sandy e Dennys?

— Aula de futebol. Só contei a você.

De repente, parecendo desamparado, mais novo que seus seis anos, ele disse:

— Gostaria que o ônibus do seu colégio chegasse mais cedo. Fiquei tanto tempo esperando por você...

Meg voltou à geladeira para pegar alface. Foi um disfarce para poder pensar melhor, embora não tivesse como saber que Charles Wallace ia captar o que ela pensava, tal como captara a desconfiança que ela tinha quanto aos dragões. Ela não tinha como adivinhar o que ele havia visto de fato. Que ele havia visto alguma coisa — alguma coisa incomum —, disso ela tinha certeza.

Charles Wallace ficou em silêncio, observando ela terminar de preparar o sanduíche, alinhando cuidadosamente as fatias de pão e cortando-as em seções idênticas.

— Será que o Sr. Jenkins já viu um dragão?

O Sr. Jenkins era o diretor do colégio do vilarejo e Meg já tivera problemas com o homem. Ela tinha alguma esperança de que o Sr. Jenkins fosse se importar com o que acontecia com Charles Wallace, ou de que ele se disporia a interferir no que chamava de “devidos procedimentos democráticos”.

— O Sr. Jenkins acredita na lei da selva. — disse ela, de boca cheia. — Não existem dragões na selva?

Charles Wallace terminou seu copo de leite.

— É por isso que você sempre vai mal em Estudos Sociais. Coma seu sanduíche e pare de enrolação. Vamos ver se eles ainda estão lá.

• • •

Eles atravessaram o gramado seguidos por Fortinbrás, o cão tipo-labrador preto e enorme que farejava e fuçava alegremente os restos outonais e ferrugentos do canteiro de ruibarbo. Meg tropeçou em um arco do croqué e soltou um grunhido — que foi mais contra ela mesma, pois tinha sido ela que havia guardado os tacos e aros depois do último jogo, mas se esquecera deste. Um pequeno muro de uva-espim separava o campo de croqué da horta de Sandy e Dennys. Fortinbrás saltou sobre a uva-espim, e Meg gritou no automático:

— No jardim, não, Fortin! — O cachorrão foi para trás, entre fileiras de repolho e brócolis. Os gêmeos tinham orgulho bem devido de sua horta orgânica, cujos produtos vendiam no vilarejo para juntar trocados.

— Um dragão faria uma bagunça nesse jardim — disse Charles Wallace, conduzindo Meg pelas fileiras de verduras. — Acho que ele percebeu, porque, de repente, foi como se não estivesse mais lá.

— Como assim, se não estivesse mais? Ou estava ou não estava.

— Ele estava, aí fui olhar mais de perto e não estava, então fui procurar. Não corri atrás dele, pois ele era muito mais rápido que eu. Só fui até onde ele estava. E ele foi até as grandes rochas glaciais no pasto mais ao norte.

Meg ficou olhando para o jardim de cara amarrada. Charles Wallace nunca havia dito nada tão implausível.

— Venha — disse ele, e passou pelos altos feixes de milho onde restavam só poucas e esparsas espigas. Passando o milho, os girassóis captavam os raios inclinados do sol vespertino, as faces douradas refletindo o brilho.

— Charles, você está bem? — perguntou Meg. Não era do feitio de Charles perder a noção da realidade. Então ela percebeu que ele estava com a respiração pesada, como se tivesse corrido; eles nem haviam caminhado com pressa. O rosto dele estava pálido e sua testa, molhada de transpiração, como se tivesse se excedido.

Ela não gostou da aparência dele e então voltou sua mente para a história improvável dos dragões, achando uma trilha entre os viçosos pés de abóbora.

— Charles, quando foi que você viu esses... dragões?

— Um bocado de dragões, uma manada de dragões, uma revoada de dragões — respondeu Charles Wallace, ofegante. — Depois que cheguei do colégio. A Mãe ficou chateada porque eu fiquei muito sujo. Meu nariz ainda estava ensanguentado.

— Eu também fico chateada.

— Meg, a Mãe acha que isso não é só dos socos que eu levo dos mais velhos.

— É mais o quê?

Charles Wallace teve que fazer esforço, com embaraço e dificuldade que não lhe eram características, para passar do pequeno muro de pedra que delimitava o pomar.

— Eu fico sem fôlego.

— Por quê? O que a Mãe disse? — perguntou Meg na mesma hora.

Charles foi caminhando devagar pela grama alta do pomar.

— Ela não *disse*. Mas é tipo um radar que apita para mim.

Meg caminhava ao lado dele. Era alta para sua idade, enquanto Charles Wallace era pequeno para a dele.

— Tem horas que eu queria que você não atraísse tantos radares.

— Não tenho como evitar, Meg. Não é uma coisa que eu faça. Acontece. A Mãe acha que tem algo de errado comigo.

— Mas o quê? — Meg quase berrou.

— Não sei. — falou Charles Wallace, muito baixinho. — Errado a tal ponto que faz a aflição dela soar em alto e bom som. Eu sei que tem algo errado. Caminhar pelo pomar como estamos fazendo já é um esforço. Não devia ser e nunca tinha sido.

— Quando começou? — perguntou, brusca. — No fim de semana passado, quando fomos caminhar na floresta, você estava bem.

— Eu sei. Andei meio cansado o outono inteiro. Mas essa semana está pior e, hoje, bem pior do que ontem. Ei, Meg! Pare de se culpar por não ter notado.

Era exatamente o que ela estava fazendo. Suas mãos ficaram geladas de pânico. Ela tentou afugentar o medo, pois Charles Wallace conseguia captar sua irmã ainda mais facilmente do que a mãe. Ele pegou uma maçã que o vento havia derrubado, olhou para ver se tinha lagartas e mordeu. Seu rubor de fim de verão não disfarçava a palidez extrema e nem os olhos fundos; como ela não havia percebido? Porque não queria. Era mais fácil atribuir a culpa da palidez e letargia de Charles Wallace aos problemas que ele vinha tendo no colégio.

— Por que a Mãe não leva você no médico? Um médico de verdade, no caso?

— Ela levou.

— Quando?

— Hoje.

— Por que não me contou?

— Eu estava mais interessado nos dragões.

— Charles!

— Foi antes de você chegar do colégio. A Dra. Louise veio almoçar com a Mãe. Ela vem com frequência, de qualquer modo...

— Eu sei. Fale.

— Então, quando eu cheguei do colégio, ela me examinou dos pés à cabeça.

— E disse o quê?

— Nada de mais. Não consigo captá-la tão bem quanto capto a Mãe. Ela parece um passarinho, sempre gorjeando. Você fica o tempo todo ciente de que aquele cérebro inquisitivo é uma mente de outro nível. Ela é muito boa em me evitar. Só consegui captar que ela achou que a Mãe estava certa... certa no que quer que seja. E que ia ficar em contato.

Eles haviam acabado de atravessar o pomar. Charles Wallace subiu no muro de novo e ficou lá parado, olhando para um pasto sem uso onde haviam dois grandes afloramentos de rocha glacial.

— Já foram — disse ele. — Meus dragões foram embora.

Meg estava no muro ao lado dele. Não havia nada a se ver fora o vento soprando pela grama manchada de sol, e as duas rochas altas que ficavam roxas à luz do fim de tarde no outono.

— Tem certeza que não foram só as rochas, as sombras ou outra coisa?

— Rochas e sombras parecem dragões?

— Não, mas...

— Meg, eles estavam bem do lado das pedras, meio agrupados. As asas, pareciam centenas de asas, os olhos abrindo e fechando entre as asas, havia fumaça, esguichos de fogo. Eu alertei para que eles não incendiassem o pasto.

— Como que você avisou?

— Falei com eles. Falei em voz alta. E aí pararam as chamas.

— Você chegou perto?

— Não me pareceu recomendável. Fiquei aqui no muro e observei por bastante tempo. Eles ficavam dobrando e desdobrando as asas, meio piscando aquele monte de olhos contra mim. Aí foi como se eles tivessem se amontoado e ido dormir, então fui para casa esperá-la. Meg! Você não acredita em mim.

— Bom, então onde eles foram? — perguntou ela, sem mudar o tom.

— Nunca havia acontecido de você não acreditar em mim.

— Não é que eu não acredite em você — respondeu Meg, com todo o cuidado.

O estranho era que ela acreditava em Charles Wallace. Não, quem sabe, que ele tivesse visto dragões de verdade. Mas seu irmãozinho nunca tinha misturado fato e fantasia antes, e também nunca havia separado realidade e ilusão de modo tão acentuado. Ela olhou para ele, viu que ele tinha um blusão sobre a camiseta encardida. Ela cruzou os braços sobre si, tremeu e, embora estivesse bem aquecida, disse:

— Acho que vou voltar para casa e colocar um casaquinho. Espere aqui. Não vai demorar. Se os dragões voltarem...

— Acho que voltarão.

— Então não deixe irem embora, por mim. Vou e volto o mais rápido possível.

Charles Wallace a fitou, olhos nos olhos.

— Acho que a Mãe não quer ser interrompida no momento.

— Não vou interromper. Só vou pegar meu casaco.

— Ok, Meg. — Ele suspirou.

• • •

Ela o deixou sentado no muro, olhando os dois grandes depósitos glaciais,

esperando os dragões ou seja lá o que ele achou que havia visto. Sim, ele sabia que ela ia voltar em casa para conversar com a mãe. Porém, desde que não admitisse em voz alta, Meg achou que conseguiria ocultar do irmão pelo menos um pouco da preocupação.

Ela irrompeu no laboratório.

A mãe estava sentada no banco alto sem olhar para o microscópio à sua frente, sem anotar nada na prancheta sobre o joelho. Apenas sentada e pensativa.

— O que foi, Meg?

Ela começou a despejar toda a conversa de Charles Wallace sobre dragões, sobre como ele nunca havia delirado antes, mas já que o próprio Charles Wallace não havia falado daquilo com a mãe, Meg achou que estava traindo-o, embora o silêncio dele quanto aos dragões talvez se devesse à presença da Dra. Louise.

— O que foi, Meg? — repetiu a mãe, com certa impaciência.

— O que há de errado com o Charles Wallace?

A Sra. Murry soltou a prancheta no balcão, ao lado do microscópio.

— Ele teve problemas com os garotos do colégio hoje, de novo.

— Não foi disso que eu falei.

— Do que você falou, Meg?

— Ele disse que você chamou a Dra. Colubra para examiná-lo.

— A Louise veio almoçar, então pensei que podia dar uma olhada nele.

— E então?

— E então o quê, Meg?

— O que ele tem?

— Não sabemos, Meg. Ainda não, pelo menos.

— O Charles disse que você está preocupada.

— E estou. Você não está?

— Estou. Mas achei que era tudo por causa do colégio. E agora acho que não é. Ele ficou sem fôlego só de atravessar o pomar. E anda muito pálido. E fica imaginando coisas. E está com uma aparência... não gostei da aparência dele.

— Nem eu.

— O que foi? O que tem de errado? É um vírus ou alguma coisa assim?

A Sra. Murry fez uma pausa.

— Não sei ao certo.

— Mãe, por favor... se tem algo de errado com o Charles, eu já tenho idade pra saber.

— Eu não sei se tem algo errado ou não. Nem a Louise. Quando descobrirmos em definitivo, eu conto. Prometo.

— Não está escondendo nada?

— Meg, não tem sentido em falar de uma coisa que eu não sei. Daqui a alguns

dias eu vou saber.

Meg começou a torcer as mãos de nervoso.

— Você está preocupada mesmo — disse.

A Sra. Murry sorriu.

— Mães tendem a ficar nervosas. Onde ele está?

— Ah... deixei ele lá no muro de pedra... disse que ia buscar meu casaco. Tenho que voltar, se não ele vai achar... — Sem terminar a frase, ela saiu correndo do laboratório, pegou um casaco de um dos cabides na copa e saiu correndo gramado afora.

Quando chegou a Charles Wallace, ele estava sentado no muro tal como ela o havia deixado. Não havia sinal de dragões.

Ela não esperava que houvesse. Mesmo assim, ela ficou desapontada, e seu nervosismo com Charles, sutilmente maior.

— O que a Mãe disse? — perguntou ele.

— Nada.

Seus olhos azuis, grandes e profundos, focaram nela.

— Ela não falou em mitocôndrias? Nem em farândolas?

— Hã? Por que ia falar nisso?

Charles Wallace bateu os calcanhares de borracha dos tênis contra a parede, olhou para Meg e não respondeu.

— Por que a Mãe falaria em mitocôndrias? — insistiu Meg. — Não é... não foi por falar nisso que você se meteu em encrenca no primeiro dia do colégio?

— Eu estou muito interessado em mitocôndrias. E em dragões. Que pena que eles ainda não voltaram. — Era óbvio que ele queria mudar de assunto. — Vamos esperar um pouco mais. Sempre vou preferir encarar dragões do que os garotos do pátio. Obrigado por falar com o Sr. Jenkins por mim, Meg.

Era para aquilo ser um segredo guardado a sete chaves.

— Como você ficou sabendo?

— Eu sei.

— Não que tenha ajudado. — Meg encolheu os ombros.

Ela não tinha grande esperança de que fosse ajudar. O Sr. Jenkins fora, por muitos anos, o diretor do grande colégio regional de ensino médio. Em setembro, quando fora transferido para a pequena escola primária no vilarejo, a versão oficial foi que o colégio precisava se atualizar e que o Sr. Jenkins era o único apto à tarefa. À boca pequena dizia-se que ele não conseguira lidar com os elementos mais rebeldes do colégio regional. Meg duvidava que ele conseguisse lidar com quem quer que fosse, onde quer que fosse. E estava plenamente convencida de que ele não ia entender nem gostar de Charles Wallace.

Na manhã em que Charles Wallace começou a primeira série, Meg estava

mais aflita que ele. Ela não conseguiu concentrar-se nas últimas aulas e, quando bateu o relógio, subiu o morro até sua casa e encontrou o irmão com o lábio superior inchado e sangrando, além de um arranhão no rosto. Meg teve uma sensação profunda de impotência combinada a uma raiva intensa. Charles Wallace sempre fora visto pelos moradores do local como um garoto peculiar, meio ruim da cabeça. Quando ia buscar correspondência no correio ou ovos na mercearia, Meg ouvia pedacinhos de conversas. “Aquele Murry mais novo é um esquisitinho.” “Ouvi dizer que gente inteligente tem filhos burros.” “Dizem que ele nem sabe falar.”

Seria mais fácil se Charles Wallace fosse burro de fato. Mas não era, e tampouco era muito bom em fingir que não sabia mais que as outras crianças de seis anos da sua turma. Seu vocabulário já era um ponto negativo; na verdade, ele começara a falar bem tarde, já com frases completas, sem passar pelas preliminares de bebê. Diante de estranhos, raramente falava — um dos motivos pelos quais o achavam burro. De repente ele estava na primeira série e conversando tal como... como seus pais ou sua irmã. Sandy e Dennys se davam bem com todo mundo. Não era à toa que os outros ficavam ressentidos com Charles; esperavam que o garoto fosse um retardatário, mas ele falava como um dicionário.

— Então, crianças... — A professora da primeira série deu um sorriso largo para a turma de alunos novos que a fitava naquela primeira manhã de aula. — Quero que cada uma me conte alguma coisa de si. — Ela olhou a lista. — Vamos começar pela Mary Agnes. Quem é Mary Agnes?

Uma garotinha sem os dentes da frente, de cabelo cor de palha amarrado em marias-chiquinhas, declarou que morava numa fazenda e que tinha suas próprias galinhas; naquela manhã, havia colhido dezessete ovos.

— Muito *bem*, Mary Agnes. Agora, vejamos... quem sabe o Richard... Chamam você de Dick?

Um garoto gordinho levantou, balançando-se e sorrindo.

— O que *você* tem a nos dizer?

— Menino não é que nem menina — disse Dick. — Menino é diferente, tipo...

— Está *ótimo*, Dick, ótimo. Ainda vamos aprender mais sobre esse assunto. Então, Albertina, quem sabe você nos conta alguma coisa.

Albertina estava repetindo a primeira série. Ela levantou, quase uma cabeça a mais que os outros, e declarou com muito orgulho:

— Nossos corpos são feitos de ossos e peles e múscalos e células no sangue e essas coisas.

— Muito *bem*, Albertina. Muito bom, não é, turma? Estou vendo que este ano

teremos um grande grupo de cientistas. Vamos bater palmas para a Albertina, vamos? Agora, hã... — Ela olhou a lista de novo. — Charles Wallace. Chamam você de Charlie?

— Não — disse ele. — Charles Wallace, por favor.

— Seus pais são cientistas, não são? — Ela nem esperou ele responder. — Vejamos o que  *você*  tem a nos dizer.

Charles Wallace (“Você sabe que não pode fazer dessas!”), Meg ralhou com ele naquela noite) levantou-se e disse:

— Meu interesse atual está nas farândolas e mitocôndrias.

— Perdão, Charles? Mitoquê?

— Mitocôndrias. Elas e as farândolas provêm dos procariontes...

— Dos  *o quê* ?

— Bom, bilhões de anos atrás, o provável é que elas nadassem naquilo que acabou virando nossas células eucariontes. Aí ficaram por lá. Têm seu próprio DNA e RNA, ou seja, existem à parte de nós. Mas possuem uma relação simbiótica conosco. O mais incrível é que somos totalmente dependentes delas para obter oxigênio.

— Bom, Charles, quem sabe você para de inventar bobagens e, da próxima vez que eu chamá-lo, não fique se exibindo. Agora, George, conte alguma coisa à turma...

• • •

Ao fim da segunda semana de colégio, Charles Wallace visitou Meg no sótão, o quarto dela.

— Charles — disse ela —, não tem como você não falar?

Charles, com seu pijama amarelo que cobria até os pés, seus Band-Aids cobrindo as feridas, seu narizinho inchado e vermelho, estava aos pés da grande cama de latão de Meg, a cabeça aproveitando o porte avantajado do cão Fortinbrás como travesseiro. Ele parecia cansado, letárgico, embora ela não tivesse notado na hora.

— Não funciona. Nada dá certo. Se eu não falo, é porque estou de mal. Se eu falo, falo errado. Já terminei o livro de exercícios; a professora disse que você me ajudou. E já sei o livro de leitura de cor.

Meg, abraçando os joelhos, olhou para o garoto e o cachorro; Fortinbrás era absolutamente proibido de subir nas camas, mas esta regra era ignorada no sótão.

— Por que não passam você pra segunda série?

— Seria pior. São bem maiores que eu.

Sim. Era verdade, como ela bem sabia.

Então ela decidiu conversar com o Sr. Jenkins. Às sete horas, como sempre,

com a luz cinzenta e nada convidativa do início de manhã ameaçando um vento nordeste, ela embarcou no ônibus que ia para o colégio. O ônibus da escola primária, o de Charles Wallace, tinha que fazer um percurso bem menor e saía uma hora depois. Quando o seu ônibus fez a primeira parada no vilarejo, ela desceu e caminhou os três quilômetros até a escola primária. Era um prédio antigo e pintado do vermelho tradicional, impróprio para seu uso, transbordando de alunos e sem funcionários suficientes. Estavam criando impostos para custear a nova escola, que precisava mesmo de uma reforma.

Ela entrou pela porta lateral, que o zelador abria mais cedo. Ouviu o zumbido da enceradeira no salão de entrada, perto das portas que seguiam trancadas. Acobertada pelo barulho, ela disparou pelo corredor, entrou depressa no armário do zelador e, fazendo mais barulho do que gostaria, apoiou-se nas vassouras e esfregões pendurados. O armário cheirava a mofo e pó. Ela torceu para não espirrar antes de o Sr. Jenkins chegar a sua sala e a secretária lhe trazer a xícara de café de todas as manhãs. Mudou de posição e encostou-se num canto, de onde conseguia enxergar o tampo de vidro do escritório do Sr. Jenkins pela fresta da porta.

Meg estava de nariz entupido e com cãibra nas pernas quando a luz da sala finalmente se acendeu. Então ficou esperando o que pareceu um dia inteiro, embora tenha sido próximo de meia hora, até ouvir o clique dos saltos da secretária sobre o chão encerado, seguido do troar das crianças entrando no colégio quando as portas se abriram. Pensou em Charles Wallace sendo levado pela onda de crianças, a maioria bem maiores que ele.

*Igual à turba atrás de Júlio César, pensou ela, se bem que Charles não é nenhum César. Mas aposto que a vida era mais simples quando a Gália estava repartida em três.*

Soou o sinal do início das aulas. A secretária saiu de clac-clac-clac pelo corredor de novo. Era a hora do café do Sr. Jenkins. O som dos saltos parou. Meg ficou esperando, calculou o que seriam cinco minutos, depois apareceu, apertando o indicador contra o lábio superior para sufocar um espirro. Cruzou o corredor e bateu na porta do Sr. Jenkins na mesma hora em que o espirro, enfim, saiu.

Ele, como bem devia, ficou surpreso em vê-la — e nada contente. Suas palavras de fato foram:

- Posso saber a que devo o prazer desta visita?
- Preciso conversar com o senhor, Sr. Jenkins.
- Por que você não está no colégio?
- Eu estou. Neste colégio.
- Faça a gentileza de não ser grosseira, Meg. Vejo que não mudou nada

depois do verão. Torcia para que não fosse um dos meus problemas este ano. Já informou alguém do seu paradeiro? — A luz da manhã refletia nos óculos dele, criando um véu sobre os olhos. Meg puxou seus próprios óculos nariz acima, mas não conseguiu avaliar a expressão que o Sr. Jenkins fazia; ele, pensou ela, estava com a cara de quem sentira o cheiro de algo ruim, como sempre.

— Vou mandar minha secretária levar você para o colégio. — Ele fungou. — O que significa que não terei os serviços dela durante metade deste dia.

— Obrigada, mas eu pego uma carona.

— Vai juntar duas contravenções? Neste estado, pedir carona é proibido por lei.

— Não vim aqui falar de caronas, Sr. Jenkins. Vim conversar sobre o Charles Wallace.

— Não aprecio sua interferência, Margaret.

— Os meninos maiores estão incomodando. Ele vai ficar muito mal se o senhor não interferir.

— Se alguém está insatisfeito com o modo como lido com a situação e deseja discutir comigo, creio que deveriam ser seus pais.

Meg tentou controlar-se, mas a voz se elevou de raiva e frustração.

— Pode ser que eles sejam mais inteligentes que eu e saibam que não vai dar em nada. Ah, Sr. Jenkins, por favor, por favor, eu sei que todo mundo acha que o Charles Wallace não é muito esperto, mas ele...

O Sr. Jenkins interrompeu a fala de Meg.

— Fazemos testes de QI em todos os alunos da primeira série. O QI do seu irmãozinho é perfeitamente satisfatório.

— O senhor sabe que é mais que satisfatório, Sr. Jenkins. Meus pais fizeram testes com ele também, todo tipo de teste. O QI dele é tão alto que não tem como se medir pelos testes normais.

— Não é o que o desempenho dele indica.

— O senhor não percebeu que ele está se segurando para não ser espancado pelos meninos? Ele não entende eles e eles não entendem ele. Que aluno da primeira série entende de farândolas?

— Não sei do que está falando, Margaret. O que sei é que Charles Wallace não me parece muito forte.

— Ele está muito bem!

— Ele está extremamente pálido e com olheiras escuras.

— Como o *senhor* ia ficar se as pessoas lhe dessem um soco no nariz e deixassem-no de olho roxo só porque o senhor sabe mais que elas?

— Se ele é tão inteligente assim — o Sr. Jenkins a fitou com frieza das lentes dos seus óculos —, por que será que seus pais se dão ao trabalho de mandá-lo

para o colégio?

— Se não fosse obrigado pela lei, acho que ele nem vinha.

• • •

Agora, em pé ao lado de Charles Wallace no muro de pedra, olhando as duas rochas glaciais onde não se via dragão nenhum, Meg lembrava das palavras do Sr. Jenkins quanto à palidez de Charles Wallace, e estremeceu.

— Por que as pessoas sempre desconfiam de quem é diferente? Eu sou tão diferente assim? — perguntou Charles.

Meg, passando a ponta da língua nos dentes que até pouco tempo usavam aparelho, olhou para ele com carinho e tristeza.

— Ah, Charles, eu não sei. Eu sou sua irmã. Eu te conheço desde que você nasceu. Eu sou muito próxima pra saber.

Ela sentou-se no muro, mas antes examinou as pedras com cuidado: uma grande cobra negra, gentil e totalmente inofensiva, vivia dentro do muro. Era o bicho de estimação especial dos gêmeos, que viram ela crescer de cobreta até seu exuberante

tamanho atual. Chamava-se Louise, em homenagem à Dra. Louise Colubra, pois os gêmeos haviam aprendido apenas o suficiente de latim para brincar com aquele estranho sobrenome.

— Dra. Cobra — havia dito Dennys. — Que bizarra.

— É um nome legal — disse Sandy. — Vamos usar na nossa cobra. Louise, a Larguda.

— Por que Larguda?

— Por que não?

— Ela não teria que ser mais larga que tudo?

— Ela é.

— Mais larga que a Dra. Louise ela não é.

— Louise Larguda é bem larga para uma cobra que mora no muro de um jardim — disse Dennys, irritado —, e a Dra. Louise é uma médica baixinha. Bem, ela é uma pessoa nanica. Imagino que como médica ela seja gigante.

— Bom, médicos não precisam de tamanho. Mas você tem razão, Den, ela é baixinha. E nossa cobra é grande. — Os gêmeos raramente passavam muito tempo em discordância.

— O único problema é que ela lembra mais um passarinho do que uma cobra.

— Cobras e passarinhos, lá atrás na evolução, não vieram do mesmo filo, ou seja lá como se chama? Enfim, Louise é um nome bem bom para cobra.

A Dra. Louise, felizmente, achou isso muito divertido. As cobras, disse ela aos gêmeos, eram criaturas incompreendidas, e ela estava honrada de ver uma

tão bonita ser batizada em sua homenagem. E cobras, complementou ela, estavam no caduceu, que é o emblema dos médicos. Muito apropriado, portanto.

Louise Larguda havia crescido consideravelmente desde o batismo, e Meg, embora não tivesse medo, sempre tinha cuidado de ver se Louise não estava por perto antes de sentar. Naquele momento, não se via Louise em lugar algum, então Meg relaxou e mais uma vez voltou seus pensamentos a Charles Wallace.

— Você é muito mais inteligente que os gêmeos, mas os gêmeos estão longe de ser burros. Como que *eles* dão conta?

— Queria que eles me contassem — respondeu Charles Wallace.

— Pra começar, eles não falam no colégio como falam em casa.

— Eu achei que, se eu me interessei por mitocôndrias e farândolas, outros iriam interessar-se.

— Achou errado.

— Mas eu me interessei *mesmo*. Por que acham tão estranho?

— Acho que não é tão estranho para o filho de um físico e de uma bióloga.

— A maioria das pessoas não se interessa. Por mitocôndrias e farândolas, no caso.

— E a maioria também não é filha de cientista. Nossos pais nos rendem um monte de desvantagens. Eu nunca vou ser linda que nem a Mãe.

Charles Wallace estava cansado de convencer Meg.

— E o mais incrível nas farândolas é o tamanho.

Meg estava pensando no seu cabelo, o marrom liso e sem graça de um ratinho do campo, diante das ondas ruivas da mãe.

— E daí?

— Elas são tão pequenas que a existência delas ainda é hipotética; nem o microscópio eletrônico mais potente consegue enxergá-las. Mas elas são importantes para nós. Se não tivéssemos farândolas, morreríamos. Só que ninguém no colégio dá a mínima importância. Nossa professora tem um cérebro de gafanhoto. Como você estava dizendo, ter pais famosos não é vantagem.

— Se eles não fossem famosos... pode apostar que todo mundo sabe quando ligam de Los Angeles, ou quando o Pai faz uma viagem à Casa Branca... eles também estariam na mesma. Na nossa família somos todos diferentes. Fora os gêmeos. Eles se dão bem. Talvez porque são normais. Ou sabem fingir que são. Mas aí eu me pergunto: enfim, o que é normal e o que não é? Por que todo esse interesse pelas farândolas?

— A Mãe está trabalhando com farândolas.

— Ela trabalhou com várias coisas e você não se interessou tanto.

— Se ela provar que existem, provavelmente ganhará o Prêmio Nobel.

— E daí? Não é isso que está incomodando você.

— Meg, se alguma coisa acontecer com as farândolas... seria um desastre.

— Por quê? — Meg estremeceu diante de um frio repentino e abotoou o casaco. As nuvens deslizavam pelo céu e, com elas, o vento começou a subir.

— Já falei nas mitocôndrias, não?

— Falou. O que tem as mitocôndrias?

— Mitocôndrias são organismos minúsculos que moram dentro das nossas células. Você tem ideia de como são pequenas?

— Tenho.

— Um ser humano é um mundo inteiro para uma mitocôndria, assim como o planeta é para nós. Mas nós somos muito mais dependentes das mitocôndrias do que a Terra é dependente de nós. A Terra poderia se virar muito bem sem pessoas. Mas, caso acontecesse alguma coisa com as mitocôndrias, nós morreríamos.

— Por que aconteceria alguma coisa com elas?

Charles Wallace encolheu os ombros de leve. Ao pôr do sol, ele parecia muito pálido.

— Acidentes acontecem. Ou doenças. Várias coisas podem acontecer. Mas o que eu meio que captei da Mãe é que várias mitocôndrias estão tendo algum problema por causa das farândolas.

— A Mãe contou isso pra você?

— Em parte. O resto eu... eu captei.

Charles Wallace captava coisas da mente da mãe e da mente de Meg, tal como outra criança colheria margaridas no campo.

— Então o que são farândolas? — perguntou Meg, ajeitando-se nas pedras duras do muro.

— Farândolas vivem numa mitocôndria quase do mesmo modo que uma mitocôndria vive dentro de uma célula humana. Elas são geneticamente independentes das mitocôndrias, assim como as mitocôndrias são independentes de nós. E se alguma coisa acontecer com as farândolas de uma mitocôndria, a mitocôndria... ela fica doente. E provavelmente morre.

Uma folha seca se soltou de seu caule e passou pela bochecha de Meg.

— Por que aconteceria alguma coisa com as farândolas? — repetiu ela.

Charles Wallace também se repetiu.

— Acidentes acontecem, não acontecem? E doenças. E pessoas se matam em guerras.

— Sim, mas isso é com gente. Por que você segue falando de mitocôndrias e de farândolas?

— Meg, a Mãe está trabalhando no laboratório dela noite e dia, quase literalmente, há semanas. Você notou.

— É o que ela costuma fazer quando está interessada.

— Ela está interessada nas farândolas. Ela acha que conseguiu provar a existência delas estudando mitocôndrias, mitocôndrias moribundas.

— Você não tem falado dessas coisas no colégio, tem?

— Algumas coisas eu aprendo, Meg. Você não está me ouvindo.

— Eu estou preocupada.

— Então *me escute*. A Mãe tem ficado tanto no laboratório, tentando descobrir o efeito das farândolas sobre as mitocôndrias, porque ela acha que tem algo errado com as minhas mitocôndrias.

— Como é? — Meg pulou do muro de pedra e virou-se para ficar de frente para o irmão.

Ele falava muito baixinho, então ela teve que se abaixar para ouvir.

— Se as minhas mitocôndrias adoecerem, eu também adoço.

Todo o medo que Meg estava tentando conter ameaçou se soltar.

— Mas é muito sério? A Mãe tem algo pra deixar você melhor?

— Não sei. Ela não me conta. Estou supondo. Ela está tentando me deixar de fora até que saiba mais, por isso só consigo enxergar pelas frestas. Talvez não seja muito sério. Talvez seja só o colégio; me espancam ou me derrubam quase todo dia. Já é o suficiente para eu me sentir... Ei! Veja a Louise!

Meg virou-se, seguindo o olhar dele. Louise Larguda estava rastejando pelas pedras do muro na direção deles, vindo rápida, sinuosa, as curvas negras brilhando roxo e prata à luz de outono. Meg gritou:

— Charles! Rápido!

— Ela não vai nos machucar. — Ele não se mexeu.

— Charles, corra! Ela vai atacar!

Mas Louise cessou seu avanço a menos de um metro de Charles Wallace e ergueu-se, desdobrando-se até ficar de pé, mal apoiada nos últimos centímetros de sua extensão, erguendo-se e observando como se esperasse algo.

— Tem alguém por perto — disse Charles Wallace. — Alguém que Louise conhece.

— Os... os dragões?

— Não sei. Não consigo ver nada. Faça silêncio e deixe eu captar. — Ele fechou os olhos, não para se fechar a Louise, nem para se fechar a Meg, mas para ver com seu olho interno. — Os dragões... eu acho... e um homem, mas mais que um homem... muito alto e... — Ele abriu os olhos e apontou para as sombras onde as árvores ficavam mais densas. — Veja!

Meg achou que via uma forma gigante, indistinta, vindo na direção deles. Antes que ela pudesse ter certeza, Fortinbrás veio a galope pelo pomar, latindo loucamente. Não era seu latido irritado, mas o latido alto com o qual ele recebia

o Sr. e a Sra. Murry ao voltar de viagem, como se anunciasse a chegada deles. Então, com o rabo negro e pesado totalmente erguido, o focinho apontando e tremendo, ele andou a passos largos por toda a extensão do pomar, pulou o muro para o pasto ao norte e correu, ainda farejando, até uma das grandes rochas glaciais.

Charles Wallace, ofegante de tanto esforço, seguiu-o.

— Ele vai onde meus dragões estão! Venha, Meg! Pode ser que ele tenha achado fragos!

Ela correu atrás do garoto e do cão.

— Como que você vai saber como é excremento de dragão? Fragos devem ser que nem estrume de vaca, só que maiores.

— Veja. — Charles Wallace estava de quatro no chão.

No musgo em torno da rocha havia um montinho de penas. Não pareciam penas de pássaro. Eram extraordinariamente macias e brilhantes; entre as penas haviam pedacinhos de escamas que cintilavam em prata e ouro, em forma de folha, as quais, pensou Meg, podiam mesmo ser um dragão.

— Viu, Meg? Eles estiveram aqui! Meus dragões passaram por aqui!



## Um Rasgo na Galáxia

Quando Meg e Charles Wallace voltaram para casa, em silêncio, cada um com seus pensamentos inéditos e estranhos, a noite já vinha chegando com o vento. Os gêmeos os aguardavam e queriam que Charles Wallace aproveitasse o resto do sol e saísse para brincar de bola.

— Já está escuro — disse Charles Wallace.

— Ainda tem uns minutos de dia. Vamos, Charles. Você pode ser esperto, mas é muito lento jogando bola. Aos seis eu já sabia arremessar. Você nem consegue pegar a bola sem se embananar.

Dennys deu um tapinha em Charles, um tapinha que pareceu mais um soco.

— Ele está melhorando. Vem, a gente ainda tem uns minutos.

Charles Wallace fez que não. Não comentou que não estava se sentindo bem; disse, com firmeza, apenas:

— Hoje não.

Meg deixou os gêmeos discutindo com ele e foi à cozinha. A Sra. Murry estava saindo do laboratório e sua mente seguia trabalhando. Ela espiou a geladeira, distraída. Meg a confrontou.

— Mãe, o Charles Wallace acha que tem algo errado com as mitocôndrias ou as farândolas ou uma coisa assim dentro dele.

A Sra. Murry fechou a porta da geladeira.

— Às vezes Charles Wallace pensa demais.

— O que a Dra. Colubra acha? Sobre isso das mitocôndrias?

— Que é uma possibilidade. A Louise acha que a gripe feia que rodou nesse outono, que provocou muitas mortes, talvez não seja gripe, mas sim mitocondrite.

— E é isso que o Charles pode ter?

— Não sei, Meg. É o que eu quero descobrir. Quando eu souber de uma coisa eu lhe digo, como já falei. Até lá, me deixe em paz.

Meg deu um passo para trás e sentou-se numa cadeira da mesa da cozinha. A mãe nunca era tão fria, nunca falava de modo a escorraçar os filhos. Ou seja: ela estava mesmo muito preocupada.

A Sra. Murry virou-se para Meg com um sorriso de desculpa.

— Desculpe, Megatron. Não quis ser ríspida. É que eu estou numa situação complicada, por saber mais sobre as enfermidades possíveis das mitocôndrias do que praticamente qualquer pessoa no mundo. Não esperava que fosse me confrontar tão cedo com os resultados do meu trabalho. E ainda não sei o bastante para dizer a você, nem à Louise, nada de definitivo. Até lá, não tem sentido em ficarmos preocupados a não ser que saibamos que existe um motivo real. No momento, é melhor nos concentrarmos nos problemas de Charles Wallace no colégio.

— Ele está bem para ir ao colégio?

— Acho que sim. Por enquanto. Não quero tirá-lo até ser obrigada.

— Por que não?

— Uma hora ele teria que voltar, Meg, e aí as coisas seriam piores que nunca. Se ele conseguir suportar essas primeiras semanas...

— Mãe, ninguém por aqui já viu um garoto de seis anos igual ao Charles.

— Ele é extremamente inteligente. Mas já houve tempos em que não era incomum um garoto de doze ou treze anos formar-se em Harvard, Oxford ou Cambridge.

— Hoje é incomum. E você e o Pai não vão conseguir mandar ele pra Harvard aos seis. Enfim, não é só por ele ser inteligente. Como que ele sabe o que a gente sente e pensa? Não sei quanto você contou pra ele, mas o Charles Wallace entende muito de mitocôndrias e farândolas.

— Conte o que achei razoável.

— Ele sabe mais que o razoável. E sabe que você está preocupada com ele.

A Sra. Murry ficou sentada em um dos bancos altos perto da bancada da cozinha que separava a área de trabalho do resto do aposento iluminado e comprido, que eles usavam para jantar e estudar. Soltou um suspiro.

— Você tem razão, Meg. Charles Wallace não tem só uma cabeça boa. Ele tem poderes de intuição extraordinários. Se conseguir disciplinar e canalizar esses poderes quando crescer... se ele... — Ela parou. — Eu tenho que pensar no jantar.

Meg sabia quando parar de pressionar a mãe.

— Eu ajudo. O que vamos fazer? — Ela não falou nos dragões de Charles Wallace. Não falou no comportamento estranho de Louise Larguda, nem na sombra ou seja lá o que fosse aquilo que eles não tinham enxergado direito.

— Ah, espagete seria fácil — a Sra. Murry afastou um cacho de cabelos ruivos e escuros da testa — e muito bom para uma noite de outono.

— E temos um monte de tomate, pimentão e outras coisas do jardim dos gêmeos. Mãe, eu amo os gêmeos até quando eles me encham o saco, mas o

Charles...

— Eu sei, Meg. Você e Charles sempre tiveram uma relação especial.

— Mãe, eu não consigo ficar sem fazer nada diante do que está acontecendo com ele no colégio.

— E nem eu, Meg.

— Então o que você vai fazer?

— Estamos tentando não fazer nada. Seria fácil tirar Charles do colégio, mas seria temporário. Pensamos nisso imediatamente, mesmo antes de ele ficar... Mas Charles Wallace vai ter que viver em um mundo feito de gente que não pensa nem um pouco igual a ele. E quanto antes ele começar a aprender a se dar bem com os outros, melhor. Nem você nem Charles têm capacidade de adaptar-se ao que os gêmeos fazem.

— Charles é bem mais esperto que os gêmeos.

— A forma de vida que não se adapta não dura.

— Mesmo assim eu não gosto.

— Nem seu pai e nem eu, Meg. Mas fique conosco. Lembre-se que você tem uma tendência a se antecipar quando o melhor a ser feito é esperar e ser paciente.

— Eu não sou *nem um pouquinho* paciente.

— E precisava me informar?

A Sra. Murry pegou tomates, cebolas, pimentões verdes e vermelhos, alho e alho-poró do compartimento de legumes. Assim que começou a picar as cebolas dentro de uma grande panela de ferro, ficou pensativa e disse:

— Sabe, Meg... você também teve um período bem difícil no colégio.

— Não tanto quanto o Charles. E eu não sou esperta como o Charles. Fora em matemática, talvez.

— Talvez não seja... mas você tende a subestimar suas habilidades. Enfim, quero dizer que, neste ano, parece que você está achando o colégio até que suportável.

— Não tenho mais o Sr. Jenkins. E tenho o Calvin O'Keefe. O Calvin é importante. Ele é estrela do basquete e presidente dos formandos e tudo mais. Toda pessoa de quem ele gosta é meio que protegida pela... pela aura do Calvin.

— E por que você diria que Calvin gosta de você?

— Com certeza não é por causa da minha beleza.

— Mas ele gosta de você, não é, Meg?

— Bom, sim, acho que sim, mas o Calvin gosta de muita gente. E ele podia ficar com a garota que quisesse no colégio.

— Mas escolheu você, não foi?

Meg sentiu-se ruborizada e levou as mãos às bochechas.

— É. Sim. Mas é diferente. É por causa das coisas que a gente passou juntos.

E a gente é amigo-amigo. Tipo, a gente não é como a maioria do pessoal.

— Fico feliz que vocês sejam amigos-amigos. Gosto muito daquele cenourinha magrelo.

Meg riu.

— Eu acho que o Calvin confunde você com Pallas Atena. Você é o ideal dele. E ele gosta de nós todos. A família dele é uma bagunça. Acho que ele gosta de mim por causa da nossa família.

A Sra. Murry soltou um suspiro.

— Pare de se colocar para baixo, Meg.

— Quem sabe pelo menos eu aprendo a cozinhar que nem você. Sabia que foi um irmão do Calvin que bateu no Charles Wallace hoje? Aposto que ele ficou triste. Não o Whippy, porque ele nem dá bola. O Calvin, no caso. Alguém deve ter contado pra ele.

— Quer ligar para o Calvin?

— Eu não. Não pro Calvin. Eu tenho que esperar. De repente ele vem aqui. — Ela soltou um suspiro. — Eu queria que a vida não fosse tão complicada. Você acha que um dia eu vou ter dois doutorados que nem você, Mãe?

A Sra. Murry tirou os olhos dos pimentões e riu.

— Isto não é resposta para todos os problemas. Existem outras soluções. Nesse momento meu interesse maior é saber se coloquei pimentão demais no molho; perdi a conta.

Elas haviam acabado de sentar-se à mesa quando o Sr. Murry telefonou para contar que ia direto de Washington para passar uma semana em Brookhaven. Estas viagens não eram nada incomuns para os pais de Meg, mas, no momento, qualquer coisa que tirasse o pai ou a mãe de casa lhe parecia sinistro. Sem muita convicção, ela disse:

— Espero que ele se divirta. Ele gosta de muita gente lá.

Mas ela sentia um certo pânico em não ter o pai e a mãe em casa todas as noites. Não só por conta dos temores quanto a Charles Wallace; era que de repente o mundo inteiro parecia inseguro e incerto. Muitas casas das redondezas haviam sido arrombadas naquele outono. Embora não tivessem levado nada de valor, esvaziavam as gavetas por pura maldade, jogavam a comida no chão da sala de estar, rasgavam os estofados. Até o vilarejinho tão seguro deles começava a se revelar imprevisível, irracional e precário. Embora Meg já houvesse começado a entender a situação mentalmente, nunca havia sentido aquilo no corpo inteiro. Agora havia a fria consciência da incerteza de toda a vida, independente dos cuidados no planejamento, que deixava um buraco no fundo do seu estômago. Ela engoliu em seco.

Charles Wallace olhou para ela e disse, sem sorrir:

— Planos tão bem traçados de homens e ratos...

— À ruína levarão — encerrou Sandy.

— O homem põe, Deus dispõe — complementou Dennys, para não ficar de fora.

Os gêmeos estenderam os pratos pedindo mais espaguete. Os dois nunca perdiam o apetite.

— Por que o Pai tem que ficar uma semana inteira lá? — perguntou Sandy.

— É o trabalho dele, oras — disse Dennys. — Mãe, acho que você podia ter colocado mais pimentão no molho.

— Ele passou muito tempo fora de casa nesse outono. Devia ficar mais tempo aqui. Eu achei o molho bom.

— Claro que está bom. Só queria que fosse um pouco mais picante.

Meg não estava pensando em espaguete, embora polvilhasse parmesão sobre o seu. Ficou perguntando-se o que a mãe diria se Charles Wallace lhe contasse dos dragões. Se houvesse mesmo dragões ou algo razoavelmente parecido com dragões no pasto ao norte da casa, eles não tinham que avisar os pais?

— Quando eu crescer, vou ser banqueiro e ganhar dinheiro — disse Sandy. — Alguém nessa família tem que viver no mundo real.

— Não que achemos que ciência não seja o mundo real, Mãe — explicou Dennys —, mas você e o Pai não são cientistas da prática, vocês são cientistas da teoria.

— Não sou totalmente teórica, Sandy — objetou a Sra. Murry. — E nem o seu pai.

— Passar horas e horas espiando no seu microscópio microeletrônico e ouvindo o seilaoquê microssonar não é prática — declarou Sandy.

— Vocês só ficam olhando coisas que ninguém mais vê — complementou Dennys —, ouvindo coisas que ninguém ouve e pensando nessas coisas.

— Seria bom se mais gente soubesse pensar — Meg defendeu a mãe. — Depois que a Mãe pensa bastante numa coisa, ela põe em prática. Ou outra pessoa põe.

Charles Wallace deixou a cabeça pender com um olhar de satisfeito.

— *Prático* quer dizer uma coisa que funcione na prática?

A mãe fez que sim.

— Então não interessa se a Mãe sentar e pensar. Ou se o Pai passa uma semana debruçado sobre uma equação. Mesmo que ele escreva na toalha de mesa. Suas equações serão práticas se outra pessoa as puser em prática. — Ele enfiou a mão no bolso, como se fosse responder o que Meg vinha pensando sobre os dragões, e puxou uma pena. Não uma pena de passarinho, mas um brilho estranho que refletia a luz. — Então, meus irmãos práticos: o que é isto?

— Uma pena — disse Sandy, sentado ao lado de Charles Wallace e debruçando-se sobre a pena de dragão.

Dennys levantou-se e deu a volta na mesa para ver também.

— Deixe eu...

Charles Wallace deixou a pena entre os dois.

— De que tipo é?

— Nossa, mas é muito interessante! — Sandy tocou na base da pena. — Não acho que seja de passarinho.

— Por que não? — perguntou Charles Wallace.

— A raque está errada.

— A quem? — perguntou Meg.

— A raque. É como se fosse um pedaço do eixo da pena. A raque tinha que ser oca. Mas esta é sólida, parece metálica. Onde você pegou, Charles?

Charles Wallace entregou a pena à mãe. Ela ficou observando-a meticulosamente.

— Sandy tem razão. A raque não parece de passarinho.

— Então do que... — disse Dennys.

Charles Wallace pegou a pena e colocou de volta no bolso.

— Estava no chão, perto das rochas grandes no pasto. Não era só essa. Tinha várias.

Meg abafou um risinho levemente histérico.

— Charles e eu achamos que podem ser fragos.

Sandy virou-se para ela com a dignidade ferida.

— Frago é excremento de dragão.

— Deixe de ser bobo — disse Dennys. — Você sabe o que é, Mãe?

Ela fez que não com a cabeça.

— O que você acha que é, Charles?

Charles Wallace, como fazia vez por outra, voltou-se para si. Quando Meg conformou-se que ele não ia responder mesmo, ele disse:

— É uma coisa que não faz parte do mundo prático de Sandy e Dennys. Quando eu souber mais, eu lhes digo. — Ele falou muito parecido com a mãe deles.

— Ok, então. — Dennys já havia perdido o interesse e voltado a sua cadeira. — O Pai lhe disse por que tinha que ir tão rápido para Brookhaven ou é mais uma dessas coisas superultraconfidenciais?

A Sra. Murry olhou para a toalha de mesa xadrez e os restos da equação que não haviam saído na lavagem; rabiscar equações no que estivesse na frente era o hábito que ela não havia conseguido tirar do marido.

— Não é segredo. Já saiu bastante coisa nos jornais, inclusive.

— Sobre o quê? — perguntou Sandy.

— Tem acontecido um fenômeno inexplicável, não na nossa região da galáxia, mas bem longe, e em várias outras galáxias... bom, o jeito mais fácil de explicar é dizer que nossos instrumentos sônicos hipersensíveis têm captados sons estranhos, sons que não estão no registro normal, mas muito mais altos. Depois de um som desses... um grito cósmico, como escreveram no *Times*, com um tiquinho de sensacionalismo... parece que fica um pequeno rasgo na galáxia.

— E isso quer dizer o quê? — perguntou Dennys.

— Parece que várias estrelas sumiram.

— Sumiram para onde?

— Isso que é estranho. Elas desaparecem. Totalmente. Onde havia estrelas ficou, até onde nossos instrumentos detectam, nada. Lembra que seu pai estava na Califórnia semanas atrás, no Monte Palomar?

— Mas coisas não podem desaparecer assim — disse Sandy. — Nós já aprendemos no colégio... tem o equilíbrio da matéria.

— Pois parece que está se desequilibrando — complementou a mãe, delicadamente.

— Tipo a ecologia, você quer dizer?

— Não. Estou dizendo que parece mesmo que a matéria é destruída.

— Mas isso é impossível — falou Dennys, sem mudar de tom.

—  $E = MC^2$  — disse Sandy. — Matéria não pode ser convertida em energia, nem energia em matéria. Ou se tem uma ou outra.

— Até o momento, a lei de Einstein nunca foi contrariada — disse a Sra. Murry. — Mas agora está sendo posta em dúvida.

— O nada absoluto... — disse Dennys. — Isso é impossível.

— É de se esperar que seja.

— E é por isso que o Pai tem viajado?

— Sim, para consultar vários cientistas: Shasti, da Índia; Shen Shu, da China... vocês já ouviram falar deles.

Pelas janelas da sala de estar veio um relâmpago repentino, seguindo de um estalo de trovão muito alto. As janelas tremeram. A porta da cozinha se abriu. Todo mundo pulou.

Meg levantou-se de sobressalto, chorando de nervosa.

— Ah, Mãe...

— Sente-se, Meg. Não é a primeira vez que você ouve trovões.

— Tem certeza que não é uma dessas coisas cósmicas?

Sandy fechou a porta.

— Absoluta. — A Sra. Murry estava calma e em tom apaziguante. — São totalmente inaudíveis ao ouvido humano. — O relâmpago brilhou de novo. O

trovão ribombou. — Aliás, existem só dois instrumentos no mundo que têm a sensibilidade para captar o som, que é de uma agudeza absurda. É perfeitamente possível que esteja acontecendo há bilhões, e só agora nossos instrumentos conseguem captar.

— Passarinhos conseguem ouvir sons acima do nosso espectro — disse Sandy. — Quer dizer, além da escala, que nós não temos como ouvir.

— Esse os passarinhos não ouvem.

— Será que cobras conseguem ouvir na escala de um passarinho? — perguntou Dennys.

— Cobras não têm ouvidos — contrapôs Sandy.

— E daí? Elas sentem vibrações e ondas sonoras. Eu acho que a Louise ouve um monte de coisas fora da amplitude humana. O que tem de sobremesa?

— A gente não costuma ter trovoadas em outubro. — A voz de Meg seguia tensa.

— Meg, por favor, acalme-se. — A Sra. Murry começou a limpar a mesa. — Se você parar e pensar, vai lembrar que tivemos tempestades fora de época todo mês deste ano.

— Por que a Meg sempre exagera tudo? — disse Sandy. — Por que ela tem que ser tão cósmica? O que tem de sobremesa?

— Eu não... — Meg começou a se defender, mas deu um salto quando a chuva começou a tamborilar nas janelas.

— Tem um pouco de sorvete no freezer — disse a Sra. Murry. — Desculpem, eu não tenho pensado em sobremesas.

— Era pra Meg fazer sobremesa — disse Dennys. — Não que a gente queira torta nem nada assim, Meg, mas nem você se perdia numa receita de gelatina.

Charles Wallace captou o olhar de Meg e ela fechou a boca. A mão dele voltou ao bolso do roupão, embora desta vez não para mostrar uma pena, e ele lhe deu um sorriso comedido, privado. Ele podia estar pensando nos dragões, mas também vinha escutando com cuidado, tanto à conversa quanto à tempestade, sua cabeça clara pendendo levemente para um lado. — Este rasgo na galáxia, Mãe... tem algum efeito no nosso sistema solar?

— Isso — respondeu a Sra. Murry — é o que todos nós gostaríamos de saber. Sandy cortou o papo por impaciência.

— Muito complicado pra mim. Com certeza que ser banqueiro é mais simples.

— E mais lucrativo — complementou Dennys.

As janelas sacudiram ao vento. Os gêmeos olharam para a chuva chicoteante em meio às trevas.

— Que bom que tiramos bastante coisa da horta antes do jantar.

— É quase granizo.

— É perigoso esse... esse rasgo no céu, ou seja lá o que for? — perguntou Meg, nervosa.

— Meg, nós não sabemos nada. Pode ser que venha acontecendo desde sempre, mas só agora temos instrumentos para registrar.

— Tal como as farândolas — disse Charles Wallace. — Tendemos a pensar que coisas são novas porque acabamos de descobrir que existem.

— Mas é perigoso? — repetiu Meg.

— Meg, nós ainda não sabemos nada. Por isso é importante que seu pai e os outros físicos se reúnam de uma vez.

— Mas pode ser perigoso?

— Qualquer coisa pode ser perigosa.

Meg olhou para os restos de comida no prato. Dragões e rasgos no céu. Louise e Fortinbrás captando algo grande e estranho. Charles Wallace pálido e apático. Ela não gostava de nada disso.

— Eu lavo os pratos — disse ela à mãe.

Elas arrumaram a cozinha em silêncio. A Sra. Murry havia mandado os gêmeos ensaiarem para a orquestra do colégio: Dennys na flauta, que ele tocou bem, acompanhado de Sandy, com menos habilidade, no piano. Apesar da relutância dos dois, o som era agradável, familiar, e fez Meg relaxar. Quando a lava-louças já estava zumbindo, as panelas e frigideiras bem limpas e devidamente penduradas nos ganchos, ela subiu para seu quarto no sótão e fez o dever de casa. Aquele aposento devia ser seu espaço privado e seria perfeito não fosse o fato de raramente ser privado: os gêmeos guardavam seus ferramental na parte grande e aberta do sótão; a mesa de pingue-pongue ficava lá, assim como tudo que não se quisesse lá embaixo mas também não se queria jogar fora. Embora o quarto de Meg ficasse na outra ponta do sótão, ficava facilmente acessível aos gêmeos quando eles precisavam de ajuda no dever de matemática. E Charles Wallace sempre sabia quando ela estava incomodada, sem que lhe dissessem, e subia no sótão para sentar ao pé da cama dela. As únicas vezes que ela não queria Charles Wallace era quando ele era o motivo da sua aflição. Neste momento, Meg não o queria por perto.

A chuva continuava respingando na janela do quarto, mas sua força era cada vez menor. O vento estava mudando, de sul para oeste; a tempestade passava e a temperatura caía. O quarto dela estava frio, mas ela não ligou na tomada o aquecedor elétrico que os pais haviam lhe dado para compensar a calefação que não subia a escada até o sótão. Em vez disso, ela tirou os livros do caminho e desceu a escada na ponta do pé, com mais cuidado no sétimo degrau, que não só rangia mas também, às vezes, estalava como um tiro.

Os gêmeos continuavam ensaiando. A mãe dela estava na sala de estar, em

frente à lareira, lendo para Charles Wallace — não livros sobre trens, nem animais, que os gêmeos gostavam naquela idade, mas uma revista científica. Era um artigo chamado “As Polarizabilidades e Hiperpolarizabilidades de Pequenas Moléculas”, do químico teórico Peter Liebmann.

*Ai, pensou Meg, pesarosa. Se o Charles Wallace lê esse tipo de coisa antes de dormir, como é que os nossos pais querem que ele faça a primeira série sem se encrencar?*

Charles Wallace estava deitado no chão em frente à lareira, observando as labaredas, em parte atento, em parte taciturno, sua cabeça como sempre acomodada no porte agradável de Fortinbrás. Meg teria gostado de levar Fortin consigo, mas isto indicaria à família que ela tinha saído. Ela passou o mais rápido e silenciosa possível pela cozinha e saiu pela despensa. Ao fechar a porta da cozinha atrás de si, devagar, com cuidado, para ninguém ouvir, a porta da despensa se soltou e fez um estrondo. Então, com a rajada de vento, a porta do laboratório da mãe também bateu.

Ela parou e ficou atenta, esperando que um dos gêmeos abrisse a porta da cozinha para ver o que se passava. Mas nada aconteceu, exceto pelo vento que soprou loucamente pela despensa. Ela estremeceu e pegou as primeiras roupas de chuva que encontrou: um grande poncho preto de borracha que era de um dos gêmeos e servia também como assoalho de barraca; e o chapéu amarelo que Charles Wallace usava quando chovia. Então ela tirou a lanterna grande do gancho, fechou a porta da despensa com firmeza e correu pelo gramado, tropeçando no aro de croqué. Mancando, ela cruzou o canteiro de dentes de leão, bardanas e serralha que estava crescendo na fenda que os gêmeos haviam feito na cerca de uva-espim. Assim que chegou à horta, torceu que fosse invisível a quem estivesse olhando por acaso pela janela. Imaginava a reação de Sandy ou Dennys se eles a perguntassem onde estava indo e ela respondesse que ia procurar dragões.

Por que, aliás, ela tinha saído? E estava procurando o quê? Seriam dragões? Fortinbrás e Louise haviam visto alguma coisa — e não tiveram medo — e esta coisa havia deixado penas e escamas. Esta coisa — ou estas coisas — provavelmente não havia ficado muito à vontade no pasto molhado. Se aquela coisa — ou aquelas coisas — viesse buscar abrigo na casa, ela queria estar a postos.

Não só para dragões, nos quais ela não acreditava, apesar de crer em Charles Wallace e na pena com a raque curiosa, mas também por causa de Louise Larguda. Os gêmeos insistiam que Louise era uma cobra incomum, mas aquela tarde fora a primeira vez que Meg vira sinais de que Louise era algo mais que uma cobra de jardim disposta e banal.

Meg conferiu as sombras na parede, mas não havia sinal de Louise. Então ela ficou lá, nem um pouco ansiosa para cruzar o pomar de macieiras e entrar no pasto ao norte até as duas rochas glaciais. Por alguns instantes ela ficaria no jardim caseiro, para recuperar a coragem e ficar a salvo de ser descoberta: os gêmeos dificilmente sairiam de casa depois do escuro, no frio e no molhado, para admirar os últimos poucos repolhos, ou o pé que havia lhes rendido o pepino premiado, do tamanho de uma abobrinha parruda.

O jardim fazia fronteira leste com duas fileiras de girassóis que ficavam lá com suas cabeças pesadas e franzidas inclinadas, de modo que pareciam um conluio de bruxas; Meg os olhou com nervosismo; pingos caíam de seus rostos com despreocupação melancólica, mas não mais do céu. Havia uma fresta de luz da lua cheia por trás das nuvens minguando, que transformava todos os legumes em seres estranhos e irreais. As fileiras bem amplas onde antes ficavam feijões, alface e ervilhas tinham aspecto de abandono; havia uma atmosfera de tristeza e confusão naquele padrão cuidadosamente planejado.

— Assim como tudo mais — falou Meg aos poucos pés de couve-flor que sobraram —, vocês estão desmoronando. Não é certo que, nos Estados Unidos da América, uma criancinha não se sinta segura no colégio.

Ela andou devagar rente ao muro do pomar. O cheiro de sidra das maçãs caídas foi entrecortado pelo vento que mudara totalmente de rota e agora se imiscuía pelo jardim do noroeste, afiado e cintilando com a geada. Ela viu uma sombra passar pelo muro e deu um pulo para trás: Louise Larguda. Tinha que ser Louise Larguda. E Meg não podia subir naquele muro nem cruzar o pomar para o pasto ao norte até ter certeza que nem Louise nem a forma que não se via direito estivessem lá, esperando para emboscá-la. Suas pernas pareciam água, então ela sentou-se sobre uma grande abóbora atarracada para esperar. O vento frio roçou seu rosto; corutos de milho sibilaram como ondas do oceano. Ela olhou ao seu redor, com toda cautela. Percebeu que estava olhando através de lentes com riscos e borrifos deixados pelas gotas de chuva soprando de girassóis e milho. Então tirou os óculos, tateou sob o poncho atrás de seu saiote e os limpou.

Ficou melhor, embora o mundo ainda estivesse oscilante, como se fosse visto debaixo d'água.

Ela ficou escutando; escutando. No pomar, ouviu o som delicado de maçãs caindo; o vento sacudindo as árvores; os galhos farfalhando. Espiou no escuro. Havia algo se mexendo, chegando mais perto.

Cobras nunca saem no frio e no escuro. Isso ela sabia. A não ser que...

Louise...

Sim, era a grande cobra. Ela surgiu das pedras do muro, devagar, cautelosa,

atenta. O coração de Meg ribombava, mesmo que Louise não fosse ameaça. No mínimo, Louise não a ameaçava. Mas Louise estava aguardando, e desta vez não havia nada de receptivo naquela postura. Meg ficou olhando fascinada para a cabeça da cobra que lentamente ia para lá e para cá, depois estremecia ao identificar alguma coisa.

— Margaret. — Uma voz surgiu atrás de Meg.

Ela deu um giro completo.

Era o Sr. Jenkins. Ela olhou para ele absolutamente pasma.

— Seu irmãozinho achou que eu a encontraria aqui, Margaret — disse ele.

Sim, Charles teria como saber, saberia dizer onde ela estava. Mas por que o Sr. Jenkins teria conversado com Charles Wallace? O diretor nunca fora à casa dos Murry — nem de pai algum. Todas as conversas haviam se dado no anonimato seguro da sua sala. Por que ele andaria pela grama molhada e pelo pomar, ainda pingando água, para procurar por ela em vez de mandar um dos gêmeos?

— Quis vir e encontrá-la por conta própria, Margaret — disse ele —, porque acho que lhe devo uma desculpa pela minha rispidez quando conversamos na semana passada.

Ele estendeu a mão, pálida ao luar que oscilava entre as nuvens.

Absolutamente confusa, ela estendeu a mão para tocar a dele. Quando fez isto, Lousie se ergueu no muro às suas costas, sibilando e fazendo um estrépito estranho, de alerta. Meg virou-se para ver a cobra, que parecia imensa e encapuzada como uma naja, sibilando feroz para o Sr. Jenkins, erguendo seus grandes anéis negros para o ataque.

O Sr. Jenkins gritou, de um modo que ela nunca imaginara que um homem pudesse gritar. Um berro alto e penetrante.

Então ele subiu ao céu noturno como um grande pássaro batendo asas, e voou, gritando pelo céu, até virar um arranhão, um vazio, um rasgo de nada...

Meg percebeu que também estava gritando.

Aquilo não podia ter acontecido.

Não havia ninguém ali. Nada.

Ela achou ter visto Louise rastejando de volta por um recôndito escuro no muro de pedra, até sumir...

Era impossível.

Sua mente havia se quebrado. Era uma alucinação provocada pelo clima, pelo seu nervosismo, pelo estado do mundo...

Um cheiro denso, feio, como repolho estragado, como talos de flores que haviam passado tempo demais na água, subiu como miasma do ponto onde o Sr. Jenkins estivera...

Mas ele não podia ter estado ali...

Ela gritou de novo, num pânico incontrolável, enquanto uma forma alta corria na direção dela.

Calvin. Calvin O'Keefe.

Ela irrompeu em lágrimas históricas de alívio.

Ele saltou sobre o muro para chegar nela. Seus braços fortes, finos e firmes a envolveram, abraçaram-na.

— Meg. Meg, o que foi?

Ela não conseguia controlar os gemidos de pavor.

— Meg, o que foi? O que aconteceu? — Ele, também nervoso, a sacudiu.

— Eu sei que vai parecer incrível... — ela começou a dizer, ainda ofegante, antes de contar tudo. Ainda tremia violentamente, com o coração acelerado. Como ele não falou, mas continuou a lhe dar tapinhas nas costas, tranquilizando-a, ela disse, em meio aos últimos soluços:

— Ah, Calvin, eu queria que *fosse* imaginação. Você acha... você acha que foi?

— Não sei — disse Calvin, direto. Ele continuou a abraçá-la com força, reconfortante.

Agora que Calvin estava ali, que ia assumir a situação, ela conseguia soltar um gargalhada só um pouquinho histórica.

— O Sr. Jenkins sempre disse que tenho imaginação demais... mas nunca esse tipo de imaginação. Eu nunca alucinei nem nada, não é?

— Não — respondeu ele, resolutamente. — Nunca. O que é esse fedor?

— Não sei. Não está tão ruim agora quanto na hora em que você chegou.

— Faz forragem cheirar a rosas. Eca.

— Calvin... a Louise Larguda... não é a primeira vez que Louise faz uma coisa estranha hoje.

— O quê?

Ela lhe contou sobre Louise naquela tarde.

— Mas ela não estava atacando nem nada, ainda estava amigável. Sempre foi uma cobra amiga. — Meg soltou a respiração com um suspiro comprido, trêmulo. — Cal, me empreste seu lenço, por favor. Meus óculos estão imundos, eu não consigo ver nada, e agora eu gostaria de ver o que está acontecendo.

— Meu lenço está imundo. — Mas Calvin pescou-o no bolso.

— Melhor que limpar no saio.

Meg cuspiu nos óculos e passou o lenço. Sem eles, ela só conseguia ver um vago borrão do garoto. Foi o que impulsionou sua ousadia para dizer:

— Oh, Cal, eu esperava mesmo que você aparecesse hoje à noite.

— Estou surpreso que você ainda queira conversar comigo. Eu vim pedir

desculpas pelo que meu irmão fez com Charles Wallace.

Meg ajustou os óculos com o empurrão de sempre para eles subirem pelo nariz, no momento em que uma nesga de luar irrompeu pelas nuvens e iluminou a expressão perturbada de Calvin. Ela devolveu o lenço.

— Não foi culpa sua.

E depois:

— Eu devo ter tido uma anomalia mental ou algo do tipo, com isso da Louise e o Sr. Jenkins, não foi?

— Não sei, Meg. Você nunca teve uma anomalia mental, teve?

— Não que eu saiba.

— O Sr. Jenkins que vá aos fragos, enfim.

— O que foi que você disse! — Ela quase gritou.

— O Sr. Jenkins que vá aos fragos. “Que vá aos fragos” é meu novo xingamento. Cansei dos de sempre. Fragos são excrementos de dragão, e...

— Eu sei que fragos são excrementos de dragão! O que eu quero saber é por que você foi falar de fragos, logo de fragos?

— Me pareceu uma opção sensata.

De repente, ela voltou a tremer.

— Calvin... por favor... não... é muito sério.

Ele parou com o tom sarcástico.

— Ok, Meg, o que tem os fragos?

— Ah, Cal, eu estava tão abalada com a coisa sobre o Sr. Jenkins que quase esqueci dos dragões.

— Dos o quê?

Ela lhe contou tudo sobre Charles Wallace e os dragões.

— E ele também nunca teve alucinações. — Meg contou sobre como Louise reagiu à sombra de algo que eles não haviam visto direito. — Mas com certeza não era o Sr. Jenkins. Louise não estava nada amigável em relação ao Sr. Jenkins.

— É loucura — disse Calvin —, loucura total.

— Mas nós vimos fragos, Calvin... ou alguma coisa assim, que na verdade pareciam penas, mas não penas de verdade. Charles Wallace levou uma dessas para casa... tinha uma pilha... essas coisas que pareciam penas e escamas de dragão, perto da maior pedra no pasto norte.

Calvin botou-se de pé.

— Então vamos! Traga sua lanterna.

Agora já era possível atravessar o pomar e entrar no pasto com Calvin à frente. Em primeiro lugar na mente de Meg, suplantando o medo, estava a necessidade de provar que ela e Charles Wallace não estavam só inventando

coisas, que as histórias loucas que ela havia contado a Calvin eram reais — não do Sr. Jenkins transformando-se em um vazio voador no céu, pois isso ela não queria que fosse verdade; mas, sim, os dragões. Pois, se nada que havia acontecido tivesse contato com a realidade, era porque ela estava perdendo as estribeiras.

Quando chegaram ao pasto, Calvin tirou a lanterna da mão dela.

— Eu vou um pouco à frente.

Mas Meg seguiu-o de perto. Ela achou que sentia a desconfiança de Calvin conforme ele passava o arco de luz pela base da rocha. O feixe foi descansar em um pequeno círculo, e no centro do círculo brilhava uma coisa dourada e cintilante.

— Ufa... — Calvin disse.

Meg deu risadas de alívio e tensão.

— Você não está falando de fragos? Alguém já viu um frago?

Calvin estava de quatro no chão, passando os dedos pela pequena pilha de penas e escamas.

— Ok, ok, isso é muito peculiar. Mas o que fez isso? Afinal de contas, um bando de dragões não desaparece de uma hora pra outra.

— Uma revoada de dragões — corrigiu Meg, automaticamente. — Você acha que são dragões mesmo?

Calvin não respondeu, mas sim perguntou:

— Você contou à sua mãe?

— Charles Wallace mostrou a pena aos gêmeos durante o jantar, e a Mãe também viu. Os gêmeos disseram que não era uma pena de passarinho porque a raque estava errada, e então a conversa mudou de rumo. Acho que Charles mudou de propósito.

— Como ele está? — perguntou Calvin. — O Whippy machucou ele muito?

— Ele já se machucou mais. A Mãe colocou compressas no olho, que está com hematomas. Mas só isso. — Ela ainda não estava preparada para falar da palidez nem da ofegância. — Parece até que vivemos na zona mais barra-pesada de um conjunto habitacional ou coisa do tipo, e não na bucólica zona rural. Não tem um dia que ele não leve um empurrão dos garotos grandões... não é só com o Whippy. Cal, por que os meus pais sabem tudo de física, biologia e tudo mais, mas nada para impedir que o filho leve essas sovas?

— Se serve de consolo, Meg, duvido que meus pais saibam a diferença entre física e biologia — disse Calvin, apoiando-se na menor de duas pedras. — Talvez Charles se desse melhor em um colégio da cidade, onde tem vários tipos de crianças: brancas, negras, asiáticas, que falam espanhol, ricas, pobres. Talvez ele não se destacasse como alguém tão diferente se houvesse outros diferentes.

Aqui... bom, aqui todo mundo é meio igual. As pessoas têm um certo orgulho porque seus pais moram aqui e são amiguinhos do presidente e tudo o mais. Mas os Murry com certeza não são iguais a todo mundo.

— Você se vira.

— Assim como os gêmeos. Jogando conforme as leis da selva, como você sabe. De qualquer modo, meus pais e avós nasceram bem aqui no vilarejo, assim como meus bisavós. Os O’Keefe podem ser ineptos, mas pelo menos não são recém-chegados.

A voz dele ficou mais grave, deixando entrever uma tristeza antiga.

— Ah, Cal...

Ele encolheu os ombros para o humor tenebroso ir embora.

— Acho que era bom irmos conversar com sua mãe.

— Ainda não. — A voz de Charles Wallace surgiu de trás deles. — Ela já tem preocupações demais. Vamos esperar até que os dragões voltem.

Meg deu um pulo.

— Charles! Por que você não está na cama? A Mãe sabe que você saiu?

— Eu estava na cama e a Mãe não sabe que eu saí. É óbvio.

Meg estava quase às lágrimas de tão exaurida.

— Nada mais é óbvio.— E complementou, num tom de voz de irmã mais velha: — Você não devia ter saído tão tarde.

— O que aconteceu?

— O que você quer dizer?

— Meg, eu saí porque alguém assustou você. — Ele deu um suspiro, um suspiro cansado e velho para um garotinho tão pequeno. — Eu estava quase dormindo e senti você gritar.

— Não quero contar. Não quero que tenha acontecido. Cadê o Fortinbrás?

— Deixei-o em casa e disse que não avisasse que não estou no último sono na minha cama. Não queria ele às voltas com dragões. Meg, o que aconteceu? Você tem que me contar.

— Ok, Charles, não duvido mais dos seus dragões — disse Meg. — Nenhum dragão seria mais incrível do que o Sr. Jenkins vir me procurar no jardim, e aí virar um... um pássaro gigante gritando até virar nada. — Ela falava com pressa, pois o que dizia soava absurdo.

Charles Wallace não riu. Ele abriu a boca para falar, depois deu um giro.

— Quem está aqui?

— Ninguém — disse Calvin. — Meg e eu. Você. — Mas ele pulou da pedra.

— Há outra pessoa. Próxima.

Meg aproximou-se de Calvin. O coração dela parecia ter parado de bater.

— Silêncio — disse Charles Wallace, embora eles ainda não houvessem

falado nada. Ele ficou escutando com a cabeça erguida, como Fortinbrás captando um cheiro.

À direita do pasto havia um bosque, uma pequena floresta de carvalho, bordos, faias, despida de tudo fora algumas folhas secas, tendo por trás a riqueza do inverno escuro de abetos e pinheiros de espécies variadas. O chão, onde o luar não chegava, estava coberto de folhas úmidas caídas e pinhos que silenciavam os passos. Então eles ouviram o estalo de um galho quebrando.

Meg e Calvin, esforçando-se para espiar entre as árvores, não viram nada.

Então Charles Wallace gritou:

— Meus dragões!

Eles se viraram e viram, perto da grande rocha...

asas, asas que pareciam centenas, se abrindo, se dobrando, se esticando...

e olhos

quantos olhos haverá numa revoada de dragões?

e pequenos jatos de fogo

De repente, uma voz, vinda da direção do bosque, chamou-os:

— Não tenham medo!



## O Homem na Noite

Uma forma negra e imensa passou veloz do bosque para o pasto. Chegou a eles em poucos passos e depois ficou parada, de modo que as dobras de seu manto pareciam esculpidas em granito...

— Não tenham medo — repetiu ele. — Ele não vai feri-lo.

Ele?

Sim. A revoada de dragões de Charles Wallace era uma criatura só, embora Meg não tenha se surpreendido com o fato de o irmãozinho confundir o ser feroz e selvagem com dragões. Ela teve a sensação de que nunca o via todo ao mesmo tempo — e qual dos olhos deveria encarar? Os olhos alegres, os olhos sábios, os olhos ferozes, os olhos de gatinho, os olhos de dragão, abrindo e fechando, olhando para ela, olhando para Charles Wallace e Calvin e o homem tão alto e estranho. E asas, asas em movimento constante, cobrindo e descobrindo os olhos. Quando as asas estavam abertas, sua amplitude era de pelo menos três metros; quando dobradas, a criatura lembrava uma esfera nebulosa e penugenta. Pequenos jorros de chama e fumaça irrompiam entre as asas; se não tivesse cuidado, ele podia começar um incêndio no mato. Meg não questionou por que Charles Wallace não havia chegado perto.

— Ele não vai machucá-los — tranquilizou o estranho alto mais uma vez. Ele era escuro, escuro como a noite, e alto como uma árvore. E havia algo na sua postura, na quietude de sua voz, que afugentava o medo.

— Quem é você? — perguntou Charles Wallace, caminhando na direção dele.

— Um Professor.

O suspiro de Charles Wallace foi desejoso.

— Queria que fosse meu professor.

— E sou. — A voz em tom de violoncelo era tranquila, levemente divertida.

— E os meus dragões? — Charles Wallace deu mais um passo à frente.

O homem alto, o Professor, estendeu a mão na direção da criatura selvagem, que parecia estar recompondo-se, erguendo-se, para fazer uma grande medida a todos.

— O nome dele é Proginoskes — disse o Professor.

— Dele? — perguntou Charles Wallace.

— Sim.

— Ele não é vários dragões?

— Ele é um querubim.

— Hein!?

— Um querubim.

Chamas irromperam ao céu em indignação com a dúvida no ar. Grandes asas se ergueram e se abriram. Vários grandes olhos observavam as crianças. Quando a coisa selvagem falou, não foi em palavras vocalizadas, mas direto nas suas mentes.

— Talvez me imaginassem com cara de bebê e cabelos dourados, sem corpo e com duas asinhas que não servem para nada?

Charles Wallace ficou observando a grande criatura.

— Talvez fosse mais simples se você fosse assim.

Meg puxou o poncho para mais perto, para proteger-se caso o querubim soltasse fogo na direção dela.

— A mim é uma surpresa constante — o querubim transmitiu o pensamento a eles — que tantos artistas terrenos pintem querubim como se fossem bebês de porco.

Calvin soltou um som que, estivesse ele menos estupefato, teria sido um riso.

— Mas *querubim* não é um grupo de anjos?

— Sou praticamente plural — respondeu a fera que jorrava fogo. — O garotinho achou que eu fosse uma revoada de dragões, não foi? É certo que não sou um anjinho. Sou um querubim singular.

— O que está fazendo aqui? — perguntou Charles Wallace.

— Fui enviado.

— Enviado?

— Para participar de sua aula. Não sei o que fiz para ser designado a uma turma com terrenos tão imaturos. Minha função já é difícil. Não aprecio voltar ao colégio na minha idade.

— Que idade você tem? — Meg estendeu seu poncho amplamente, pronta para usá-lo de escudo.

— Idade, para o querubim, é um conceito imaterial. É algo que só existe para criaturas atreladas ao tempo. Em termos querubínicos, ainda sou criança. É tudo que precisam saber. É muito grosseiro fazer perguntas sobre idade. — Duas das asas cruzaram e descruzaram. A mensagem fora em tom de lástima, não de incômodo.

— Você é meu professor e também é professor dele? — perguntou Charles Wallace ao homem alto.

— Sou.

Charles Wallace ergueu os olhos para o estranho rosto negro, ao mesmo tempo sério e gentil.

— É muito bom para ser verdade. Acho que estou tendo um sonho. Eu queria continuar sonhando e não acordar.

— O que é real? — O Professor estendeu um braço e tocou delicadamente o machucado na bochecha de Charles Wallace, a pele inchada e descolorada sob o olho. — Você está desperto.

— Ou, se estiver dormindo — disse Meg —, todo mundo está no mesmo sonho. Não estamos, Calvin?

— O que me faz pensar que estamos despertos é que, se eu sonhasse com um querubim, não ia ser que nem esse... esse...

Vários olhos azuis, de cílios compridos, olharam diretamente para Calvin.

— Proginoskes, como o Professor lhe disse. Proginoskes. E nem pensem em me chamar de Queru, Querido, nem de Bim-bim.

— Seria mais fácil — disse Charles Wallace.

Mas a criatura repetiu, decidida:

— Proginoskes.

Da forma escura do Professor, veio um rumor profundo mas gentil de quem se divertia com a situação, um ruído que se ampliou, cresceu e borbulhou até virar uma grande risada.

— Então tudo bem, minhas crianças. Estão prontas para começar... na falta de palavra melhor na sua língua, vamos chamar de aulas... estão prontos para começar as aulas?

Charles Wallace, a figurinha pequena e engraçada usando a capa impermeável amarela que havia vestido sobre o pijama, ergueu os olhos à altura de carvalho e à potência do Professor.

— Quanto mais cedo, melhor. O tempo urge.

— Ei, só um minuto — contestou Calvin. — O que você vai fazer com o Charles? Você e o... querubim não podem levá-lo sem consultar os pais.

— O que faz você pensar que este é o meu plano? — O Professor deu um salto sem esforço e de repente estava tranquilamente sentado sobre a mais alta das rochas glaciais, como se fosse um banco, os braços soltos perto dos joelhos, as dobras do manto sangrando com uma pedra enlugarada. — E eu vim não só para chamar Charles Wallace. Vim para chamar vocês três.

— Nós três? Mas... — Meg estava alarmada.

— Podem me chamar de Blajeny — disse o Professor.

— Sr. Blajeny? Dr. Blajeny? Sir Blajeny? — perguntou Charles Wallace.

— Blajeny já basta. É tudo que precisam saber do meu nome. Estão prontos?

— Calvin e eu também? — Meg ainda parecia pasma.

— Sim.

— Mas... — Como sempre acontecia quando se sentia insegura, Meg começou a discutir. — O Calvin não precisa... ele é o melhor aluno do colégio, o melhor atleta, ele é importante e tudo. E eu estou indo bem. É o Charles que está encrencado... você mesmo pode ver. O colégio, o colégio comum, não vai funcionar pra ele.

— Isto de forma alguma é problema meu. — A voz de Blajeny saiu fria.

— Então por que você está aqui? — Não soava absurdo a Meg que Blajeny houvesse sido enviado apenas para ajudar seu irmão.

Mais uma vez surgiu aquele ronco que borbulhou até virar uma risada.

— Meus caros, vocês não podem se levar tão a sério. Por que o colégio seria fácil para Charles Wallace?

— Não devia ser *tão* ruim assim. Estamos nos Estados Unidos da América. Ele vai se machucar muito se ninguém fizer nada.

— Ele terá que aprender a defender-se.

— O Professor está certo — falou Charles Wallace, de aparência diminuta e indefesa, baixinho. — É questão de eu aprender, de me adaptar. Ninguém pode fazer isso por mim. Se todos me deixarem em paz, se pararem de tentar me ajudar, uma hora aprenderei a não chamar tanta atenção. Garanto que não tenho falado em mitocôndrias e farândolas.

O Professor fez um meneio de aprovação circunspecta.

— Estou muito feliz que você não tenha vindo por eu estar provocando celeuma no colégio — disse Charles Wallace, chegando mais perto dele. — Mas... Blajeny, se você não veio por causa disso, então por que está aqui?

— Vim não tanto para oferecer minha ajuda, mas para pedir a de vocês.

— A nossa? — perguntou Meg.

— Não tenho como ajudar muito no momento — respondeu Charles Wallace, erguendo o olhar para o Professor. — Não é só que não estou me dando bem no colégio...

— Sim — disse Blajeny. — Sei do outro problema. Independente disso, vocês foram convocados, e quem é convocado a estudar com um dos Professores o é porque é necessário. Vocês têm talentos que não podemos nos dar ao luxo de perder.

— Então...

— Temos que descobrir o que está lhe fazendo mal e, se possível, fazer você ficar bem de novo.

— Se possível? — perguntou Meg, nervosa.

— Charles? Doente? — perguntou Calvin, bruscamente. — O que houve? O

que o Charles Wallace tem?

— Olhe pra ele — disse Meg, em voz baixa. — Veja como está pálido. E ele anda com dificuldade para respirar. Ficou sem fôlego só de atravessar o pomar. — Ela virou-se para o Professor. — Ah, Blajeny, por favor, por favor, você pode ajudar?

Blajeny olhou para ela, soturno, silencioso.

— Penso, minha criança, que é você quem tem que ajudar.

— Eu?

— Sim.

— Você sabe que eu faria de tudo no mundo para ajudar o Charles.

Calvin olhou para o Professor com ar interrogativo.

— Sim, Calvin, e você também.

— Como? Como podemos ajudar?

— Vocês aprenderão conforme a lição avança.

— Onde teremos estas aulas? Onde fica sua escola? — perguntou Calvin.

Blajeny saltou da rocha com extrema leveza. Apesar da altura e da largura, ele se movimentava como se estivesse acostumado a uma gravidade maior que a da Terra, pensou Meg. Ele caminhou devagar pelo pasto, até onde se via uma pedra grande e reta onde as crianças costumavam deitar com os pais para observar estrelas. Ele desceu na rocha e ficou deitado de costas, fazendo sinais para os outros unirem-se a ele. Meg deitou ao lado do Professor, e Calvin, do lado dela, de forma que ela se sentiu protegida não só do vento gelado da noite, mas também do querubim, que havia chegado à rocha apenas com o movimento de uma asa e ordenou-se em uma junção de asas e olhos e bufadas de fumaça a uma distância discreta de Charles Wallace, que ficou do outro lado de Blajeny.

— Está tudo bem, dragões — disse Charles Wallace. — Não tenho medo de vocês.

O querubim rearranjou as asas.

— Proginoskes, por favor.

Blajeny ergueu o olhar para o céu, levantou o braço e fez um gesto amplo, acolhedor. As nuvens quase haviam dispersado; só algumas faixas em voo rápido cobriam as estrelas, que ardiam com o brilho feroz do mercúrio em queda veloz. O gesto amplo do Professor mostrou toda o rastro cintilante do céu. Então ele sentou-se e cruzou os braços sobre o peito, e seus estranhos olhos luminosos voltaram-se para dentro, de forma que ele começou a olhar não para as estrelas nem para as crianças, mas para um lugar profundo e escuro dentro de si, depois mais fundo. Ele ficou lá sentado, adentrando mais, mais, cada vez mais fundo, por tempos além dos tempos. Então o foco de seus olhos voltou às crianças, ele deu seu sorriso radiante e respondeu à pergunta de Calvin como se nem um

momento houvesse passado.

— Onde fica minha escola? Aqui, ali, em todo lugar. No pátio, durante o recreio da primeira série. Com os querubins e os serafins. Entre as farândolas.

— Foi minha mãe quem isolou as farândolas! — exclamou Charles Wallace.

— Foi mesmo.

— Blajeny, você sabe se tem algo de errado com minhas mitocôndrias e minhas farândolas?

— Sua mãe e a Dra. Colubra estão tentando averiguar — respondeu Blajeny em voz baixa.

— Bom, então, o que fazemos agora?

— Vá para casa e para cama.

— Mas o meu colégio...

— Pela manhã você irá para seu colégio como sempre.

Foi um anticlímax total.

— Mas a *sua* escola... — Meg chorou de frustração. Ela esperava que Charles Wallace nunca mais tivesse que entrar no antigo prédio vermelho do colégio, que Blajeny iria assumir tudo, que ele deixaria tudo bem...

— Minhas crianças — Blajeny disse, circunspecto — a sede da minha escola é o cosmos inteiro. Antes que seu período comigo chegue ao fim, talvez eu tenha que levá-los a grandes distâncias e a lugares muito estranhos.

— Nós somos sua turma toda? — perguntou Calvin. — Meg, Charles Wallace e eu?

Proginoskes soltou uma bufada de fumaça.

— Desculpe... e o querubim.

— Aguardem — disse Blajeny. — Vocês saberão quando a hora chegar.

— E como que um dos nossos colegas é um querubim? — perguntou Meg. — Desculpe, Proginoskes, mas parece ofensivo a *você* ficar com mortais como nós.

Proginoskes piscou vários olhos em tom de desculpas.

— Não quis dizer o que falei sobre os terrenos imaturos. Se fomos enviados ao mesmo Professor, então temos algo a aprender entre nós. Entendam que um querubim não é de ordem *superior* aos terrenos, apenas diferente.

— Sim — concordou Blajeny. — Vocês têm muito a aprender uns com os outros. Enquanto isso, darei uma tarefa a cada um. Charles Wallace, adivinha qual será a sua?

— Aprender a me adaptar.

— Não quero que você seja diferente! — gritou Meg.

— Nem eu — respondeu Blajeny. — O problema de Charles Wallace consiste em aprender a adaptar-se e continuar a ser exatamente ele mesmo.

— Qual é a minha tarefa, Blajeny? — perguntou Meg.

O Professor franziu o cenho por um instante, pensativo. E então:

— Estou tentando colocar em termos terrenos, termos que vocês possam entender. Vocês têm que passar por três provas, ou três testes. Precisam começar o primeiro imediatamente.

— O que é?

— Faz parte do teste que vocês descubram por conta própria no que consiste o teste.

— Mas como?

— Isto não posso dizer. Mas vocês não ficarão sós. Proginoskes há de trabalhar com vocês. Vocês serão o que eu acredito que chamariam de parceiros. Terão que passar pelos três testes juntos.

— Mas e se fracassarmos?

Proginoskes passou várias asas sobre os olhos, apavorado de pensar naquilo.

— É uma possibilidade — respondeu Blajeny em voz baixa —, mas prefiro que não suponham que acontecerá. Lembrem que estes três testes não serão nada que vocês possam imaginar ou esperar no momento.

— Mas, Blajeny... não posso levar um querubim para o colégio!

Blajeny olhou com afeto para a grande criatura, cujas asas ainda estavam dobradas sobre si, em aspecto de proteção.

— Isto cabe a vocês dois decidir. Ele não é sempre visível, compreende? Da minha parte, considero-o um pouco mais simples quando é apenas um vento ou uma chama. Mas ele tinha certeza de que seria mais aceitável entre terrenos se tivesse encarnação corpórea.

Charles Wallace estendeu o braço e levou sua mão à do Professor.

— Se eu pudesse levá-lo comigo ao pátio do colégio assim como está, como uma revoada de dragões, aposto que eu nunca mais teria problema algum.

— Você não disse que tinha que levar um animal de estimação amanhã? — disse Meg.

Charles Wallace soltou uma risada.

— *Podemos* levar um animalzinho amanhã para dividir com a turma.

— Não sou motivo para piadas — Proginoskes disse, espiando por baixo de uma asa.

— Ah, Progo — Meg tranquilizou-o. — Estamos só rindo do medo.

Charles Wallace, ainda segurando a mão do Professor, lhe perguntou:

— Agora você vai em casa conosco para conhecer minha mãe?

— Não hoje, Charles. É muito tarde para ficar acordado e sabe-se lá o que o amanhã trará.

— *Você não sabe?*

— Sou apenas um Professor e, se assim posso, não combino o futuro antes de

ele chegar. Vamos. Caminho parte do caminho até sua casa com vocês.

— E o Progo... Proginoskes? — perguntou Meg.

— Se não é momento de Blajeny conhecer sua família, menos ainda é o meu — respondeu o querubim. — Estou à vontade aqui. Talvez vocês pudessem vir me encontrar amanhã cedo para discutirmos o que cada um pensou desta noite.

— Bom... tudo bem. Acho que vai ser melhor assim. Boa noite, então.

— Boa noite, Meglete. — Ele abanou para ela com uma asa, depois dobrou-se até virar um grande baforejo. Sem mostrar olhos, nem chama, nem fumaça.

Meg estremeceu.

— Está com frio? — perguntou Blajeny.

Ela tremeu de novo.

— Aquela trovejada antes do jantar... imagino que tenha sido provocada por uma frente fria encontrando uma massa de ar quente, mas me parece tremendamente cósmica. Não esperava conhecer um querubim...

— Blajeny — disse Calvin —, você não me passou uma tarefa.

— Não, meu filho. Há trabalho para você, um trabalho difícil e perigoso, mas ainda não posso lhe dizer qual é. Sua tarefa é esperar sem questionar. Vá à casa dos Murry amanhã, depois do colégio... pode?

— Ah, claro — disse Calvin. — Posso matar minhas atividades depois do colégio, de uma vez só.

— Ótimo. Até lá. Agora vamos.

Charles Wallace foi à frente, com Meg e Calvin logo atrás. O vento soprava do noroeste, aparentemente mais frio a cada rajada. Quando chegaram ao muro de pedra que dava para o pomar de macieiras, a lua brilhava forte, com aquela luminosidade extraordinária que deixa o claro e o escuro intensos e definidos. Algumas maçãs ainda se grudavam aos galhos; algumas escuras como Blajeny, outras reluzindo luz prata, quase como se fossem iluminadas por dentro.

Sobre as pedras pálidas do muro havia uma sombra escura, que se mexia devagar, sinuosa. Ela ergueu-se e desenroscou-se delicadamente, parecendo abrir um capuz enquanto pairava sobre eles. Sua língua bifurcada piscou, captando a luz, e um sibilar saiu da sua boca.

Louise.

Mas não era a Louise ameaçadora que havia sibilado e estrepitado contra o impossível Sr. Jenkins; era a Louise que Meg e Charles Wallace haviam visto naquela tarde, a Louise que vinha esperando para receber a sombra desconhecida — a sombra que, Meg compreendia agora, devia ser Blajeny.

Mesmo assim, Meg chegou mais perto de Calvin; nunca se sentira segura perto de Louise, e o comportamento estranho da cobra naquela tarde e noite a fez parecer ainda mais alienígena do que quando era apenas o bicho de estimação

dos gêmeos.

Agora Louise estava remexendo-se lentamente, indo e voltando em ritmo delicado, quase como se fizesse a versão serpentescas de uma grande medida; e o som sibilante era uma flauta aguda mas suave.

Blajeny fez uma medida à cobra.

O que Louise fez foi definitivamente uma resposta à medida.

— Ela é minha colega — explicou Blajeny, em tom sério.

— Mas... mas... só um pouquinho — gaguejou Calvin. — Como é que... — Ela é uma Professora. Por isso que ela é tão afeita aos dois meninos, Sandy e Dennys. Um dia eles serão Professores também.

— Eles vão ser empresários de sucesso e sustentar todos nós com tudo do bom e do melhor — disse Meg.

Blajeny fez um sinal para cortar o assunto.

— Eles serão Professores. É uma Vocação Altiua. Não se aflijam por não a terem igualmente. Vocês também têm Trabalhos.

Louise, em uma última irrupção de sua minúscula e estranha melodia, voltou ao muro e sumiu entre as pedras.

— Talvez estejamos mesmo sonhando — disse Calvin, pensativo.

— O que é real? — perguntou de novo o Professor. — Agora me despeço com um boa noite.

Charles Wallace estava relutante em partir.

— Não vamos acordar de manhã e descobrir que isso nunca aconteceu? Não vamos acordar e descobrir que sonhamos com tudo isso?

— Se acontecer apenas com um de nós — disse Meg— e ninguém mais lembrar, então é um sonho. Mas se todos acordarmos e lembrarmos, é porque aconteceu de fato.

— Esperem até amanhã para descobrir o que o amanhã lhes guarda — recomendou Blajeny. — Boa noite, minhas crianças.

Eles não questionaram onde ele iria passar a noite — embora Meg tenha se perguntado —, pois era o tipo de pergunta arrogante que não se podia fazer a Blajeny. Eles deixaram-no ali parado, observando-os irem, as dobras de seu manto esculpidas como granito, seu rosto escuro captando e refratando o luar como vidro fundido.

Eles cruzaram o pomar e jardim e entraram em casa, como sempre, pelo acesso dos fundos, passando pela despensa. A porta do laboratório estava aberta e as luzes acesas. A Sra. Murry estava curvada sobre o microscópio e a Dra. Colubra estava bem acomodada em uma velha poltrona de couro vermelho, lendo. O laboratório era uma sala comprida e estreita com grandes placas de pedra no piso. Originalmente fora usado para guardar

leite, manteiga e outros perecíveis, muito antes da época das geladeiras, e ainda era difícil aquecer o ambiente no inverno. O grande balcão de trabalho com a pia de pedra na ponta era ideal para o equipamento laboratorial da Sra. Murry. Em um canto havia duas poltronas confortáveis e uma luminária de leitura, que suavizava o fulgor clínico das luzes sobre o balcão. Mas Meg não conseguia lembrar de uma época em que havia visto a mãe descansando em uma dessas poltronas; ela inevitavelmente se encostava em um dos bancos do laboratório.

— Charles! O que está fazendo fora da cama? — disse ela, ao tirar os olhos das estranhas circunvoluções do microscópio microeletrônico.

— Eu acordei — disse Charles Wallace, com doçura. — Sabia que a Meg e o Calvin estavam lá fora, então fui atrás deles.

A Sra. Murry olhou séria para o filho, depois cumprimentou Calvin com carinho.

— Tudo bem se fizermos chocolate quente? — perguntou Charles Wallace.

— É muito tarde para ficar acordado, Charles, e amanhã é dia de aula.

— Vai me ajudar a voltar ao sono.

A Sra. Murry parecia prestes a dizer não, mas a Dra. Colubra fechou seu livro e se pronunciou.

— Por que não, só dessa vez? Deixe Charles tirar um cochilo quando chegar em casa à tarde. Eu também gostaria de um chocolate. Vamos preparar aqui enquanto sua mãe segue com o trabalho. Eu faço.

— Eu pego o leite e as coisas da cozinha — disse Meg.

Com a Dra. Louise presente, ela achou que eles não teriam liberdade para conversar com a mãe sobre os acontecimentos daquela noite. As crianças eram muito afeitas à Dra. Louise e tinham plena confiança nela como médica, mas não tinham certeza se ela tinha a disposição dos pais em aceitar o extraordinário. Quase certeza, mas não total. A Dra. Colubra tinha muito em comum com os pais Murry; ela também havia abandonado um emprego que lhe rendia muito, tanto em dinheiro quanto em prestígio, para morar na zona rural. (“Muitos dos meus colegas esqueceram que têm que praticar a *arte* da cura. Se eu não tiver o dom da cura nas mãos, então minha formação tão cara não vale grande coisa.”) Ela também havia dado as costas ao resplendor do sucesso mundano. Meg sabia que seus pais, apesar do fato de serem consultados pelo presidente dos Estados Unidos, haviam desistido de muita coisa quando se mudaram para o campo para dedicar a vida à pesquisa pura. Suas descobertas, tantas delas feitas naquele laboratório de pedra, haviam deixado os Murrays mais, não menos, receptivos ao estranho, ao misterioso, ao inexplicável. O trabalho da Dra. Colubra era forçosamente mais simples, e Meg não sabia ao certo como ela reagiria a conversas sobre um estranho Professor obscuro, de mais de dois metros e meio,

e ainda menos certeza quanto a como reagiria à descrição de um querubim. Provavelmente iria insistir que eles estavam sofrendo de psicose coletiva e que deveriam dirigir-se imediatamente a um psiquiatra.

*Ou será só meu medo de falar disso, mesmo com a Mãe?*, questionou-se Meg enquanto pegava açúcar, achocolatado, leite e uma caçarola na cozinha, antes de voltar à despensa.

— Esse negócio de gritos cósmicos e rasgos em galáxias distantes — estava dizendo a Dra. Colubra — ofende cada pedacinho do meu ser racional.

— Você também não acreditava em farândolas, até eu lhe provar que existem — disse a Sra. Murry, inclinando-se sobre o balcão.

— Mas você não me provou — disse a Dra. Louise. — Ainda. — Ela parecia um pouco nervosa, como um passarinho cinzento. Seu cabelo curto e cacheado era grisalho; seus olhos eram cinzentos sobre o pequeno nariz de bico; ela usava um terninho cinza. — O principal motivo pelo qual acho que está certa é porque fica nessa máquina idiota... — ela apontou para o microscópio microeletrônico — tal como meu marido ficava ao violino. Era sempre um namorico.

A Sra. Murry deu as costas à sua “máquina idiota”.

— Preferia nunca ter ouvido falar de farândolas, muito menos chegar a conclusões... — Ela parou abruptamente, depois disse: — A propósito, crianças, pouco antes de vocês invadirem o laboratório, me surpreendi ao receber uma ligação do Sr. Jenkins sugerindo que Charles Wallace tivesse aulas de defesa pessoal.

*O Sr. Jenkins?* Meg pensou.

— Mas o Sr. Jenkins nunca liga pros pais. Os pais têm que ir até ele. — Meg quase perguntou: *Tem certeza que era o Sr. Jenkins?* Mas parou quando lembrou que não havia contado a Blajeny sobre o terrível Sr.-Jenkins-que-não-era-o-Sr.-Jenkins, o Sr. Jenkins que havia transformado-se em nada, o Sr. Jenkins com o qual Louise ofendera-se tanto. Ela devia ter contado a Blajeny; contaria assim que acordasse.

Charles Wallace escalou um dos bancos do laboratório e ficou perto da mãe.

— O que eu preciso mesmo é de aulas de adaptação. Tenho lido Darwin, mas ele não ajudou muito.

— Viu o que falamos? — perguntou Calvin à Dra. Louise. — Está longe de ser o que se espera de uma criança de seis anos.

— Ele realmente lê Darwin — garantiu Meg à médica.

— E eu ainda não aprendi a me adaptar — complementou Charles Wallace.

A Dra. Louise estava fazendo uma pasta de cacau, açúcar e um pouquinho de água quente com uma das retortas da Sra. Murry.

— Isso aqui é só água, certo? — perguntou.

— Do nosso poço artesiano. A melhor água que há.

A Dra. Louise adicionou água, de pouco em pouco.

— Vocês são muito novos para lembrar, crianças, e sua mãe tem uns bons dez anos a menos que eu. Mas nunca vou esquecer, muitos anos atrás, quando os primeiros astronautas chegaram à lua, e eu fiquei a noite inteira acordada para assistir.

— Lembro muito bem — disse a Sra. Murry. — Eu não era tão nova assim.

A Dra. Louise ficou mexendo o chocolate, que aquecia sobre um bico de Bunsen. — Lembra dos primeiros passos na lua, tão titubeantes no início, naquele terreno estranho, inóspito, alienígena? E logo depois, em questão de minutos, Armstrong e Aldrin estavam caminhando com toda confiança e o apresentador comentou que aquilo era um exemplo extraordinário da notável capacidade de adaptação do homem.

— Mas eles só tiveram que se adaptar à superfície da lua! — contrapôs Meg. — Não era um lugar habitado. Aposto que quando os astronautas chegarem a um lugar habitado não será tão fácil. É bem mais tranquilo se adaptar a gravidade baixa, a atmosfera zero, mesmo a tempestades de areia, do que a habitantes hostis.

Fortinbrás, que tinha estranha predileção por chocolate, veio aos passinhos até o laboratório, o focinho torcendo-se de expectativa. Ele se esticou sobre as patas traseiras e botou as dianteiras nos ombros de Charles Wallace.

— Você acha que os alunos da primeira série são habitantes hostis, é isso? — perguntou a Dra. Colubra a Meg.

— É claro! Charles não é igual a eles, por isso são hostis com ele. As pessoas sempre são hostis com quem é diferente.

— Até que se acostumem — disse a médica.

— Não estão se acostumando ao Charles.

— Não esqueça de dar um pires para o Fortin; ele gosta de chocolate — disse Charles Wallace, acariciando o cachorrão.

— Vocês têm os bichos mais estranhos — disse a Dra. Louise, que, mesmo assim, serviu um pratinho de chocolate quente a Fortinbrás. — Vou deixar esfriar um pouco antes de botar no chão. Meg, precisamos de canecas.

— Ok. — Meg correu até a cozinha, juntou uma pilha de canecas e voltou ao laboratório.

A Dra. Louise as enfileirou e serviu o chocolate quente. — Falando em bichinhos, como anda minha homônima?

Meg quase derramou o chocolate que ia oferecer à sua mãe e olhou bem para a Dra. Louise. Embora a pergunta parecesse ácida, o rosto de passarinho não mostrava mais que interesse e leve divertimento; tal como Charles Wallace havia

dito, a Dra. Louise era muito boa em falar em um nível e pensar em outro.

— Louise Larguda é uma cobra magnífica. — Foi Charles Wallace quem respondeu à pergunta. — Será que ela gosta de chocolate quente? Cobras gostam de leite, não gostam?

— Vocês não vão voltar lá hoje para descobrir se a cobra, por mais magnífica que seja, gosta de chocolate quente — disse a Sra. Murry com toda firmeza. — Guardem a curiosidade investigativa para a luz do dia. Não tenho dúvida de que Louise está no melhor do sono.

A Dra. Louise serviu cuidadosamente o resto do chocolate quente na sua caneca.

— Algumas cobras são mais sociáveis à noite. Há muitos anos trabalhei em um hospital das Filipinas onde eu tinha uma jiboia de estimação; tínhamos ratos na nossa ala e minha jiboia cumpriu fielmente a tarefa de reduzir o contingente roedor. Ela também gostava de sopa de cogumelos. Nunca tentei lhe dar chocolate. Era uma companhia muito agradável à noite, sempre meiga e afetuosa.

Meg pensou que não ia gostar de ser meiga com uma cobra. Nem com Louise.

— Ela também tinha um juízo impecável para seres humanos. Era naturalmente simpática e, se me mostrasse que não gostava ou não confiava em alguém, eu levava a sério. Uma vez trouxeram um homem à ala masculina que parecia não ter nada de muito grave fora uma apendicite. Minha jiboia tomou desgosto por ele no instante em que ele foi internado. Naquela noite, o homem tentou matar o paciente na cama vizinha. Descobrimos a tempo, por sorte. Mas a cobra já sabia. Depois daquilo, passei a ouvi-la sempre.

— Fortinbrás tem o mesmo instinto quanto às pessoas — disse a Sra. Murry. — Que pena que os seres humanos perderam esse instinto.

Meg queria dizer: *Louise Larguda também tem*, mas a mãe ou a médica teriam perguntado o que a levava a fazer este comentário; soaria mais plausível se viesse dos gêmeos.

Charles Wallace observava a Dra. Colubra, que havia voltado à poltrona de couro vermelho e bebericava o chocolate quente, sentada sobre as pernas como uma criança; ela era consideravelmente mais baixinha que Meg, aliás.

— Levamos Louise muito a sério, Dra. Louise. Muito a sério — disse Charles.

— Era isso que eu tinha em mente. — A Dra. Louise fez um meneio de concordância, com a voz suave mas alta.

Calvin terminou seu chocolate.

— Muito obrigado. É melhor eu ir para casa. Nos vemos amanhã no colégio, Meg. Obrigado mais uma vez, Sra. Murry e Dra. Colubra. Boa noite.

Depois que ele se foi, a Sra. Murry disse:

— Então é isso, Charles. Os gêmeos já foram para a cama há uma hora. Meg, é hora de você ir também. Charles, daqui a pouco vou lá dar uma olhada em você.

Enquanto saíam do laboratório, Meg conseguiu entrever a mãe reativando o microscópio microeletrônico.

Meg despiu-se devagar, do lado da janela do sótão, perguntando-se se o papo da Dra. Louise sobre cobras fora uma conversa absolutamente casual enquanto tomavam chocolate quente; talvez os fatos estranhos daquela noite haviam levado-a a procurar sentido por trás do que podiam ser conversas insignificantes. Ela desligou as luzes e olhou pela janela. Conseguia enxergar do outro lado da horta, até o pomar, mas as árvores ainda estavam frondosas de forma a ocultar o pasto norte.

Havia mesmo um querubim esperando na rocha onde se observava as estrelas, enrolado como uma grande bola penugenta, com todos os olhos fechados a dormir?

Ele era real?

O que é real?



Meg acordou antes da alvorada, repentinamente desperta, como se algo a houvesse tirado do sono. Ficou de ouvidos atentos: só os barulhos de sempre na casa adormecida. Acendeu a luz e olhou para o relógio; havia acertado o alarme para as seis, como sempre. Agora eram cinco. Ela tinha mais uma hora inteira para se enroscar nas cobertas e luxuriar-se de calor e conforto, então cochilou...

Foi aí que lembrou.

Meg tentou tranquilizar-se pensando que estava lembrando de um sonho, embora não fosse daquele jeito que se lembrava de um sonho. Deve ter sido um sonho, é óbvio que deve ter sido um sonho...

O único jeito de provar que não era mais que um sonho, fora acordar Charles Wallace e lhe perguntar, era vestir-se, ir até a pedra de observação estelar e garantir que não havia nenhum querubim por lá. E... se por uma mínima chance não tivesse sido um sonho, ela prometera ao querubim que viria até ele antes do café da manhã.

Não fossem aqueles momentos terríveis com o Sr. Jenkins guinchando no céu, ela não queria que tivesse sido sonho. Ela queria, com todas as forças, que Blajeny fosse verdade e que cuidasse de tudo. Mas aquele momento irreal com o Sr. Jenkins, que sempre fora desagradável de tão previsível, era muito mais difícil de aceitar que o Professor, ou mesmo que aceitar um querubim que parecia uma revoada de dragões.

Ela vestiu-se com pressa, colocando seu saiote e uma blusa limpa. Desceu as escadas na ponta dos pés, silenciosa e meticulosa tal como havia feito na noite anterior, e lá vestiu a jaqueta mais pesada que tinha e um gorro de tricô multicolorido, uma das raras incursões da mãe na vida doméstica que teve sucesso.

Desta vez nenhum vento soprou, nenhuma porta bateu. Ela ligou a lanterna para se orientar. A pré-alvorada era silenciosa, gelada. A grama estava branca, com rastros de teia do orvalho e uma leve geada. Um vapor fino passou delicadamente pelo gramado. As montanhas estavam cobertas pela neblina baixa, embora no céu se visse estrelas. Ela correu pelo jardim, olhando ao redor

com cautela. Mas não havia um Sr. Jenkins, é óbvio que não havia Sr. Jenkins nenhum. Do muro de pedra ela procurou por Louise com cuidado, mas não havia sinal da grande cobra. Atravessou o pomar, subiu o muro de novo — ainda nada de Louise, era cedo demais e frio demais para cobras — e correu pelo pasto norte, cruzando as duas rochas glaciais, e chegou à rocha de observação estelar.

Não havia nada lá, com exceção da névoa rodopiando delicadamente à suave brisa.

Então fora tudo um sonho.

Mas então foi como se a névoa tomasse forma sólida, virasse asas agitadas, olhos abrindo e fechando, pequenas piscadelas de fogo, baforadas de fumaça enevoadas...

— Você é real — disse ela, em voz alta. — Você não é uma coisa do meu sonho.

Proginoskes esticou delicadamente uma grande asa para o céu, depois a dobrou.

— Disseram-me que seres humanos raramente sonham com querubim. Obrigado por ser tão prestativa. É da natureza dos querubim desgostar de atrasos.

Meg deu um suspiro de resignação, de medo e, surpreendida, de alívio.

— Ok, Progo, acho que você não é coisa da minha imaginação. E agora, o que fazemos? Eu tenho só uma hora antes do café da manhã.

— Você está com fome?

— Não, estou empolgada demais para sentir fome. Mas se eu não aparecer na hora e disser que me atrasei porque estava conversando com um querubim, não vai colar. Minha mãe também não gosta de atrasos.

— Pode-se fazer muito em uma hora — disse Proginoskes. — Temos que descobrir qual será nossa primeira provação.

— Você não sabe?

— Por que eu saberia?

— Você é um querubim.

— Até um querubim tem limites. Quando se planeja três provações, ninguém sabe quais são antes de acontecerem; nem o Professor deve saber.

— Então o que fazemos? Como vamos descobrir?

Proginoskes agitou várias asas devagar, para a frente e para trás, perdido em seus pensamentos. O que seria muito agradável em um dia quente, mas, naquela manhã fria, fez Meg erguer a gola do casaco. O querubim não notou; seguiu abanando e pensando. Depois ela sentiu as palavras dele passando devagar, tateando dentro da mente dela.

— Se você foi designada para mim, imagino que seja tal como uma

Nomeante, mesmo que primitiva.

— Uma o quê?

— Uma Nomeante. Por exemplo: da última vez que eu estive com um Professor... ou no colégio, como você diz... minha tarefa foi memorizar os nomes das estrelas.

— Quais estrelas?

— Todas.

— Você diz *todas* as estrelas em *todas* as galáxias?

— Sim. Quando se aponta para uma, alguém tem que saber de qual se está falando. De qualquer modo, elas gostam; não são muitos que as conhecem por nome e, se ninguém conhece seu nome, você se sente muito solitário.

— É para eu saber os nomes das estrelas também? — Para Meg, era uma ideia apavorante.

— Não. Pelas galáxias, não!

— Então *o que* eu devia saber?

Proginoskes mexeu várias asas, o que Meg começou a entender que era seu modo de expressar *Não tenho a mínima ideia*.

— Bom, então, se eu sou uma Nomeante, isso quer dizer o quê? O que faz uma Nomeante?

As asas ficaram mais próximas, os olhos fecharam, isoladamente e em grupos, até todos ficarem fechados. Baforadas de fumaça meio enevoada se ergueram, rodopiaram à sua volta.

— Quando eu estava memorizando os nomes das estrelas, parte do propósito era ajudar cada estrela a ser o mais particular que poderia ser particularmente. Esta é, grosso modo, a função do Nomeante. Talvez você deva fazer os terrenos sentirem-se mais humanos.

— E isso quer dizer o quê? — Meg sentou-se na pedra ao lado dele; ela havia perdido o medo da turbulência, do tamanho, dos rompantes de fogo do querubim.

— Como você se sente comigo? — perguntou Proginoskes.

Ela hesitou, sem querer ser grosseira e esquecendo que os querubins, ainda mais que Charles Wallace, não precisavam de suas palavras expressas para saber o que se dizia por dentro. Respondeu com toda sinceridade:

— Confusa.

Várias baforadas de fumaça subiram.

— Bom, ainda não nos conhecemos muito bem. Quem a deixa menos confusa?

— O Calvin. — Nisso não havia hesitação. — Quando eu estou com Calvin, não me importo de ser eu mesma.

— Quer dizer que ele faz você ser *mais* você, não é?

— Acho que se pode dizer que sim.

— Quem faz você se sentir menos você?

— O Sr. Jenkins.

— Por que você ficou incomodada e assustada de um momento para outro? — Proginoskes estava indo mais a fundo.

— Este ano ele é o diretor da escola primária no vilarejo. Mas estava no meu colégio no ano passado e eu era mandada para a sala dele a toda hora. Ele nunca entende nada e tudo que eu faço é automaticamente errado. Charles Wallace talvez estivesse melhor se não fosse meu irmão. Isso já é suficiente para acabar a vida dele perante o Sr. Jenkins.

— E é apenas isto?

— O que você quer dizer?

— Quando você diz *Sr. Jenkins*, eu sinto uma onda de terror que me causa até frio.

— Progo... ontem à noite aconteceu uma coisa... antes de eu conhecer você e Blajeny... quando eu estava sozinha no jardim... — A voz dela foi sumindo.

— *O que* aconteceu, terrena? Me conte. Tive a sensação de que pode ser algo importante.

Por que seria difícil contar a Proginoskes? O próprio querubim era igualmente impensável. Mas o querubim era ele mesmo, era Proginoskes, enquanto o Sr. Jenkins não fora o Sr. Jenkins.

Enquanto tentava explicar a Proginoskes, ela conseguiu senti-lo retraindo-se. De repente jogou todas as asas sobre si em um reflexo nervoso de autopreservação. Então dois olhos a fitaram debaixo de uma asa.

— Ectroi. — A palavra era feia. Proferida por Proginoskes, deixou a manhã mais gelada.

— O que foi que você disse? — perguntou Meg.

— O seu Sr. Jenkins, o verdadeiro... ele faria algo similar ao que você acabou de me contar? Ele teria como alçar-se ao céu e virar nada? Não é uma coisa que seres humanos conseguem fazer, é?

— Não é.

— Você diz que ele era tal como um pássaro negro, mas um pássaro que era o nada e que se jogou aos céus?

— Bom... é assim que eu lembro. Foi tudo muito rápido, muito inesperado. Eu fiquei apavorada, não conseguia acreditar que tinha acontecido.

— Lembra os Ectroi. — Ele cobriu os olhos de novo.

— Lembra o quê?

Aos poucos, como se fosse grande esforço, ele abriu vários olhos.

— Os Ectroi. Ah, terrena, se você não conhece os Ectroi...

— E nem quero. Se forem o que eu vi ontem à noite, não quero.

— Acho que temos que ir ver este Sr. Jenkins — disse Proginoskes, agitando as asas. — O que você disse que está na escola do seu irmãozinho.

— Por quê?

Proginoskes retirou-se de novo para suas asas. Meg sentia ele pensando, ranzinza: *Me disseram que seria difícil... Por que não me mandaram a um lugar tranquilo, para contar as estrelas de novo?... Eu me disponho até a memorizar farândolas... Nunca estive na Terra, sou muito novo, tenho medo de planetas sombreados, que tipo de estrela tem este planeta, afinal?*

Então ele emergiu, lentamente, um par de olhos por vez.

— Meglete, creio que você tenha visto um Ectros. Se estamos lidando com Ectroi, então... eu sei, com cada pena nas minhas asas (e um dia talvez você tente contar minhas penas), que temos que ir ver este Sr. Jenkins. Deve ser parte do teste.

— O Sr. Jenkins? Parte da nossa primeira prova? Mas... mas não faz sentido.

— A mim, faz.

— É impossível, Progo — contrapôs Meg. — Eu posso descer do ônibus antes do meu colégio e ir caminhando até a escola primária, do mesmo jeito que eu fiz quando fui falar com o Sr. Jenkins sobre o Charles Wallace... e olha *quanta* diferença que fez...

— Se você viu um Ectros, tudo está diferente — disse Proginoskes.

— Ok, eu consigo sim ir à escola primária, mas de modo algum posso levar você comigo. Você é tão grande que nem ia caber no ônibus. Além disso, ia deixar todo mundo assustado. — Ao pensar naquilo ela sorriu, embora Proginoskes não estivesse com humor para risadas.

— Nem todo mundo consegue me ver — disse ele. — Eu sou real e a maioria dos terrenos tolera pouca realidade. Porém, caso alivie sua mente, posso me desmaterializar. — Ele mexeu algumas asas com graciosidade. — Me é muito mais confortável não ter o fardo da matéria, mas achei que seria mais fácil a você poder dialogar com alguém que consegue enxergar.

O querubim estava ali, na frente dela, cobrindo a maior parte da rocha de observação estrelar. De repente, não estava mais. Ela achou ter visto uma leve centelha no ar, mas podia ser a alvorada se anunciando. Conseguia senti-lo, contudo, andando dentro de sua mente.

— Está se sentindo extremamente corajosa, Meglete?

— Não. — Pouquíssima luz definia o horizonte oriental. As estrelas já estavam fracas, quase extintas.

— Acho que teremos que ser corajosos, criança terrena, mas será mais fácil

porque estamos juntos. Será que o Professor sabe?

— Sabe do quê?

— Que você viu um Ectros.

— Ainda não entendi, Progos. O que é um Ectros?

De repente, Proginoskes materializou-se, ergueu várias asas e trouxe-a para dentro.

— Venha, pequena. Eu a levarei a ontem e mostrarei.

— Como você vai me levar a ontem?

— Não teria condições de levá-la a hoje, bobinha. É hora de você retornar para tomar seu café da manhã, e sua mãe não gosta de atrasos. E quem sabe o que teremos que fazer ou onde teremos que ir até amanhã? Venha. — Ele a puxou mais para dentro de si.

Ela se viu olhando diretamente num dos olhos dele, um grande olho de gato, cor de âmbar, a mandala negra da pupila abrindo, atraindo-a, convidando-a.

Ela era atraída por aquela forma ovalada, sentia-se puxada para dentro dela, estava prestes a atravessá-la.

Até a noite das noites que ficava lá do outro lado.

Então Meg sentiu um grande vento flamejante e entendeu que, de algum modo, fazia parte do vento.

Sentiu um puxão forte e, de repente, estava de pé sobre o topo de uma montanha de pedras. Proginoskes lhe dava piscadelas. Achou ter visto o olho ovalado, a mandala, através da qual ela viera, mas não tinha certeza.

O querubim ergueu uma de suas grandes asas para esboçar a lenta curva do céu sobre eles. O cor-de-rosa e lavanda do pôr do sol esmaeceram, diminuíram e extinguíram-se. O céu no horizonte estava saturado de verde, abrandando até um azul profundo acima, meio púrpura, através do qual estrelas começaram a surgir em constelações totalmente desconhecidas.

— Onde estamos? — perguntou Meg.

— O onde não importa. Observe.

Ela ficou ao lado dele, olhando a resplandecência das estrelas. Então surgiu um som, um som que ficava acima do som, além do som, um relato violento, silencioso, elétrico, que a fez apertar as mãos com dor contra os ouvidos. Pelo céu, onde as estrelas se agrupavam tão densas como a Via Láctea, uma fissura estremeceu, rachou-se, virou uma linha de nada.

Se este tipo de coisa estava acontecendo no universo, por mais distante que fosse da Terra e da Via Láctea, Meg não tinha dúvidas quanto ao motivo de seu pai ter sido convocado a Washington e Brookhaven.

— Progo, o que é isso? O que aconteceu?

— Os Ectroi Ex-eram as estrelas.

— Hein?

— Aniquilaram. Extinguiram. Executaram. Ex-earam.

Meg ficou olhando para o rasgo no céu com um fascínio de horror. Era a coisa mais terrível que ela já havia visto, mais apavorante que o Sr. Jenkins-Ectros da noite anterior. Encostou-se mais no querubim, cercado de asas, olhos e baforadas de fumaça. Ainda assim conseguia ver o rasgo no céu.

Ela não sabia lidar.

Meg fechou os olhos para que aquela coisa sumisse. Tentou pensar na coisa mais agradável possível, a mais segura, mais sensata, mais comum. O quê? A mesa de jantar em casa; o inverno; as cortinas vermelhas fechadas enquanto a neve caía delicadamente lá fora; uma fogueira com madeira de macieira na lareira e Fortinbrás roncando feliz no calor; uma fita tocando *Os Planetas* de Holst... não, talvez isso fosse aconchegante demais; no ouvido de sua mente ela passou a um registro pavoroso da banda do colégio, com Sandy e Dennys tocando em algum ponto em meio à cacofonia.

O jantar havia terminado, ela estava limpando a mesa, começando a lavar os pratos e apenas entreouvindo a conversa dos pais, que se demoravam no café.

Era quase tangível, como se estivesse lá. Ela achou que sentiu Proginoskes forçando sua mente, ajudando-a a lembrar.

Teria ouvido tão atentamente aos pais enquanto passava água quente nos pratos? As vozes eram claras como se ela estivesse na sala. O pai devia ter mencionado aquela coisa terrível que Proginoskes havia acabado de lhe mostrar, a coisa terrível que era terrível justamente porque não era uma coisa, porque era nada. Ela conseguia ouvir, claramente, a voz do pai, calma e racional, falando com a mãe:

— Não é só em galáxias distantes que acontecem coisas estranhas e ilógicas. A irracionalidade rasteja sobre nós de maneira tão insidiosa que mal percebemos. Mas pense nas coisas que se dão no nosso país, que você não acreditaria que fossem possíveis até poucos anos atrás.

A Sra. Murry remexeu a borra do café.

— Não creio que eu acredite em todos agora, embora eu saiba que esteja acontecendo. — Ela ergueu o olhar para conferir se os gêmeos e Charles Wallace estavam fora do recinto, se Meg estava derramando água na pia enquanto esfregava a panela. — Há dez anos nós não tínhamos nem a chave dessa casa. Agora temos que trancar quando saímos. A violência irracional anda pior nas metrópoles.

O Sr. Murry começou a trabalhar distraidamente em uma equação na toalha da mesa. A Sra. Murry pareceu não notar, pelo menos desta vez.

— Eles nunca conheceram uma época em que as pessoas tomavam água da

chuva por ser pura, ou que podiam comer neve, nadar em qualquer rio ou riacho — disse o Sr. Murry. — Da última vez que eu vim de carro de Washington para cá, o trânsito estava tão feio que eu teria chegado mais rápido a cavalo. Havia placas gigantes exclamando VELOCIDADE MÁXIMA 100 KM/H e nós nos arrastávamos abaixo dos trinta.

— As crianças e eu guardamos jantar quentinho para você, esperamos três horas e aí resolvemos comer, fingindo que não estávamos preocupados de você ter se envolvido em um acidente — disse a Sra. Murry, amargurada. — Aqui estamos, no auge da civilização, em um estado bem gerenciado, em uma grande democracia. E, na semana passada, quatro garotos de dez anos foram pegos traficando drogas pesadas no colégio do qual nosso filho de seis anos volta todo dia de olho roxo e nariz sangrando. — De repente, ela notou a equação crescendo aos rabiscos na toalha da mesa. — O que você está fazendo?

— Tenho um palpite de que há alguma ligação entre suas descobertas quanto ao efeito das farândolas e das mitocôndrias, e aquele fenômeno inexplicável no espaço. — Seu lápis acrescentou uma fração, caracteres gregos e elevou tudo ao quadrado.

— O que eu descobri não é muito positivo — disse Sra. Murry, com a voz baixa.

— Eu sei.

— Eu isolei farândolas porque tem que haver algo além da poluição atmosférica que responda pelo número crescente de mortes por problemas respiratórios, e essa dita epidemia de gripe. Foi o microsonarscópio que me deu a primeira pista...

Ela parou de repente e olhou para o marido.

— É o mesmo som, não é? Aquele “grito” incomum das mitocôndrias enfermas, e o “grito” que se capta nas galáxias distantes com o novo paraboloidoscópio... uma semelhança horripilante. Não gosto disso. Não gosto que não consigamos ver nem o que se passa no nosso quintal. L.A. está se esforçando, com toda honra que um presidente pode ter em um mundo tão entorpecido pela desonra e pela violência que as pessoas aceitam como coisa normal. Temos que ver uma fissura enorme, drástica, no céu para começar a levar o perigo a sério. E eu tenho que ficar mortalmente preocupada quanto ao nosso filho mais novo, antes de ver as farândolas fora de um modo frio e acadêmico.

Diante da dor na voz da mãe, Meg havia virado-se da pia da cozinha e vira o pai estender a mão pela mesa para tocar a da esposa.

— Querida, você não é assim. Com meu intelecto eu só vejo motivo para pessimismo ou até desespero. Mas não posso ficar só no que meu intelecto diz.

Isso não é tudo.

— O que mais há? — A voz da Sra. Murry era baixa e angustiada.

— Ainda temos estrelas que se movimentam em ritmo belo e ordenado. Ainda há pessoas neste mundo que mantêm suas promessas. Até coisinhas pequenas, como você cozinhando ensopado no bico de Bunsen. Você pode estar no meio de experimento, mas ainda lembra de alimentar a família. Isso já basta para dar otimismo ao meu coração, independente do pessimismo na minha mente. E eu e você temos mentes boas o suficiente para saber como elas são limitadas e finitas. O intelecto despido é um instrumento extraordinariamente impreciso.

• • •

— Sábio homem, seu pai — disse Proginoskes.

— Você me ouviu lembrando?

— Eu estava lembrando com você. Sabia que você não escutou a maior parte desta conversa com a mente consciente?

— Tenho uma memória muito boa... — começou a dizer Meg. Então se deteve. — Ok, eu sei que não teria como lembrar de tudo isso sozinha. Imagino que eu meio que absorvi as ondas sonoras, não foi? Mas como você conseguiu tirar tudo isso de mim?

Proginoskes a olhou com dois olhos anelados, como se fossem de corujas.

— Você está começando a aprender a desvelar.

— A o quê?

— Desvelar. É assim que os querubins conversam. Conversar sem palavras, do mesmo modo que eu posso ser eu mesmo e não ficar encarnado.

— Mas eu preciso ser de carne e preciso das palavras.

— Eu sei, Meg — respondeu ele, com toda delicadeza. — E palavrearei tudo com você. Mas será de auxílio se você lembrar que os querubim desvelam sem palavras entre si. Para uma criatura humana, você apresenta um talento distinto para desvelar.

Ela corou um pouco com o elogio; teve a sensação de que elogiar não era um hábito muito cultivado entre os querubins.

— Progo, queria ter visto a equação que o Pai estava rabiscando na toalha de mesa. Se eu tivesse visto, talvez você conseguisse tirar de algum lugar na minha cabeça.

— Pense — disse Proginoskes. — Eu ajudo.

— A Mãe colocou a toalha para lavar.

— Mas você lembra que haviam caracteres gregos.

— Sim...

— Deixe eu tentar encontrá-los com você.

Ela fechou os olhos.

— Isso mesmo. Relaxe. Talvez seja assim que vamos desvelar... Não precisa pensar. Deixe que eu me movimento.

De soslaio, do seu olho interior, ela achou que via caracteres gregos entre os números na equação mal-ajambrada que o pai rabiscou na toalha. Ela os pensou para Proginoskes.

— Épsilon, qui e teta. Équiti — disse o querubim.

— Ectroi... mas como que o pai...

— Pense na conversa que acabou de recordar, Meg. Seus pais estão cientes do mal que existe no mundo.

— Tudo bem. Sim. Eu sei. Ok. — Meg parecia chateada. — Até o Charles entrar no colégio eu achei que pudéssemos ignorar. Tipo avestruz com a cabeça enterrada na areia.

O querubim afastou as asas dela totalmente, deixando-a exposta e com frio naquele morro estranho.

— Abra os olhos e veja onde o céu tem um rasgo.

— Melhor não.

— Vá lá. Estou com todos os olhos abertos e você só tem que abrir dois.

Meg abriu os olhos. O rasgo no céu continuava lá. Ela ficou pensando o que aquele fenômeno distante teria a ver com a palidez de Charles Wallace, com mitocondrite, ou seja lá o que fosse.

— Como... ah, Progo, como que os Ectroi fizeram uma coisa dessas?

Tal como Charles Wallace, ele captava o nervosismo dela.

— Tem a ver com a desnomeação. Se nós somos Nomeantes, os Ectroi são os desnomeantes, os não Nomeantes.

— Progo, o que isso tem a ver com o Sr. Jenkins?

Ela sentiu uma onda de apreensão.

— Creio que seja isso que devemos descobrir, pequenina. Acho que faz parte da nossa primeira provação. Vamos lá. — Ele a atraiu para si de novo; mais uma vez ficou defrontada por aquele olho, foi puxada por aquela pupila oval, aberta. Então a pupila se cerrou e eles estavam juntos em uma rocha de observação estelar com a alvorada lentamente acendendo o leste.

Progo abriu bem suas asas e ela saiu de lá.

— O que fazemos agora? — perguntou ele.

O querubim estava perguntando para *ela*?

— Sou apenas um ser humano, ainda não cresci tudo — respondeu ela. — Como que eu saberia?

— Meglete, eu nunca estive em seu planeta. Este é o seu lar. Charles Wallace é seu irmão. É você que conhece o Sr. Jenkins. Você precisa me contar o que

faremos agora.

Meg bateu o pé, em alta e boa raiva, contra a superfície gelada e dura da rocha.

— É responsabilidade demais! Eu ainda sou criança! Eu não pedi pra passar por isso!

— Você se recusa a fazer o teste? — Proginoskes afastou-se dela.

— Mas eu não pedi nada disso! Não pedi Blajeny, nem você nem mais nada!

— Não pediu? Achei que estava preocupada com Charles Wallace.

— E estou! Estou preocupada com tudo!

— Meg. — Proginoskes era soturno e sério. — Você vai embarcar nesta provação? Preciso saber. Agora.

Meg bateu o pé de novo.

— Claro que eu vou. Você sabe que eu preciso. Charles Wallace está em perigo. Faço qualquer coisa para ajudar o Charles, mesmo que pareça bobo.

— Então o que fazemos agora?

Ela arrumou os óculos sobre o nariz como se aquele ato fosse lhe ajudar a pensar.

— É melhor eu ir para casa e tomar o café da manhã. Depois vou pegar o ônibus do colégio... ele para no pé do morro, talvez seja melhor você me esperar lá embaixo. Fortinbrás talvez vá latir para você; tenho certeza que ele saberá se você está na casa mesmo que se desmaterialize, ou seja lá como você chama isto.

— O que você achar melhor — falou Proginoskes, amansado.

— Chego na parada às sete horas. O ônibus do colégio faz um trajeto tão grande e tem tantas paradas que leva uma hora e meia. Eu entro numa das primeiras paradas.

Ela sentiu a concordância do querubim, e então ele desapareceu; Meg não conseguiu ver nem um cintilar, nem sentir um piscar dele na sua mente. Voltou para casa. Deixou a lanterna acesa — não pelas voltas do caminho que já conhecia, mas para as surpresas novas e desconhecidas que pudessem lhe aguardar.

Quando Meg chegou ao muro de pedras, Louise Larguda estava lá. Aguardando. Sem cumprimentar nem atacar. Aguardando. Meg aproximou-se com cautela. Louise a observava com olhos que brilhavam à luz da lanterna, tal como a água de um poço profundo.

— Posso passar aí, Louise? Por favor? — perguntou Meg, com timidez.

Louise desenroscou-se, balançando-se levemente em tom de cumprimento, ainda olhando friamente para Meg. Então ela abaixou a cabeça e se resvalou pedras adentro. Meg achou que Louise estava esperando para lhe dar um aviso do que vinha pela frente e lhe desejar o melhor. Foi estranho, mas reconfortante,

saber que o bem-querer de Louise a acompanharia.

• • •

Havia salsichas e mingau quentinho de café da manhã. Meg achou que devia comer bastante, pois, afinal, quem sabia o que vinha pela frente? Mas só conseguiu dar algumas colheradas.

— Está tudo bem, Meg? — perguntou sua mãe.

— Tudo. Obrigada.

— Parece um pouco pálida. Tem certeza que não é gripe nem nada?

*Ela está preocupada com todos nós neste negócio de mitocondrite.*

— Só as torturas normais da adolescência — falou ela, sorrindo para a mãe.

— Se não quiser sua salsicha, eu como — disse Sandy.

— Metade é minha, ok? — disse Dennys.

Charles Wallace comeu devagar e dedicadamente uma tigela inteira de mingau, mas deu sua salsicha para os gêmeos.

— Bom, então... — Meg lavou os pratos e colocou na prateleira. — Estou saindo.

— Espere a gente — disse Sandy.

Ela não queria esperar os gêmeos, ficar ouvindo os dois tagarelando no caminho até o ônibus. Por outro lado, assim ela não teria que pensar no que vinha pela frente. Ela pensava no Sr. Jenkins com desgosto, aborrecimento e, vez por outra, indignação desde quando tinha memórias. Até então, porém, nunca sentira medo.

Quando ela saiu de casa, teve uma sensação horrenda, premonitória, de que levaria muito tempo para voltar ali. Mais uma vez ela desejou que Fortinbrás fosse pegar o ônibus com eles, como fazia muitas vezes, e aí voltasse para fazer o caminho de novo com Charles Wallace. Mas, naquela manhã, ele não se mostrava disposto a deixar o calor da cozinha.

— O que você imagina que vai acontecer hoje? — perguntou Sandy quando eles começaram a descer o morro, ao gelo da manhã.

— Nada. — Dennys deu de ombros. — Como sempre. Duvido que você chegue lá embaixo antes de mim.



## O Primeiro Teste

**Meg e o querubim** chegaram ao pátio deserto do colégio em segurança.

— Temos que esperar um tempo — disse Meg — e pra você que é invisível, tudo bem. Mas eu tenho que achar um lugar para me esconder. — Ela não conseguia enxergar Proginoskes, mas falou com a centelha no ar onde sabia que ele estava.

— Você está atrasada — disse o querubim. Meg virou-se e viu o Sr. Jenkins atravessando o pátio, vindo do estacionamento dos professores.

O Sr. Jenkins. O Sr. Jenkins comum, cotidiano, usual. Não havia serpente sibilando e estrepitando ao vê-lo. Ele não fez nada além de prosseguir pelo pátio. Tinha a aparência de sempre. Vestia seu terno escuro de sempre e, independente de quantas vezes passasse uma escova, havia sempre uma suave nevasca de caspa nos ombros. Seu cabelo grisalho era bem aparado e seus olhos por trás dos bifocais eram turvos. Não era baixinho nem alto, nem gordo nem magro. Sempre que Meg o enxergava, parecia que os pés dela ficavam maiores e não sabia onde deixar as mãos.

— Pois bem, Margaret, o que é isto? O que está fazendo aqui? — Ele tinha todo direito de soar incomodado.

Ela não tinha o que responder. Sentia Proginoskes perto de si, sentia a mente dele dentro da sua, mas o querubim não tinha nada a sugerir.

— Minha caríssima criança — disse o Sr. Jenkins, sua voz com um compadecimento incomum. — Se veio de novo por causa de seu irmãozinho, já posso lhe dizer que estamos analisando o caso. Não está nas minhas diretrizes pedagógicas que uma criança seja intimidada pelos colegas. Mas nossos primeiros testes demonstram que os talentos de Charles Wallace são tão incomuns que precisaremos tomar medidas incomuns. Já tive várias consultas com a Secretaria de Educação e estamos pensando em conseguir um tutor especial.

Meg olhou para o diretor sem entender. Era bom demais para ser verdade.

E Louise tentara avisá-la de algo. Do que seria?

O querubim também estava inquieto. Ela o sentiu movimentando-se na sua

mente, sentindo a reação dela a este Sr. Jenkins inesperadamente sensato.

— Isso é um absurdo — disse o Sr. Jenkins ao Sr. Jenkins. — Não podemos abrir exceção para uma criança só. Charles Wallace Murry terá que aprender a lidar com as situações que se apresentam.

Havia outro Sr. Jenkins ao lado do Sr. Jenkins.

Era impossível. Tão impossível quanto...

Mas *havia* dois Sr. Jenkins, identicamente insossos, na frente de Meg.

Proginoskes tremeluziu, mas não se materializou. Meg recuou até o cintilhar; sentiu o querubim abrir uma asa invisível e trazê-la para perto. Sentiu seu portentoso e selvagem coração trovejar nos seus ouvidos.

— Somos Nomeantes — ela ouviu, apesar do coração acelerado. — Somos Nomeantes. Qual é o Nome deles?

— Sr. Jenkins.

— Não, não. Este é o teste, Meg. Deve ser. Um destes Sr. Jenkins é um Ectros. Temos que saber qual é o Sr. Jenkins *verdadeiro*.

Meg olhou os dois homens, que estavam se encarando.

— Progo, você consegue me sentir. Consegue sentir os Sr. Jenkins? Consegue desvelar com eles?

— Não quando eu não sei quem são. Você é que conhece o protótipo.

— O o quê?

— O verdadeiro. O único Sr. Jenkins que é Sr. Jenkins. Veja...

De repente, atrás dos dois Sr. Jenkins havia um terceiro Sr. Jenkins. Ele ergueu uma mão para saudá-los. Não para Meg, mas para os dois outros homens ao chegar a eles.

— Deixe a coitada da garota em paz — disse o Sr. Jenkins número três.

Os três viraram-se, rígidos como marionetes, e atravessaram o pátio do colégio até o prédio.

— Temos que pensar. Temos que pensar. — Por um segundo o desvelo de Proginoskes ficou quase opaco, e Meg sentiu que ele estava segurando-se para não soltar fogo.

— Progo, se você é um querubim de verdade... — disse Meg.

Uma onda invisível de indignação, grande e agitada, ergueu-se em torno dela.

Ela bateu com o punho fechado de uma mão contra a palma da outra.

— Espere. Você disse para eu pensar e agora estou pensando.

— Não tem que pensar em voz alta. Afinal, você não tem que falar para pensar. Está me deixando surdo. Tente desvelar comigo, Meg.

— Ainda não entendo de desvelar. É tipo uma telepatia mental?

Proginoskes hesitou.

— Você pode dizer que telepatia é exatamente o primórdio de aprender a

desvelar. Mas a linguagem dos querubins é integralmente desvelada... com você, com as estrelas, com as galáxias, com o sal do oceano, com as folhas das árvores.

— Mas eu não sou um querubim. Como que eu faço?

— Meg, seu cérebro armazena todas as impressões sensoriais que recebe, mas sua mente consciente não tem a chave do depósito. Tudo que eu quero é que você se abra para mim, para que eu possa abrir a porta para o depósito da sua mente.

— Tudo bem. Vou tentar. — Abrir-se totalmente aos querubim, deixar-se totalmente vulnerável, não ia ser coisa fácil. Mas ela confiava cegamente em Proginoskes. — Ouça — disse ela —, querubins já estiveram no meu planeta.

— Eu sei. De onde você acha que tirei minhas informações?

— O que você sabe de nós?

— Ouvi dizer que seu planeta natal está sob uma sombra, que está conturbado.

— Ele é lindo — disse Meg, em tom defensivo.

Ela sentiu as asas dele se agitarem.

— No meio das suas metrópoles?

— Bom... não... mas eu não moro numa metrópole.

— E o seu planeta vive em paz?

— Bom, não... não é muito pacífico.

— Tive a impressão — Proginoskes movimentava-se sem grande vontade pela mente dela — de que havia guerras no seu planeta. Gente lutando e se matando.

— Sim, tem isso, mas...

— E crianças passando fome.

— Sim.

— E pessoas que não se entendem.

— Nem sempre.

— E ainda... ódio?

— Sim.

Ela sentiu Proginoskes recuar.

— Tudo que eu quero — ele começou a balbuciar consigo — é ir para um lugar tranquilo e repetir os nomes das estrelas...

— Progo! Você disse que nós éramos Nomeantes. Eu ainda não *entendi*: o que é um Nomeante?

— Eu já lhe *disse*. Um Nomeante tem que saber como as pessoas são e quem elas têm que ser. Não sei por que eu devia me chocar de encontrar Ectroi no seu planeta.

— Por que eles estão aqui?

— Ectroi estão sempre por perto quando há guerra. Eles promovem todas as

guerras.

— Progo, eu vi toda aquela coisa terrível que você me levou para ver, aquele rasgo no céu e tudo mais. Mas você ainda não me explicou o que são Ectroi.

Proginoskes sondou a mente de Meg em busca de palavras que ela pudesse entender.

— Creio que sua mitologia os chamaria de anjos caídos. O negócio deles é guerra e ódio. Uma de suas principais armas é o des-Nomear: fazer as pessoas não saberem quem são. Se uma pessoa sabe quem é, se sabe mesmo, ela não precisa odiar. É por isso que precisamos de Nomeantes, porque há lugares em todo o universo tal como seu planeta Terra. Quando todos forem genuinamente Nomeados, aí os Ectroi serão vencidos.

— Mas o quê...

— Ah, terrena, terrena. Por que você acha que Blajeny a chamou? Há uma guerra acontecendo no céu e precisamos de toda ajuda possível. Os Ectroi estão espalhando-se pelo universo. Toda vez que uma estrela se apaga, é porque mais um Ectros venceu a batalha. Uma estrela, uma criança ou uma farândola... o tamanho não importa, Meg. Os Ectroi estão atrás de Charles Wallace, e o equilíbrio do universo inteiro mudará conforme o resultado.

— Mas, Progo, o que isso tem a ver com o teste... e com os três Srs. Jenkins... é uma loucura.

— Exatamente — respondeu Proginoskes, com frieza e serenidade.

Do frio e do silêncio veio o som dos ônibus escolares chegando, as portas abrindo, as crianças saindo para entrar no colégio.

Uma das crianças era Charles Wallace.

Proginoskes andava serenamente pela mente dela em meio ao ruído.

— Não me entenda mal, Meg. Os modos dos Ectroi que são insanos. Os modos dos Professores tendem a ser estranhos, mas nunca fortuitos. Sei que o Sr. Jenkins tem que ter algo a ver com isto, algo importante, ou não estaríamos aqui.

— Se eu odeio o Sr. Jenkins sempre que penso nele, eu estou Nomeando-o? — perguntou Meg, descontente.

Proginoskes remexeu suas asas.

— Você o está Ex-eando, tal como os Ectroi.

— Progo!

— Meg, quando as pessoas não sabem quem são, ficam mais propensas ou a serem Ex-eadas ou a serem Nomeadas.

— E você acha que eu tenho que Nomear o Sr. Jenkins? — A ideia era ridícula; independente de quantos Sr. Jenkins houvessem, ele era o Sr. Jenkins e nada mais.

Mas Proginoskes foi claríssimo:

— Sim.

— Bom, eu acho que esse teste é bobo — bradou Meg, revoltosa

— O que você acha não vem ao caso. O que você faz é o que vai contar.

— Como que isso vai ajudar o Charles?

— Não sei. Não temos que saber tudo de uma vez só. Só fazemos uma coisa de cada vez, como nos cabe.

— Mas como eu faço? Como eu Nomeio o Sr. Jenkins quando tudo que penso quando o vejo é como ele é terrível?

Proginoskes suspirou e atçou várias asas para o céu com tanta violência que ergueu vários pés, materializou-se e caiu com um estrondo.

— Existe uma palavra... mas se eu a disser, você vai entender errado.

— Você vai ter que dizer.

— É uma palavra de quatro letras. No seu país não consideram que as piores palavras são as de quatro letras?

— Qual é. Eu já vi tudo que é palavra de quatro letras nas paredes do banheiro na escola.

Proginoskes soltou uma pequena bufada.

— Amor.

— Hã?

— Amor. É isso que faz as pessoas saberem quem são. Você é cheia de amor, Meg, mas não sabe como ficar dentro dele quando não é fácil.

— O que você quer dizer?

— Ah... você ama sua família. Isso é fácil. Às vezes, quando você se sente mal quanto a alguém, você volta à retidão pensando em... bom, parece que você está me dizendo que voltou ao amor uma vez pensando em Charles Wallace.

— Sim...

— Mas desta vez não pode ser fácil. Você tem que dar um passo a mais.

— Se você quer dizer que acha que eu tenho que amar o Sr. Jenkins, é bom pensar em outra coisa. — Meg rosnou.

Proginoskes soltou um suspiro portentoso.

— Se passarmos na prova, você vai aprender... ah, algumas coisas que me ensinaram no primeiro bilênio com os Professores. Tive que atravessar uma galáxia de testes antes que eu pudesse me qualificar a Nomeante de Estrelas. Mas você é um ser humano, e com vocês tudo é muito diferente. Sempre me esqueço. Eu sou digno de amor? Para você?

Por toda Meg, olhos abriram e fecharam-se; asas remexeram-se; uma pequena chama queimou sua mão e logo foi puxada. Ela tossiu e depois chupou o local queimado na mão. Mas tudo que ela queria era botar as mãos ao redor de Proginoskes tal como faria com Charles Wallace.

— Muito digno de amor — disse ela.

— Mas você não me ama do jeito que ama aquele magrelo Calvin?

— É diferente.

— Foi o que pensei. Este é o modo confuso. Não é deste modo que você precisa Nomear o Sr. Jenkins.

— Eu odeio o Sr. Jenkins.

— Meg, é o teste. Você precisa Nomear o Sr. Jenkins verdadeiro e eu tenho que ajudá-la. Se você fracassar, eu também fracasso.

— E o que aconteceria?

— É a sua primeira vez com um Professor. E seria a última.

— E você?

— A pessoa que passou tanto tempo quanto eu com os Professores ganha uma escolha. Eu poderia tentar a sorte com os Ectroi...

— O quê?

— É o que fazem vários que fracassam.

— Mas os Ectroi são...

— Você sabe o que são. Rasgadores do céu. Apagadores de luz. Enegrecedores de planetas. Os dragões. As minhocas. Aqueles que odeiam.

— Progo, você não poder fazer uma coisa dessas.

— Eu torcia que não pudesse. Mas outros conseguiram. Não é uma opção fácil.

— Se você não for aos Ectroi...

Todos os olhos de Proginoskes foram blindados por suas asas.

— Eu sou um Nomeante. Os Ectroi iriam me des-Nomear. Se eu não ficar com eles, então terei que me Ex-ear.

— O quê!?

— Vou lhe fazer uma charada. O que é, o que é que quanto mais você tem, mais você entrega?

— Ah, amor, imagino.

— Então, se eu me importo mais com Nomeação do que outra coisa, então talvez eu possa me entregar, se este for o único modo de demonstrar meu amor. Me entregar por inteiro. Ex-ear-me.

— Se você fizer isso, se você se Ex-ear, isso dura para sempre? — perguntou Meg, apreensiva.

— Ninguém sabe. Até o fim dos tempos, ninguém terá como saber.

— Eu também tenho essa opção se... se fracassarmos? — Ela deu as costas ao prédio do colégio, aos gritos e assobios do início da manhã, e apertou o rosto contra as penas suaves de uma grande asa.

— Não é uma opção que se dê aos mortais, terrena.

— E tudo que vai acontecer comigo é eu voltar para casa?

— Se você sequer *conseguir* chamá-la de casa. Haveria júbilo no inferno. Talvez você não acredite no inferno?

Meg deixou a pergunta de lado.

— Mas se fracassarmos, aí você...

— Eu tenho que escolher. É melhor eu me Ex-ear do que ser Ex-eado pelos Ectroi.

— O que você me levou para ver... foi disso que a Mãe falou na mesa de jantar, por isso que o Pai foi para Brookhaven... não me parece que tenha a ver com o Sr. Jenkins. É tudo tão cósmico, tão grande...

— Não é o tamanho que importa, Meg. No momento, o que importa é Charles Wallace. Os Ectroi aniquilariam Charles Wallace.

— Um garotinho!

— Você mesmo disse que ele é um garotinho especial.

— E é. É de verdade. — Ela deu um pulo quando o primeiro sinal soou dentro do prédio, estridente, exigente. — Progo, eu não entendo nada, mas se você acha que Nomear o Sr. Jenkins vai ajudar Charles Wallace, farei o que for possível. Você *vai* me ajudar?

— Vou tentar. — Mas Proginoskes não soava confiante.

Por toda a volta deles ouviu-se o burburinho escolar de sempre. Então a porta do refeitório/academia abriu-se e o Sr. Jenkins saiu. Qual Sr. Jenkins? Não havia como diferenciá-los. Meg olhou para o querubim, mas ele havia desmaterializado-se mais uma vez, deixando apenas uma centelha para indicar onde estava.

O Sr. Jenkins veio até ela. Ela conferiu os ombros: lá estava a caspa. Ela chegou mais perto; cheirou; sim, tinha o cheiro do Sr. Jenkins, de brilhantina velha e o que ela sempre considerou desodorante azedo. Mas ela tinha certeza que os três Srs. Jenkins conseguiam dar conta disto. Não ia ser tão fácil.

Ele a fitou com o olhar frio de sempre, pelo canto do nariz levemente torto.

— Suponho que esteja tão confuso com esta situação quanto eu, Margaret. Por que dois estranhos iriam querer passar por mim, não tenho ideia. É deveras inconveniente, bem no início do horário de aula, quando já estou lotado de trabalho. Me disseram que tem algo a ver com você, assim como com seu infeliz irmãozinho. Eu torcia que este ano, pelo menos este ano, você não fosse um dos meus problemas. Me parece que tive que gastar mais tempo com você do que com qualquer outro aluno do colégio. O infortúnio decerto é meu. E agora não só tenho que lidar com seu irmãozinho, que é igualmente complicado, mas aí vem você de novo.

Era o Sr. Jenkins. Ele batera na tecla desta fala com variações infinitas quase

toda vez que ela ia à sala dele.

— Por algum motivo que me é obscuro, você tem que escolher entre eu e os impostores. Com certeza é do meu interesse que você passe neste teste absurdo. Aí talvez eu consiga mantê-la à distância do meu colégio.

— E então — disse o Sr. Jenkins Dois, que apareceu por trás do Sr. Jenkins Um — vou ter tempo de me concentrar em problemas presentes ao invés daqueles que deveriam ser passado. Então, Meg, se uma vez na vida você fizer as coisas do meu modo e não do seu... entendo que você seja muito esperta em matemática. Se você pudesse apenas parar de ver cada problema na sua vida como se fosse Einstein e tivesse que resolver os problemas do universo, e se dignasse a seguir um ou duas regrinhas básicas, você e eu teríamos muito menos problemas.

Também era o Jenkins autêntico.

O brilho do querubim cintilou, irrequieto.

— Meg — disse o Sr. Jenkins Dois —, eu quero que resolva este absurdo e diga aos impostores que sou o Sr. Jenkins. Esta farsa me está tomando tempo demais. Eu sou o Sr. Jenkins, como você tem todo motivo para saber.

Ela sentiu Proginoskes sondando-a loucamente.

— Meg, quando você foi mais *você*, a essência de *você*?

Ela fechou os olhos. Lembrou da primeira tarde que Calvin viera à casa dos Murry. Calvin era um estudante de honra ao mérito, embora fosse muito melhor nas palavras do que nos números, e Meg havia ajudado-o em uma questão de trigonometria. Já que trigonometria não era algo que se ensinava na série de Meg, sua tranquilidade com a matéria foi uma das primeiras surpresas para Calvin. Mas na época ela não havia pensando em surpreendê-lo. Ela havia concentrado-se totalmente em Calvin, no que ele estava fazendo, e sentiu-se viva e plenamente ela mesma.

— Como que isso vai ajudar? — perguntou ela ao querubim.

— Pense. Então você não conhecia Calvin direito, não é?

— Não.

— Mas você o amava, não?

— Naquela hora? Eu não estava pensando em amor. Eu estava justamente pensando em trigonometria.

— Pois então — disse Proginoskes, como se isto explicasse toda a natureza do amor.

— Mas eu não consigo pensar em trigonometria com o Sr. Jenkins. E eu não consigo amá-lo.

— Você me ama.

— Mas, Progo, você é tão terrível que *merece* amor.

— Assim como ele. E você tem que Nomeá-lo.

O terceiro Sr. Jenkins juntou-se aos outros dois.

— Meg. Pare de entrar em pânico e me ouça.

Os três homens ficaram lado a lado, idênticos, cinzentos, azedos, imperceptíveis, estafados: indignos de amor.

— Meg — disse o Sr. Jenkins Dois —, se você me Nomear, e me Nomear depressa, cuidarei que Charles Wallace seja entregue a mãos competentes de imediato.

— Não há como ser tão fácil — disse o Sr. Jenkins Três. — Afinal de contas, os pais dela...

— ... não sabem lidar com a situação, tampouco entendem como é séria — ralhou o Sr. Jenkins Dois.

O Sr. Jenkins Três fez pouco caso.

— Meg, não lhe parece extraordinário você ser confrontada com três de mim?

A esta pergunta, pelo jeito, não havia resposta.

O Sr. Jenkins Um deu de ombros, incomodado.

— É imperativo que nos atenhamos ao que é essencial nesta questão. Nosso número é tópico periférico. — disse o Sr. Jenkins Dois.

O Sr. Jenkins verdadeiro era bastante dado a descartar o que é periférico e ater-se ao essencial.

— Que exista só um de mim, e que este seja eu, é o ponto central — disse o Sr. Jenkins Três.

O Sr. Jenkins Dois bufou.

— Afora o fato mesquinho mas importante de que eu sou ele. O julgamento que nos foi trazido é extraordinário. Nenhum de nós, ou seja, nem você nem eu, Margaret, voltaremos a ser os mesmos. Defrontar-me com as duas visões espelhadas de mim fez com que eu me visse de outro modo. Nenhum de nós gosta de se ver como aparenta aos outros. Entendo seu ponto de vista bem melhor do que antes. Você estava muito correta em vir até mim por conta de seu irmãozinho. Ele de fato é especial e cheguei à conclusão que cometi um erro ao não perceber e não o tratar conforme.

— Não confie nele — disse o Sr. Jenkins Três.

O Sr. Jenkins Dois se meteu.

— Creio que você e eu tivemos uma... podemos chamar de altercação?... quanto às importações e exportações da Nicarágua, o que deveria saber na sua aula de estudos sociais. Pois você estava deveras correta em insistir que era inútil saber sobre as importações e exportações da Nicarágua. Tentarei não cometer o mesmo engano com Charles Wallace. Se os interesses de Charles Wallace forem diferentes daqueles do aluno normal da primeira série, tentaremos relevar que ele

teve aulas com um eminente pai físico. Sinto muito por toda a dor desnecessária que lhe foi causada. E garanto que, se me Nomear, Charles Wallace vai considerar a escola um lugar mais agradável e não tenho dúvida que sua saúde vai ficar melhor.

Meg olhou com cautela para o Sr. Jenkins Dois. Era, de fato, um Sr. Jenkins alterado, e ela não confiou na alteração. Por outro lado, ela lembrava vividamente da briga que tivera quanto às importações e exportações da Nicarágua.

— Parece-me que o cavalheiro faz protestos demasiados — murmurou Sr. Jenkins Três.

— O que é isso? — apressou-se em dizer o Sr. Jenkins Dois. O Sr. Jenkins Um fez cara de tacho.

— Eu podia ter-lhe dito que ele não identificaria Shakespeare. Ele é o impostor — bradou, triunfal, o Sr. Jenkins Três.

Meg tinha suas dúvidas se o Sr. Jenkins verdadeiro reconheceria Shakespeare.

— Shakespeare é assunto periférico — disse o Sr. Jenkins Dois. — Se já fui irritável em momentos passados é porque tive preocupações. Apesar de sua opinião nada delicada a meu respeito, não gosto de ver nenhuma das minhas crianças infelizes. — Ele deu uma fungada.

O Sr. Jenkins Um olhou para baixo.

— Se eu tivesse a cooperação do Comitê Escolar e da Associação de Pais e Mestres, minhas mãos não estariam atadas e eu teria como tomar alguma providência.

Meg olhou para os três em seus ternos idênticos.

— Parece desses jogos em programa de tevê.

— Não é um jogo — disse o Sr. Jenkins Três, afiado. — Há muita coisa importante em questão.

— O que acontece com vocês, com vocês três, se eu Nomear o errado? — perguntou Meg.

Por um instante, todos os átomos no ar do pátio pareceram tremer; foi como se um relâmpago houvesse estourado no pátio, de repente, rasgando o tecido da atmosfera e depois fechando-o de novo. Embora nada fosse visível, Meg pensou em um abutre escuro e tenebroso rasgando o céu.

— Não acredito no sobrenatural. Mas esta situação toda é anormal — disse o Sr. Jenkins Um. Seu nariz de coelho agitou-se com desgosto rosado.

Então os três homens deram meia-volta quando a porta lateral da porta se abriu e Charles Wallace, com Louise Larguda enrolada no braço e nos ombros, desceu os degraus e atravessou o pátio.



## O Sr. Jenkins Verdadeiro

— Charles! — gritou Meg.

Os três Srs. Jenkins ergueram as mãos em sinal de advertência.

— Charles Wallace Murry, o que foi *agora*? — disseram, simultaneamente.

— Olá. — Charles Wallace dirigiu um olhar curioso aos três homens. — O que é isto?

— O que está fazendo com essa... essa... — disse o Sr. Jenkins Um.

Os três homens estavam visivelmente assustados com Louise. Não havia como distinguir o Sr. Jenkins “verdadeiro” pela reação à cobra. Louise puxou a cabeça para trás, meio que fechou os olhos e fez sons estranhos, os estalos de alerta que Meg ouvira na noite anterior. Charles Wallace a acariciou com carinho e olhou para os três homens com uma expressão especulativa.

— Hoje devíamos trazer um bichinho de estimação ao colégio e compartilhar com a turma.

Meg pensou: *Que bom, Charles, que você pensou em Louise Larguda. Se você assustasse o Sr. Jenkins, ganharia um pontinho a mais na estima das outras crianças. Se tem uma coisa que todo mundo no colégio concorda, é que o Sr. Jenkins é um rato e um sem noção.*

— Você sabe perfeitamente bem — disse o Sr. Jenkins Três, em tom ríspido — que falávamos de animais de estimação *pequenos*, Charles Wallace. Tartarugas, peixes tropicais, quem sabe um hamster.

— Ou um gerbo — complementou o Sr. Jenkins Dois. — Um gerbo seria aceitável.

— Por que vocês se multiplicaram? — perguntou Charles Wallace. — Eu achava que um já era suficiente.

Louise estalou a língua de novo; o som era de arrepiar.

— Por que não está em aula, Charles? — quis saber o Sr. Jenkins Três.

— Porque a professora disse para eu pegar Louise Larguda e ir para casa. Não entendi o porquê. Louise é amigável e não machucaria ninguém. Somente as meninas ficaram com medo. Ela mora no nosso muro de pedra, perto da horta dos gêmeos.

Meg olhou para Louise, para os olhos encapuzados, a posição cautelosa da cabeça, o estremecer de alerta dos últimos centímetros de sua cauda negra. Blajeny havia lhes disto que Louise era uma Professora. A própria Louise havia demonstrado, nas últimas vinte e quatro horas, que era mais que uma cobra de jardim comum. Louise teria como saber — e sabia, Meg estava certa — quem era o Sr. Jenkins verdadeiro. Engolindo seu acanhamento com todas as cobras, ela esticou a mão na direção de Charles Wallace.

— Deixe eu ficar com a Louise só um pouquinho, Charles.

Mas Proginoskes falou na mente dela:

— Não, Meg. Você mesma tem que saber. Não pode deixar que Louise aponte por você.

Tudo bem. Ela aceitou. Mas talvez Louise pudesse ajudar mesmo assim.

Charles Wallace fitou sua irmã ponderadamente. Então estendeu o braço em torno do qual a metade inferior de Louise estava enroscada. A cobra deslizou sinuosamente até Meg. Seu corpo estava frio, formigando de eletricidade. Meg tentou não se esquivar.

— Sr. Jenkins — disse Meg. — Cada um de vocês. Um de cada vez. O que vocês vão fazer com Charles Wallace e Louise? Charles Wallace não tem como ir para casa sozinho. É muito longe. O que vocês vão fazer com Charles Wallace e a escola em geral?

Ninguém se voluntariou a responder. Os três cruzaram os braços sobre os peitos, impassíveis.

— Sr. Jenkins Três — disse Meg.

— Está me Nomeando, Meg? Muito bem.

— Ainda não estou Nomeando ninguém. Quero saber o que você vai fazer.

— Achei que já tinha lhe dito. É uma situação na qual terei que me orientar com cautela. Foi tolice de Charlie trazer uma cobra ao colégio. Cobras provocam muito medo em algumas pessoas, sabia?

Louise sibilou devagar. O Sr. Jenkins Três ficou visivelmente mais pálido.

— Terei uma reunião longa e tranquila com a professora de Charles Wallace — disse ele. — Depois conversarei à parte com cada criança da sala da primeira série. Vou tratar de modo que cada um tenha entendimento do problema. Caso quaisquer deles unam-se e tentem bancar os valentões, usarei métodos disciplinares rigorosos. Esta escola tem sido administrada de modo muito negligente e permissivo. De agora em diante, tomarei as rédeas. E agora, Charles Wallace,

vou levá-lo para casa. Seu bicho de estimação ficará a cargo de sua irmã.

Meg deu as costas para ele.

— Sr. Jenkins Dois?

O Sr. Jenkins Dois separou-se dos outros com um passo.

— Força. É isto que o impostor defende. A ditadura. Eu nunca toleraria uma ditadura. Mas não devia ter trazido a cobra ao colégio, Charlie. Devia saber que não se faz. Mas creio que entendo. Você achou que isto aumentaria seu prestígio social, fazer de você mais igual aos olhos de seus colegas. É aí que reside a felicidade, no sucesso com seu grupo. Quero que todas minhas crianças sejam iguais, por isso temos que o ajudar a ser mais normal, mesmo que isto signifique que você tenha que frequentar o colégio em outro lugar por algum tempo. Sei que existe alguém de outra galáxia que tem interesse em lhe ajudar. Talvez esta seja nossa resposta de momento.

Meg virou-se para o Sr. Jenkins Um. Ele encolheu os ombros um pouco, incomodado.

— Não prevejo mudanças na minha relação com Charles Wallace. Por que as viagens interplanetárias deveriam ser pensadas como solução para todos os problemas da Terra, eu não entendo. Já enviamos homens à Lua e a Marte e não nos tornamos melhores. Não consigo ver por que enviar Charles Wallace a bilhões de anos-luz no espaço ajudaria a torná-lo pessoa melhor. A não ser, é claro, que ajude com sua condição física, com a qual ninguém, afora eu, parece preocupar-se. — Ele olhou para o relógio de pulso. — Até que horas vamos seguir nesta farsa?

Meg sentia pequenas e dolorosas piscadas conforme o querubim pensava para ela. Não queria lhe dar ouvidos.

— É só perda de tempo! — berrou ela. — Por que eu tenho que dar bola para esse monte de Sr. Jenkins? O que é que isso tem a ver com Charles?

O hálito de Louise Larguda era frio e suave no seu ouvido.

— Tem ssssssim, tem sssssim— sibilou a cobra.

— Você não precisa saber por quê — disse Proginoskes. — Apenas prossiga.

— Me dê Louise, Meg, por favor — disse Charles Wallace, cansado. — Eu quero ir pra casa.

— É muito longe para você ir caminhando.

— Vamos devagar.

— Eu já lhe disse que o levarei em casa — falou o Sr. Jenkins Três, irritado. — Pode levar essa cobra, desde que ela fique no banco de trás.

— Eu vou levar Charles Wallace. E a cobra — disseram simultaneamente os Srs. Jenkins Um e Dois. Eles estremeceram um pouco. Não ao mesmo tempo, mas em sincopação.

Charles Wallace estendeu o braço, e Louise saiu rastejando de Meg para o garotinho.

— Vamos — disse ele aos três. Então deu as costas a eles e começou a

caminhar para o estacionamento dos docentes. Os Srs. Jenkins seguiram-no, caminhando lado a lado, todos com o porte duro, desajeitado, distintivo e particular ao Sr. Jenkins.

— Mas com quem ele vai? — Meg perguntou a Proginoskes.

— Com o verdadeiro.

— Mas então...

— Creio que, quando eles dobrarem a esquina, só haverá um. Vai nos dar algum descanso, seja como for. — O querubim materializou-se devagar, tornando-se primeiro um cintilar, depois um contorno transparente, depois se aprofundando nas dimensões até que passou à visibilidade total conforme os três Srs. Jenkins sumiram. — Não perca tempo — pensou ele para ela, intenso. — Pense. Qual é a coisa mais agradável que você já ouviu falarem do Sr. Jenkins?

— Agradável? Nada de agradável. Ouça bem: talvez todos eles sejam impostores. Talvez não voltem.

Aquela dorzinha aguda, de novo.

— É muito fácil. Um deles é de verdade e, por algum motivo, ele é importante. Pense, Meg. Você deve saber algo de bom sobre ele.

— Não quero saber nada de bom do Sr. Jenkins.

— Pare de pensar em si. Pense em Charles. O Sr. Jenkins verdadeiro pode ajudar Charles.

— Como?

— Não precisamos saber como, Meg! Pare de me travar. É nossa única esperança. Você tem que deixar que eu desvele com você. — Ela o sentiu andando dentro da sua mente, agora mais suave, embora persistente. — Você ainda está me travando.

— Estou tentando não...

— Eu sei. Resolva problemas de matemática mentalmente. Qualquer coisa que barre seu desamor e deixe eu entrar em relação ao Sr. Jenkins. Faça matemática por Calvin. Você ama o Calvin. Ótimo. Pense em Calvin. Meg! Os sapatos de Calvin.

— O que tem eles?

— Que tipo de sapato ele usa?

— Os sapatos normais de colégio, imagino. Como que eu vou saber? Acho que ele só tem um par de sapatos, mais os tênis.

— Como são os calçados?

— Não sei. Nunca prestei atenção. Não dou muito bola pra roupas.

— Pense um pouco mais em matemática e deixe eu lhe mostrar.

Calçados. Sapatos Oxford resistentes, novinhos em folha, que Calvin usava sobre meias vermelha e roxa, uma diferente da outra, o tipo de calçado que o Sr.

O’Keefe mal daria conta de comprar para a família. Meg via os calçados vividamente; a imagem lhe foi dada por Proginoskes; ela tinha sido muito verdadeira quando lhe disse que não notava calçados. Independente disso, a mente dela registrava tudo que via e a imagem estava lá, armazenada, disponível para o desvelo do querubim. Ela teve um lampejo de intuição de que seu desvelo fosse como uma criancinha tentando encontrar a melodia no piano com um dedo só, tal como se estivesse contra a harmonia de toda a orquestra, como a linguagem de querubim.

Do ouvido de sua mente, veio o eco da voz de Calvin, que lhe retornou de uma tarde quando ela fora enviada — injustamente, ela pensou — para a sala do Sr. Jenkins, e lidaram com ela — injustamente — ali. A voz de Calvin, tranquila, reconfortante, nervosamente sensata.

— Quando eu entrei na sétima série e fui para o Regional, minha mãe me comprou sapatos de um brechó. Custaram um dólar, que era mais que ela tinha como pagar, e eram Oxfords femininos, o tipo de calçado preto que as idosas usam, e no mínimo três números a menos que o meu pé. Quando eu os vi, chorei. Aí minha mãe chorou e meu pai bateu em mim. Então eu peguei uma serra e serrei os saltos, cortei a frente para encaixar meus pés e fui para o colégio. O pessoal me conhecia muito bem para comentar pela frente, mas eu adivinhava o que estavam cochichando aos risinhos às minhas costas. Depois de alguns dias, o Sr. Jenkins me chamou à sala e disse que notou que meus pés eram maiores que meus calçados e que por acaso ele tinha um par extra que achou que ia me servir. Ele tivera que se empenhar para fazer eles parecerem usados, como se não tivesse saído para comprar para mim. Agora ganho dinheiro no verão e posso comprar meus próprios calçados, mas nunca vou esquecer que ele me deu o primeiro par de sapatos decente que eu tive na vida. Claro que eu sei de tudo de ruim que ele tem, e é tudo verdade, e já tive minhas desavenças com ele. Mas, no geral, nos damos bem. Talvez porque meus pais não fazem ele se sentir inferior e ele sabe que pode fazer por mim coisas que eles não podem.

— Seria muito mais fácil se eu pudesse continuar a odiá-lo. — resmungou Meg.

Agora era a voz de Proginoskes no ouvido da sua mente, não a de Calvin.

— O que seria mais fácil?

— Nomeá-lo.

— Seria? Agora você não sabe mais sobre ele?

— Apenas de segunda mão. Eu nunca soube dele fazendo algo agradável.

— Você acha que ele sente o que ao seu respeito?

— Sempre que ele me vê, eu estou rabugenta — admitiu Meg. Ela quase riu ao lembrar de quando o Sr. Jenkins lhe dissera “Margaret, você é a criança mais

contumaz que já tive o infortúnio de receber nesta sala” e teve que ir para casa procurar o que significava “contumaz”.

— Você acha que ele acreditaria em algo de bom ao seu respeito? —sondou-a Proginoskes.

— Improvável.

— Você gostaria que ele visse uma Meg diferente? A Meg de verdade?

Ela deu de ombros.

— Bom, então, você gostaria de ser diferente com ele em que sentido?

— Eu queria ter um cabelo loiro lindo — disse ela, nervosa.

— Não quer não.

— Claro que eu queria!

— Se você tivesse um lindo cabelo loiro, você não seria você.

— O que pode ser boa ideia. Ai, Progo, você me magoou!

— Não é hora de indulgências.

— Quando o Sr. Jenkins é agradável, ele não é o Sr. Jenkins. Ser legal com o Sr. Jenkins seria como eu ter cabelo loiro.

Proginoskes fez raiva gelada atravessar Meg.

— Meg, não temos mais tempo. Eles voltarão a qualquer momento.

O pânico se agitou nela.

— Progo, se eu não Nomear direito, se eu fracassar, você vai fazer o quê?

— Eu já disse: tenho que escolher.

— Isso não é me dizer. Eu quero saber como você vai escolher.

As penas de Proginoskes tremeram como se um vento frio houvesse passado por elas.

— Meg, não temos muito tempo. Eles estão voltando. Você tem que Nomear um deles.

— Me dê uma dica.

— O Sr. Jenkins tinha razão: não é um jogo.

Ela lhe dirigiu um relance de angústia e ele abaixou vários cílios para pedir desculpas.

— Progo, mesmo sendo pelo Charles Wallace, como eu ia fazer o impossível? Como eu vou amar o Sr. Jenkins?

Proginoskes não respondeu. Não houve chama nem fumaça; só os olhos se retirando sob as asas.

— Progo! Me ajude! Como eu vou sentir amor pelo Sr. Jenkins?

Ele imediatamente abriu um grande número de olhos, bastante amplos.

— Que ideia estranha. Amor não é um *sentimento*. Se fosse, eu não teria como amar. Querubim não têm sentimentos.

— Mas...

— Idiota — disse Proginoskes, nervoso, mas não rabugento. — Amor não é o que você sente. É o que você faz. Nunca tive um sentimento em minha vida. Aliás, eu só tenho significado com gente da Terra.

— Progo, você tem significado para mim.

Proginoskes bufou nuvens azuis.

— Não foi o que eu quis dizer. Quis dizer que querubins só *ganham significação* com gente da Terra. Você chamaria de materialização.

— Então, se você só fica visível com a gente, por que tem que ficar tão apavorante?

— Porque, quando ganhamos significado, é assim que ficamos. Quando você ganhou significado, você não optou por ficar do jeito que é, optou?

— Certo que não. Eu teria feito uma opção bem diferente. Eu ia escolher ser linda... ah, entendi! Você quer dizer que você tem a mesma capacidade de escolha em relação a parecer uma revoada de dragões que eu em relação ao meu cabelo, meus óculos e tudo mais? Você não faz isto só por diversão?

Proginoskes deixou três de suas asas afetadamente sobre vários olhos.

— Eu sou um querubim, e quando um querubim toma significado, é assim que é.

Meg ajoelhou-se em frente à grande, assustadora e curiosamente bela criatura.

— Progo, eu não sou vento nem chama nem fogo. Sou um ser humano. Eu sinto. Não consigo pensar sem sentimentos. Se você tem significado pra mim, então o que você decide fazer se eu fracassar tem significado.

— Não consigo entender por quê.

Ela pôs-se de pé rapidamente, piscando os últimos restos de fumacinha azul clara que faziam seus olhos arderem, e gritou:

— Porque se você decidir se transformar em uma minhoca ou o que for e entrar para os Ectroi, não me interessa se eu vou Nomear direito ou não! Pra mim não importa! E Charles Wallace acharia o mesmo. Eu sei que ele acharia!

Proginoskes sondou a mente dela com carinho e ponderação.

— Não entendo seus sentimentos. Estou tentando, mas não consigo. Deve ser extremamente desagradável ter sentimentos.

— Progo! O que você vai fazer?

Silêncio. Nada de chamadas. Nada de fumaça. Todos os olhos fechados. Proginoskes dobrou as grandes asas totalmente. Suas palavras eram muito pequenas conforme entravam na mente dela.

— Ex-ear. Se você fracassar, eu vou me Ex-ear.

Ele desapareceu.

Meg deu um giro e os três Srs. Jenkins vieram caminhando do estacionamento na direção dela. Ela os encarou.

— Sr. Jenkins.

Idênticos, detestáveis, simultâneos, eles vieram passo a passo na direção de Meg.

O Sr. Jenkins Um soltou uma fungada, a ponta do nariz rosa insinuando-se de desgosto.

— Estou de volta. Deixei Charles Wallace com sua mãe. Agora poderia, por favor, livrar-se dos, hã, traquinas? Fiquei ofendido com esta intromissão no meu cronograma e na minha privacidade.

O Sr. Jenkins Dois apontou em tom acusatório para o Sr. Jenkins Um.

— Aquele impostor perdeu a paciência e mostrou quem realmente é quando seu irmãozinho trouxe a cobra para o colégio. O impostor esqueceu quem tinha que ser e chamou a criança de co...

— Apague — disse o Sr. Jenkins Três, ríspido. — Ele usou palavras inapropriadas para uma criança. Corte.

— Ele não ama crianças — disse o Sr. Jenkins Dois.

— Ele não tem controle das crianças — disse o Sr. Jenkins Três.

— Farei Charles Wallace feliz — disse o Sr. Jenkins Dois.

— Farei dele uma pessoa de sucesso — disse o Sr. Jenkins Três.

O Sr. Jenkins Um olhou para o relógio.

Meg fechou os olhos. De repente, parou de sentir. Ela fora lançada a uma dimensão além do sentimento, se é que tal coisa é possível. Se Progo estivesse certo, é. Não havia nada afora a fria percepção de que não tinha nada a ver com o que ela teria pensado normalmente como sentimento. A voz que vinha de seus lábios vinha quase sem vontade, fria, calma, sem emoção.

— Sr. Jenkins Três...

Ele deu um passo à frente, sorrindo de triunfo.

— Não. Você não é o Sr. Jenkins verdadeiro. Você é forte demais. Você nunca teria sido removido da escola regional que não consegue controlar e passado a diretor de um colégio fundamental que também não consegue controlar. — Ela olhou para os Srs. Jenkins Um e Dois. Suas mãos estavam geladas e ela tinha aquela sensação, na boca do estômago, que precede a náusea aguda, mas não estava ciente disto porque continuava no estranho reino além dos sentimentos.

— Sr. Jenkins Dois...

Ele sorriu.

Mais uma vez, ela fez não com a cabeça.

— De início eu não estava tão segura ao seu respeito. Mas querer deixar todo mundo feliz e igual a todo mundo é tão ruim quanto o Sr. Jenkins Três manipulando todos. Por pior que o Sr. Jenkins seja, ele é o único dos três de

vocês que é humano o bastante para cometer os erros que comete. E é você, Sr. Jenkins Um... — De repente ela deu uma risada surpresa. — E isso é motivo para eu amá-lo. — Então ela estourou em lágrimas de nervosismo e exaustão. Mas não teve dúvida de que estava certa.

O clima no pátio do colégio foi cortado por um grande uivo e gritos estridentes, e depois por um vazio gélido que só podia significar a presença dos Ectroi. Foi como se fossem rasgo atrás de rasgo no ar, para depois se juntar as pontas e se consertar.

Silêncio. Calmaria. E um vento leve, comum, cotidiano.

Proginoskes materializou-se, delicadamente desdobrando asa após asa para revelar seus vários olhos.

O Sr. Jenkins Um, o Sr. Jenkins verdadeiro, desmaiou.



## Metron Ariston

Meg curvou-se para chegar perto do Sr. Jenkins. Não percebeu que Blajeny estava ali até ouvir sua voz.

— Ora, Proginoskes, você devia saber que não se pega alguém de surpresa desse jeito, ainda mais alguém limitado como o Sr. Jenkins. — Ele estava entre o querubim e Meg, quase da altura do colégio, meio entretido, meio irritado.

Proginoskes sacudiu várias asas em sinal de desculpa, embora não muito entusiasmado.

— Fiquei muito aliviado.

— Deveras.

— Será que este... hã... Sr. Jenkins nunca será mais que um limitado?

— Pensar assim é limitado e limitante, Proginoskes — disse Blajeny, firme.  
— Surpreende-me ouvir.

Agora o querubim havia ficado envergonhado mesmo. Fechou os olhos e cobriu-os com asas, mantendo apenas três olhos abertos, um para Blajeny, um para Meg e um para o desfalecido Sr. Jenkins.

Blajeny virou-se para Meg.

— Minha criança, fiquei muito contente com você.

Meg corou.

— Não devíamos tomar alguma providência em relação ao Sr. Jenkins?

Blajeny ajoelhou-se no chão poeirento. Seus dedos negros, tão amplos, pressionavam com delicadeza as têmporas do Sr. Jenkins; o rosto normalmente pastoso do diretor estava cinza; seu corpo teve uma agitação espasmódica; ele abriu os olhos e fechou de novo imediatamente; gemeu.

A tensão e o alívio deixaram Meg à beira da histeria; ela estava meio rindo, meio chorando.

— Blajeny, não percebe que, para o pobre Sr. Jenkins, você deve ser quase tão assustador quanto o Progo? — Ela também caiu de joelhos diante do diretor. — Sr. Jenkins, estou aqui. Sou eu, Meg. Sei que você não gosta de mim, mas pelo menos eu sou familiar. Abra seus olhos. Está tudo bem. Tudo bem mesmo.

Ele abriu os olhos devagar, cauteloso.

— Tenho que marcar horário com um psiquiatra. Prontamente.

Meg falou com carinho, como se falasse com uma criancinha.

— Você não está alucinando, Sr. Jenkins, juro que não. Está tudo bem. Blajeny e Progo são amigos. Amigos de verdade.

O Sr. Jenkins fechou os olhos, abriu de novo, focou-se em Meg.

— Blajeny é um Professor, Sr. Jenkins. E Progo é um... bom, é um querubim.

— Ela não tinha como culpar o Sr. Jenkins pela incredulidade.

A voz dele saiu fina.

— Ou eu entrei no processo de um colapso nervoso, o que não é improvável, ou estou sonhando. É isso. Devo estar com sono. — Ele fez força para se sentar, com apoio de Meg. — Mas por que, então, você está no meu sonho? Por que eu estou deitado no chão? Alguém bateu em mim? Eu bem diria que é coisa desses garotos maiores... — Ele passou a mão na cabeça, procurando uma ferida. — Por que está aqui, Margaret? Parece que me lembro... — Ele olhou mais uma vez para Blajeny e Proginoskes e estremeceu. — Ainda estão aqui. Não. Ainda estou sonhando. Por que não consigo acordar? Isto não é real.

Meg ecoou Blajeny.

— O que é real? — Ela virou-se para o Professor, mas ele já não prestava mais atenção no Sr. Jenkins. Ela seguiu o olhar de Blajeny e viu Louise rastejando com velocidade na direção deles.

Um novo estremecer abalou o Sr. Jenkins.

— A cobra de novo não... tenho fobia de...

Meg o acalmou.

— Louise na verdade é muito amiga. Ela não vai machucá-lo.

— Cobras. — O Sr. Jenkins sacudiu a cabeça. — Cobras, monstros, gigantes... Não é possível, nada disso é possível.

Blajeny interrompeu seu diálogo com Louise Larguda e falou com premência.

— Temos que ir de uma vez. Os Ectroi estão furiosos. A mitocondrite de Charles Wallace ficou aguda.

— Ah, Blajeny, leve-nos para casa depressa — gritou Meg. — Eu tenho que ficar com o Charles Wallace!

— Não temos tempo. Temos que ir de uma vez a Metron Ariston.

— Onde?

Sem responder, Blajeny virou-se de Meg para o Sr. Jenkins.

— E o senhor: deseja voltar a sua escola e seguir com seus afazeres diários? Ou vai entrar para nosso grupo?

O Sr. Jenkins ficou com uma cara totalmente atônita.

— Estou no meio de um colapso nervoso.

— Não precisa entrar em colapso caso não queira. O que aconteceu foi que o

senhor se viu diante de várias coisas externas às nossas esferas de experiência presentes. O que não quer dizer que elas, ou nós, não existimos.

Meg teve uma sensação involuntária de proteção para com o homenzinho sem atrativos que ela havia Nomeado.

— Sr. Jenkins, não acha melhor comunicar que está indisposto e vir conosco?

O Sr. Jenkins estendeu as mãos, sem saber o que fazer.

— Havia dois... eram dois... aqueles dois... eram dois homens parecidos comigo?

— Sim, claro que eram. Mas já foram.

— Para onde?

Meg virou-se para Blajeny.

O Professor tinha um olhar sério.

— Quando um Ectros toma um corpo humano, tende a mantê-lo.

Meg agarrou o cinza-pedra da manga do Professor.

— O primeiro teste... como que aconteceu aquilo? Vocês não inventaram, não é? Vocês não tinham como dizer aos Ectroi para virarem o Sr. Jenkins, não é?

— Meg — respondeu ele, calmamente —, eu falei que precisava da sua ajuda.

— Quer dizer... quer dizer que isso ia acontecer de qualquer jeito, que os Ectroi iam se transformar no Sr. Jenkins, mesmo que...

Bastante abalado, o Sr. Jenkins foi cambaleante até Blajeny.

— Veja bem: não sei quem você é e não me importo, mas exijo uma explicação.

A voz de Blajeny agora estava mais para uma trompa do que um violoncelo.

— Talvez em seu mundo hoje tal fenômeno se chamaria esquizofrenia. Prefiro a antiga ideia de possessão.

— Esquizo... o senhor está questionando minha sanidade?

A voz baixinha de Louise zuniu, com urgência.

— Sr. Jenkins — disse Blajeny, tranquilamente —, temos que ir. Ou volte para seu colégio ou venha conosco. Agora.

Meg se percebeu insistindo, para surpresa dela mesma:

— Por favor, Sr. Jenkins, venha conosco.

— Mas o meu dever...

— Você sabe que não pode voltar para o colégio, sem mais nem menos, depois do que aconteceu.

O Sr. Jenkins gemeu de novo. Sua compleição havia passado do cinza ao verde pálido.

— E depois que você encontrou o querubim e Blajeny...

— Queru...

Louise assobiou de novo.

— Você vem conosco ou não? — perguntou Blajeny.

— Margaret me Nomeou — disse o Sr. Jenkins, baixinho. — Sim. Eu irei.

Proginoskes estendeu um grande eixo e puxou Meg para si. Ela sentiu o batimento cardíaco tremer, uma batida que reverberou como um sino de latão. Então ela viu o olho ovoide abrindo, dilatando-se...

Ela havia atravessado.

• • •

Foi um tanto anticlimático descobrir que eles estavam na rocha de observação estelar, ou seja, perto de casa.

Peraí: seria mesmo a rocha de observação estelar?

Ela piscou e, quando abriu os olhos, o Sr. Jenkins e Blajeny estavam ali, assim como Calvin (ah, obrigado, Blajeny!), estendendo-lhe a mão. Ela se animou com a radiância do sorriso dele.

Não havia mais o frio de outono. Havia uma brisa leve, quente e veranil. Tudo ao redor deles estava repleto de sons de insetos veranis, de gafanhotos e — o menos agradável — o zumbido de um mosquito. As rãs coaxavam sem parar e uma perereca cantava sua canção áspera. O céu estava denso de estrelas, estrelas que no verão sempre pareciam mais próximas da Terra do que no inverno.

Blajeny sentou-se de pernas cruzadas sobre a rocha e fez sinal para se aproximarem. Meg sentou-se na frente dele e viu que Louise estava enroscada ali perto, a cabeça descansando sobre uma das asas estendidas de Proginoskes. Calvin sentou-se ao lado de Meg e o Sr. Jenkins ficou de pé, meio desajeitado, apoiando-se em uma perna, depois outra.

Meg chegou um pouco mais perto de Calvin e olhou para o céu.

Ela perdeu o fôlego. As estrelas, as estrelas baixas do verão, densas como margaridas, não eram os mesmos planetas e as mesmas constelações que ela tanto observara com os pais. Eram tão distintas quanto as constelações onde Proginoskes a havia levado para ver a temível obra dos Ectroi.

— Blajeny — perguntou Calvin —, onde estamos?

— Metron Ariston.

— O que é Metron Ariston? Um planeta?

— Não. É uma ideia. Um postulado. Acho mais fácil postular quando estou na minha galáxia materna, por isso estamos próximos do sistema solar de Mondrion, na galáxia Veganuel. As estrelas que vocês veem são as que eu conheço, as que eu vejo do meu planeta natal.

— Por que estamos aqui?

— O postulado Metron Ariston possibilita que todos os tamanhos se tornem relativos. Dentro de Metron Ariston, você pode ser dimensionado de modo a

dialogar com uma estrela gigante ou uma minúscula farândola.

Meg teve um instante de choque e incredulidade. Farândolas eram ainda menos reais a ela do que os “dragões” de Charles Wallace.

— Uma farândola! Vamos mesmo ver uma dessas?

— Sim.

— Mas é impossível. Uma farândola é algo tão pequeno que...

— Pequena quanto? — perguntou Blajeny.

— Minha mãe diz que é tão pequena que está além da concepção racional.

O Sr. Jenkins fez um som baixinho de confusão e ajeitou-se de novo.

— E ainda assim a Sra. Murry se convence de que provou a existência das farândolas — disse Blajeny. — Pois vamos supor: aqui estamos, na galáxia de Veganuel, a dois trilhões de anos-luz de distância. Veganuel é praticamente do mesmo tamanho da galáxia da sua Terra. Quanto tempo leva para a Via Láctea dar uma volta nela mesma?

Como ninguém mais falou, Meg respondeu:

— Duzentos bilhões de anos, em sentido horário.

— O que nos dá uma noção do tamanho da sua galáxia, não é?

— Só uma noção — disse Calvin. — Nossas mentes não conseguem compreender algo tão imenso, tão macrocósmico.

— Não tente compreender com sua mente. Suas mentes são muito limitadas. Usem a intuição. Pensem no tamanho da sua galáxia. Agora, pensem no sol. O sol é uma estrela e é muito menor que a galáxia inteira, não é?

— Claro.

— Agora pensem em vocês em comparação ao tamanho do seu sol. Pensem em como vocês são pequenos. Já fizeram isso?

— Mais ou menos — disse Meg.

— Agora pensem em uma mitocôndria. Pensem nas mitocôndrias que moram dentro das células de todas as coisas vivas e no quanto uma mitocôndria é menor que vocês.

— Achei que Charles Wallace estava inventando tudo isso para se exhibir... — disse o Sr. Jenkins, apenas consigo.

— Agora pensem que uma farândola é menor que uma mitocôndria na proporção que uma mitocôndria é menor do que nós — disse Blajeny.

— Desta vez — disse Calvin —, o problema é que nossas mentes não conseguem compreender algo tão *microcósmico*.

— Outro modo de explicar — disse Blajeny — seria dizer que a farândola é menor do que vocês na proporção de que sua galáxia é maior do que vocês.

Calvin soltou um assobio.

— Então, para uma farândola, qualquer um de nós seria do tamanho de uma

galáxia?

— Mais ou menos. Você é uma galáxia para suas farândolas.

— Então como vamos nos encontrar com uma farândola?

A voz de Blajeny saiu paciente.

— Eu acabei de lhes dizer que em Metron Ariston não temos que dar bola a variações de tamanho, que, na verdade, são bem desimportantes. — Ele virou a cabeça e olhou na direção das grandes rochas glaciais.

— As rochas — perguntou Meg —, elas estão ali mesmo?

— Nada está em lugar algum em Metron Arisotn — disse Blajeny. — Estou tentando facilitar ao máximo para vocês, providenciando uma ambientação visual familiar. Vocês têm que tentar entender as coisas não só com suas mentezinhas humanas, que não são de grande auxílio nos problemas que nos afrontam.

Enfim, o Sr. Jenkins sentou-se, agachando-se desconfortável sobre a rocha.

— Com o que eu vou entender, então? Não tenho muita intuição.

— Vocês devem entender com seus corações. Com o todo de si, não apenas com um fragmento.

O Sr. Jenkins soltou um suspiro.

— Sou muito velho para ter aulas. Galinha nova não ensina macaco velho. Já passei do meu tempo.

— Ah, não passou não, Sr. Jenkins — bradou Meg. — Está só começando!

O Sr. Jenkins sacudiu a cabeça com uma negativa lamentosa.

— Talvez fosse melhor se você não tivesse me Nomeado. Por que eu tinha que ver você desse jeito? Ou seu irmãozinho? Ou essa criatura assustadora?

Proginoskes teve o que soou como uma leve sublevação vulcânica.

O Sr. Jenkins retesou-se de novo, embora não houvesse como ele ficar mais pálido.

— Existem outros iguais a você?

— Há um número considerável de querubim — respondeu Proginoskes —, mas nenhum exatamente idêntico.

— É isso — disse o Sr. Jenkins. — É exatamente isto. — Ele distraidamente tirou a caspa e os fios nos ombros de seu terno escuro.

Blajeny, que ouvia atentamente, abaixou a grande cabeça com educação.

— Exatamente o quê, Sr. Jenkins?

— Ninguém devia ser exatamente igual a outro.

— E alguém é?

— Aquelas... aquelas... cópias de Sr. Jenkins... me ver duplicado, triplicado... não há mais onde se agarrar.

Meg levantou-se por impulso e correu até o diretor.

— Mas eles não são iguais a você, Sr. Jenkins! Ninguém é! Você é singular. Eu o Nomeei, não Nomeei?

Os olhos do Sr. Jenkins ficaram borrados e perplexos pelas lentes dos óculos.

— Sim. Sim, você me Nomeou. Imagino que seja por isso que estou aqui... seja lá onde for aqui. — Ele virou-se para Blajeny. — Estes outros Srs. Jenkins... você os chamou de Ectroi?

— Sim. Os Ectroi são aqueles que odeiam, aqueles que o impedem de ser Nomeado, aqueles que o des-Nameariam. Criar é da natureza do amor. Destruir é da natureza do ódio.

— Temo que eu não tenha sido uma pessoa que ama — disse o Sr. Jenkins, pesaroso.

Meg sentiu um lampejo de intuição tão afinado e brilhante quanto a chama do querubim; tal como a chama, ela ardia.

— Ah, Sr. Jenkins. Não está vendo? Toda vez que eu estive na sua sala, fazendo birra, odiando o senhor, na verdade eu estava odiando mais a mim que a você. A Mãe tinha razão. Ela me disse que você se subestima.

O Sr. Jenkins reagiu com uma voz estranha, num tom que ela nunca havia ouvido, totalmente diferente de sua aspereza usual, nasal, penetrante.

— Nós dois fazemos isso, não é, Margaret? Quando achei que seus pais me desprezavam, na verdade era eu que me desprezava. Mas não vejo outro modo de me considerar.

Agora enfim Meg vislumbrava o Sr. Jenkins que havia comprado sapatos para Calvin, que tentara, sem muito jeito, fazer os sapatos parecerem gastos.

O Sr. Jenkins virou-se para Blajeny.

— Estes Ecto...

— Ectroi. Ectros, no singular.

— Estes Ectroi que assumiram minha... que assumiram minhas feições — disse o Sr. Jenkins —, eles podem causar mais problemas?

— Sim.

— Eles fariam mal a Charles Wallace?

— Poderiam Ex-eá-lo... extingui-lo — disse o querubim.

Meg estendeu os braços de saudade e temor pelo irmão.

— Não devíamos tê-lo deixado... — Ela começou a falar, mas fechou a boca. Sentiu o querubim andando delicadamente com ela, ajudando-a, dando pequenos cutucões no pensamento. E então foi como se ela estivesse com Charles Wallace, não na realidade, não em pessoa, mas no coração. No olho de seu coração ela viu a mãe carregando-o escada acima, Charles desfalecido nos braços da Sra. Murry, as pernas caídas de lado.

A Mãe entrou no quarto dele, um quatinho pequeno de lambris nas paredes e

uma pequena lareira, a parede coberta com uma estampa de flocos de neve azuis e brancos, um recinto seguro e aconchegante. A janela dava para os pinheiros atrás da casa; a luz que entrava era suave e delicada.

A Sra. Murry deitou Charles Wallace na cama e começou a despi-lo. A criança mal tinha força para ajudá-la. Ele se esforçava para sorrir e falar:

— Eu vou melhorar. A Meg vai...

— Meg vai levar umas horas para voltar do colégio — disse a mãe. — Ela já vai ver você. E a Dra. Louise está a caminho.

— Meg não está... no colégio. — Falar era um esforço muito grande.

A Sra. Murry não o contradisse, como talvez fizesse em situação normal, mas ajudou-o a entrar no pijama.

— Estou com frio, Mãe.

Ela puxou as cobertas sobre ele.

— Vou buscar mais um cobertor.

Som de pés batendo na escada. Os gêmeos irromperam no quarto.

— O que é isso? O que houve?

— O Charles está doente?

A Sra. Murry respondeu baixinho.

— Ele não está se sentindo bem.

— Tão ruim que teve que ir para a cama?

— Ele teve problemas no colégio de novo?

— Foi tudo bem no colégio. Ele levou a Louise e ela, obviamente, fez sucesso.

— A nossa Louise?

— Louise Larguda?

— Sim.

— Mandou bem, Charles!

— Assim é que se faz!

Charles Wallace conseguiu abrir um sorriso razoável.

— Sandy — disse a Sra. Murry —, traga lenha para a fogueira, por favor. Está um pouco frio. Dennys, por favor, vá no armário de cedro e pegue mais um cobertor...

— Ok. Claro. Estou indo.

— E a Meg vai ler ou fazer algo para você assim que chegar, Charles.

Meg achou ter ouvido Charles Wallace repetir que a irmã não estava no colégio, mas foi como se uma névoa houvesse descido sobre aquela cena vívida. O quarto de Charles Wallace sumiu, e Meg estava de pé, pressionada contra o querubim, que tinha uma asa forte sobre ela.

— Agora, minhas crianças — disse Blajeny —, precisamos ter uma aula. Vamos fazer de conta que é dia. Vocês conseguem, sabiam? Fazer de conta exige prática, mas nem você, Calvin, nem você, Meg, têm idade para já ter esquecido como se faz. Vocês têm que fazer de conta para si e para o Sr. Jenkins. Pode parecer uma tarefa trivial diante da gravidade das circunstâncias, mas é um ensaio para o que está por vir. Agora. Façam de conta. Transformem noite em dia.

O querubim puxou sua asa, e Meg colocou sua mão sobre a de Blajeny. Em comparação à dele, a mão dela era muito pequena, tão pequena quanto quando ela era mais nova que Charles Wallace e segurou a mão do pai com amor e confiança plenos. Ela olhou o rosto sério e negro de Blajeny, olhou para os estranhos olhos cor de âmbar que às vezes pareciam reter a luz gelada da lua, e que agora brilhavam com o calor do sol. A cor encheu o céu imaginado de Metron Ariston, um vasto dossel azul em arco, sem nuvens, tremeluzindo de calor. Perto da rocha, a grama verde do verão ondulava à brisa; um passarinho cantava e veio acompanhado de outro, de outros, até que a melodia estava por todos os lados. A grama era abrilhantada por flores do campo, margaridas, margaridas-amarelas, dedaleiras, valverdes, cardos lilás, todas as flores de verão a brotar, abundantes e brilhantes.

As cores resplandeciam mais que o normal. O cabelo de Calvin, do mesmo tom das flores vermelhas, ardia como o sol. Suas sardas pareciam maiores e mais abundantes que nunca. O azul esmaecido de seu casaco havia ficado mais intenso, até encontrar o azul-genciana de seus olhos. Ele vestia uma meia vermelha e uma meia roxa.

O saiote velho de Meg, esmaecido de tantas lavagens, parecia claro e novo. Mas seu cabelo, pensou ela, provavelmente estava mais marrom-rato que nunca. O Sr. Jenkins ainda estava pastoso e descolorado. Louise Larguda, contudo, parecia mais comprida que o normal e seus anéis emitiam brilhos roxos e dourados.

Meg olhou para Proginoskes, e o brilho do querubim era tão intenso que quase a cegou; ela teve que virar para outro lado.

— Agora, minhas crianças — disse Blajeny, incluindo o Sr. Jenkins na designação —, vamos receber os outros participantes da aula.

De trás da menor das duas pedras glaciais, uma criatura minúscula surgiu e correu até eles. Parecia muito um ratinho azul-prateado, e à Meg lembrava uma criatura marinha, não terrestre. Suas orelhas eram grandes e aveludadas; o pelo ganhava tons lavanda nas pontas, soprando delicadamente à brisa como plantas marítimas se movendo com as correntes do oceano. Seus bigodinhos eram anormalmente compridos; seus olhos eram grandes e leitosos e não tinham

pupila nem íris visível; mas não havia nada de esmaecido neles; brilhavam como pedras da lua.

O bicho falava, mas não com o chio de rato nem com voz humana. O som era como fios de harpa que se dedilhava embaixo d'água. Os bigodinhos compridos vibravam quase como se alguém os estivesse tocando. Ele não pronunciava palavras, mas ficava evidente que dizia algo do tipo: “Olá, vocês são meus colegas?”

Blajeny falou na língua da criatura camundonguesca; palavras não saíram de sua boca; seus lábios de granito estavam fechados; ainda assim as crianças ouviram o adorável som de harpa.

A criatura camundongo não pareceu contente e fez sons que transmitiam boa dose de dúvida. Meg entendeu que ele estava reclamando que, se tivesse que passar pelo exame mais preliminar com um terreno, tinha dúvidas se conseguiria. Um querubim até pode ajudar, mas é óbvio que terrenos não passavam de...

— Eu também tinha apreensão — disse Proginoskes — em relação aos terrenos. Mas a garota terrena e eu acabamos de passar pela primeira provação e foi ela que a superou.

Os bigodinhos da criatura camundongo tilintaram.

— Não pode ter sido grande provação. Podemos seguir em frente, Blajeny? Temos apenas um parsec para eu fazer meu relatório preliminar. E vejo que tenho muito a ensinar a quem eu tiver a infelicidade de ter como meu parceiro... mesmo que seja o querubim. — Seu longo rabo púrpura, cuja ponta lembrava uma barbatana de peixe, mexeu-se e seus bigodinhos eriçaram-se na direção de Meg.

Meg também eriçou-se.

— Talvez quando eu tiver a sua idade eu vou ter aprendido umas coisas para ensinar a *você!*

Os bigodinhos da criatura camundonguesca vibraram velozes.

— A idade é imaterial. De qualquer modo, o que acontece é que eu nasci ontem.

— Então o que está fazendo aqui?

A criatura camundongo puxou-se para cima; agora ela lembrava a Meg não tanto um rato, mas um camarãozinho com antenas que sacudiam loucamente.

— Hoje em dia, só uma farândola de nós nasce mais ou menos a cada geração, e começamos nossa educação assim que nascemos.

— Você é uma farândola!

— Naturalmente. Esperava que eu fosse o quê? O que mais eu poderia ser? Todo mundo sabe que as farândolas...

Ela o interrompeu.

— Todo mundo, vírgula. A existência das farândolas não era nem suposta até poucos anos atrás, quando começamos a entender melhor as mitocôndrias. E minha mãe acabou de isolar o efeito das farândolas nas mitocôndrias com seu microsonarscópio. E mesmo com o microscópio microeletrônico não se pode provar que farândolas existem, pois não há como enxergá-las.

Os bigodinhos da criatura camundongo, a farândola, vibraram.

— Tem que ser uma raça de criaturas muito imbecis para não conhecer seus próprios habitantes. Principalmente se tem a sorte de ser habitada por farândolas. Somos extremamente importantes, cada vez mais.

Atrás da farândola, atrás de Proginoskes e de Louise Larguda, a forma de um Sr. Jenkins passou rapidamente no horizonte.

O Sr. Jenkins, parado perto de Meg e Calvin, estremeceu.

Blajeny ficou soturno.

— Ectroi em ação.

A farândola-criatura-camundongo não prestou atenção.

— Meu *Quercus*, minha árvore, não tem prole há cem anos. Segundo nossa contagem, é claro. Vai me tomar o mesmo tempo para crescer tudo que tenho para crescer, e esta é só minha segunda fase.

Meg falou do modo mais indelicado que lhe era possível.

— Você vai nos contar sobre a sua primeira fase, queiramos ou não. Pode contar, então. — O vislumbre de Charles Wallace, seguido pela visão de outro Ectros-Sr. Jenkins, havia obrigado Meg a perceber que superar com sucesso o primeiro teste não significava que tudo ia ficar bem.

A farândola-camarão-rato reagiu com um tremular ainda mais intenso das antenas.

— Ontem pela manhã eu ainda estava contido dentro da única fruta dourada pendurada na minha árvore. Ao meio-dia, ela estourou e caiu aberta, e lá estava eu, recém-eclodido. No meu estágio girino, fui entregue a Metron Ariston, metamorfoseei-me e aqui estou. Meu nome, a propósito, é Sporos e não gosto que vocês fiquem pensando nomes como criatura-camundongo e coisa-camarão. *Sporos*. Quando eu tiver terminado esta fase da minha formação... se eu terminar... com um de vocês como parceiro, vou enraizar-me e Aprofundar. Passado um eon, enviarei um brotinho verde do meu leito de algas e começarei a virar uma farândola aquosa, decídua, reprodutora de esporos, frutífera e conífera.

Calvin ficou com uma expressão de espanto.

— Você é louco. Eu estudei biologia. Você não é possível.

— Nem você — respondeu Sporos, indignado. — Nada de *importante* é possível. Blajeny, será meu infortúnio estar lado a lado com estes terrenos?

Louise Larguda ergueu a cabeça de seus anéis e olhou para Sporos, e suas pálpebras pesadas encontraram-se e fecharam.

— Você não está se esforçando para ser estimado, Sporos — disse Blajeny.

— Não sou mero terreno. Terrenos só são importantes porque são habitados por farândolas. Ser benquisto é algo insondável para farândolas.

Blajeny deu as costas a Sporos em uma rejeição silenciosa.

— Calvin. Você e Sporos têm que trabalhar juntos.

— Ah, bom, não se pode ganhar todas — era mais ou menos o que a vibração de Sporos significava. Meg achou que a resposta seria mais apropriada se viesse de Calvin.

— Blajeny, se bem entendi... — disse o Sr. Jenkins.

— Sim?

— Aquele outro... eu vi outra cópia de mim há poucos instantes, não vi?

— Sim. Infelizmente viu.

— E isso significa o quê?

— Nada bom — disse Blajeny.

— Veja bem: não estamos em um lugar — complementou Proginoskes. — Estamos em Metron Ariston. Somos apenas uma ideia que Blajeny por acaso está tendo no meio do sistema solar Mondrion na galáxia de Veganuel. Um Ectros-Sr. Jenkins não teria como nos seguir até aqui. Isto quer dizer...

— O quê? — indagou Meg.

— Nada bom — disse Proginoskes, tal como Blajeny.

Sporos tilintou seus bigodinhos.

— Precisamos ficar por aqui batendo papo? Quando vamos?

— Muito em breve.

— Aonde? — quis saber Meg. Ela sentiu cócegas de antecipação.

— A um lugar bem longe, Meg.

— Mas a Mãe e o Pai... Charles Wallace... os gêmeos... não podemos sair por aí com Charles Wallace doente e...

— É por isso que vamos, Meg — disse Blajeny.

Sporos vibrou suas notas ondulantes, e Meg traduziu mais ou menos assim:

— Vocês não têm como ligar para casa ou simplesmente chamar e um conversar com o outro quando quer?

E, depois um lamento de horror:

— Ah, pela madrugada, não vejo como alguém tão ignorante como vocês três terrenos dão conta de viver. Quer dizer que na sua Terra vocês nunca se comunicam um com o outro nem com outros planetas? Quer dizer que seu planeta gira totalmente isolado no espaço? Vocês não se sentem muito solitários? Ele não se sente?

— Ele?

— Ou ela. Seu planeta. Vocês não se sentem sozinhos?

— Talvez nos sintamos, um pouco — reconheceu Calvin. — Mas é um planeta lindo.

— Isso — disse Sporos — até pode ser. Já que eu nasci ontem e vim direto a Metron Ariston e a Blajeny, não conheço nenhum planeta além dos que existem no sistema solar de Mondrion. E eles estão sempre conversando. Aliás, ficam de papo demais, a meu ver.

— Nós não... — Meg tentou interromper, mas Sporos seguiu a tilintar.

— Eu espero que eu não tenha nascido numa temível mitocôndria que mora em um hospedeiro humano isolado terrível em um planeta solitário como o seu. Vocês são todos do mesmo planeta, certo? Foi o que eu pensava. Ai, ai, ai, já vi que vocês não vão me ajudar em nada em passar por esses testes. Melhor eu ver que horas são.

— Como você sabe as horas? — perguntou Calvin, curioso.

— Pelas folhas, oras. Quer dizer que vocês nem sabem que horas são?

— Claro que eu sei. Com meu relógio de pulso.

— O que é um relógio de pulso?

Calvin mostrou o pulso. Ele tinha muito orgulho do relógio, que tinha ganhado como prêmio na escola, e que dava tanto a data quanto a hora, tinha ponteiro contínuo e função cronômetro.

— Que objeto curioso. — Sporos ficou olhando o relógio com certo desprezo.

— Funciona só para as suas horas ou para horas no geral?

— Acho que só para as nossas horas.

— Quer dizer que se você quiser saber que horas são em qualquer outro ponto da galáxia de Blajeny, ou numa mitocôndria distante, seu coiso de pulso não vai lhe dizer?

— Bom... não. Ele só diz o horário do fuso horário em que eu estiver.

— Yadah Todo Poderoso! Como as coisas devem ser confusas no seu planeta. Só espero que meu hospedeiro humano não esteja no seu planeta.

— Se alguém pudesse me explicar o que está se passando... — disse o Sr. Jenkins, queixoso.

— Sr. Jenkins — disse Meg. — Você sabe o que são os Ectroi...

— Mas não sei. Só sei que eles se passaram por mim.

Blajeny pôs as duas mãos imensas sobre os ombros caídos do Sr. Jenkins e olhou para ele, sério.

— Forças malignas estão em ação neste mundo.

O Sr. Jenkins concordou sem falar. Daquilo ele não discordava.

— Elas estão no universo inteiro.

O Sr. Jenkins olhou de relance o querubim, que havia esticado toda a extensão das asas como se fosse flexionar os músculos.

— Que... que tamanho elas têm?

— Elas não têm tamanho algum e têm todos os tamanhos. Um Ectros pode ser grande como uma galáxia e pequeno como uma farândola. Ou, como você viu, uma réplica sua. São os poderes da nulidade, são aqueles que des-Nameiam. A meta deles é Ex-eação total. Extinguir toda a criação.

— O que eles têm a ver com Charles Wallace?

— Os Ectroi estão tentando destruir suas mitocôndrias.

— Mas por que eles se dariam a esse trabalho com uma criança?

— Nem sempre é dos grandes ou dos importantes que depende o equilíbrio do universo.

Louise Larguda deu um assobio insistente, e Meg quase teve certeza que a cobra estava lhes dizendo que ia ficar com Charles Wallace, que ia estimulá-lo para continuar lutando para viver.

— Ah, Louise, por favor, por favor, você não vai deixá-lo sozinho? Você *pode* ajudá-lo?

— Não vou deixá-lo.

— Ele vai ficar bem?

Louise respondeu com silêncio.

— Charles Wallace morrerá se suas mitocôndrias morrerem — disse Blajeny ao Sr. Jenkins. — Você entendeu?

O Sr. Jenkins fez não com a cabeça.

— Achei que ele estava inventando coisa com palavras complicadas. Achei que ele queria se exhibir. Eu nem sabia que existiam mitocôndrias.

Blajeny virou-se para Meg.

— Explique.

— Vou tentar. Mas não sei se entendo alguma coisa, Sr. Jenkins. Sei que precisamos de energia para viver, certo?

— Até o momento.

Ela sentiu Blajeny desvelando informações a ela e, involuntariamente, sua mente organizou, simplificou e colocou em palavras o que ela esperava que o Sr. Jenkins fosse entender.

— Bom, cada uma de nossas mitocôndrias tem seu próprio sistema embutido para limitar o ritmo em que queima combustível, certo, Sr. Jenkins?

— Prossiga, Margaret, por favor.

— Se o número de farândolas em qualquer mitocôndria ficar abaixo de um ponto crítico, então o transporte de hidrogênio deixa de acontecer; não há combustível suficiente e o resultado é a morte por falta de energia. — Ela sentiu

a pele dos braços e das pernas formigarem de frio. Colocar em palavras o que estava acontecendo dentro de Charles Wallace era quase insuportável.

Ela sentiu Blajeny estimulando-a e prosseguiu.

— Tem alguma coisa acontecendo nas mitocôndrias de Charles Wallace. Não sei bem o que é, porque são palavras que eu não entendo, mas as farândolas dele estão morrendo... talvez se matando... não, não é isso. O que me parece é que elas se recusam a cantar. E isso não faz sentido. A questão é que elas estão morrendo e por isso as mitocôndrias não conseguem produzir oxigênio. — Ela parou, furiosa. — Blajeny! Que absurdo! Como é que podemos impedi-las de fazer seja lá o que estão fazendo, quando são tão pequenas que nem são visíveis? Você tem que nos dizer! Como vamos ajudar o Charles?

O desvelo de Blajeny foi suave e frio como o aço.

— Em breve você saberá.

— Saberei o quê?

— O que tem que fazer para vencer os Ectroi. Quando chegarem lá, minhas crianças, vocês saberão.

— Quando chegarmos lá onde?

— A uma das mitocôndrias de Charles Wallace.



## Jornada ao Mundo Interno

Agora que Blajeny havia falado, à Meg parecia que aquele era o único caminho lógico e possível. Se eles queriam salvar Charles Wallace, se as farândolas estavam causando sua doença, se os Ectroi estavam atuando tanto dentro dele quanto fora, então a única esperança era que eles ficassem pequenos o bastante para entrar nas mitocôndrias dele e ver o que estava acontecendo com as farândolas.

— Metron Ariston... — falou Calvin delicadamente. — Tamanho. Onde o tamanho não importa. Mas... ser pequeno como uma galáxia é uma coisa imensa: você tem como nos deixar pequenos?

Blajeny sorriu.

— Tamanho é uma coisa bastante relativa.

— Enfim... — Meg olhou para Sporos — já estamos conversando com uma farândola. — Se ela houvesse tentado imaginar uma farândola, não seria como Sporos.

O Sr. Jenkins levantou-se, rígido, e andou na sua marcha cegonhesca até Blajeny.

— Não sei por que eu achei que ia ajudar. É demais para mim. Serei só um entrave para as crianças. Seria melhor vocês me mandarem de volta ao colégio. Pelo menos lá eu não tenho surpresas.

— E hoje de manhã? — perguntou Blajeny. — Aquilo não foi uma surpresa? Não sei por que você nos foi enviado, Sr. Jenkins, porque eu mesmo ainda não sei. Mas Meg o Nomeou...

— As plenas implicações do ocorrido ainda não me são claras.

— Quer dizer que você faz parte do que quer que vai acontecer.

O Sr. Jenkins gemeu.

Blajeny estendeu os braços, abraçando todos com o gesto.

— A mitocôndria à qual estou enviando-os é conhecida como Yadah. É o local de nascimento de Sporos.

Sporos dançava em volta, tilintando de indignação. Meg gritou com ele:

— Se você está dentro de Charles Wallace, se ele é a sua galáxia, você não

podia estar em lugar mais especial!

Louise direcionou sua música sibilante a Meg. Toda a raiva sumiu da garota quando ela captou, na canção, mais uma projeção de Charles, aconchegado sob as cobertas. Sua mãe o levantou para escorá-lo em travesseiros, para facilitar sua respiração dificultosa, depois puxou os cobertores para que a Dra. Louise pudesse ouvir seu coração com o estetoscópio. Ela ergueu o olhar, séria. Meg entendeu o que ela sugeria: que talvez eles devessem ligar para Brookhaven.

— Oxigênio! — berrou Meg para Louise Larguda e Blajeny. — Oxigênio não ajudaria o Charles?

— Um pouco. A Dra. Colubra vai cuidar disso quando for a hora.

Lágrimas acorreram aos olhos de Meg.

— Ah, Louise, cuide dele. Não deixe ele parar de lutar.

— Alguém em sã consciência deixaria uma cobra chegar perto de uma criança doente? — perguntou o Sr. Jenkins.

— A Dra. Louise, sim — disse Meg. — Tenho certeza que ela vai deixar, por conta de uma coisa que ela disse no laboratório da Mãe na noite passada. Blajeny! A Dra. Louise é Professora também?

Blajeny fez que sim.

O coração de Meg deu um pulo de esperança.

— Cobras — murmurou o Sr. Jenkins. — Mitocôndrias. Ectroi.

Meg engoliu um soluço, tirou os óculos e limpou as lentes manchadas pelas lágrimas.

O Sr. Jenkins olhou para ela e falou na voz mais pomposa e acadêmica que tinha.

— O homem. O ponto médio do universo. E Charles Wallace... Charles Wallace é este ponto? Neste momento, ele é o ponto de equilíbrio?

Blajeny concordou, de cara séria.

— Então o que acontecerá quando as mitocôndrias e farândolas dele...? — Ele olhou para Meg em busca de explicação.

Ela tentou se recompor.

— Lembre, Sr. Jenkins, que o senhor adora o ditado de Benjamin Franklin: “Ou unidos ficamos, ou à parte morremos.” Isto vale para seres humanos, mitocôndrias e farândolas. E também para nosso planeta, imagino, assim como para o sistema solar. Temos que viver juntos... em harmonia, ou não vamos viver. Então, se há algo de errado com as mitocôndrias de Charles Wallace... — A voz dela se perdeu.

O Sr. Jenkins fez um não com a cabeça.

— O que podemos fazer? Que esperança temos? — Então ele deu um grito de horror. — Oh, não!

O pseudo-Sr. Jenkins que eles haviam visto estava vindo na direção deles, e rápido. Louise ergueu seus anéis negros com um terrível sibilar.

— Rápido! — Blajeny abriu bem os braços, puxando o Sr. Jenkins, Sporos e Calvin para toda sua extensão. Proginoskes pegou Meg com a força de suas asas, a batida de seu coração. Ela parecia ter virado parte do batimento cardíaco do querubim.

A pupila oval dilatou-se e ela atravessou para...

Ela não sabia onde eles estavam; apenas sentia a presença de outros. Como se viesse de um túnel vasto e cheio de ecos, ela escutou Blajeny:

— Gostaria de mostrar-lhes algo como um incentivo antes de partirem.

Meg olhou ao seu redor. À frente dela havia um enorme rodopio rítmico feito de vento e chama, mas vento e chama muito diferentes dos do querubim; era uma dança, uma dança ordenada e graciosa, que, no entanto, dava uma impressão de liberdade completa e absoluta, de alegria inefável. Conforme a dança progredia, o movimento se acelerava e o padrão ficava mais claro, mais próximo, vento e fogo andando juntos. E havia alegria, e música, melodias ativas, unindo-se conforme vento e fogo se encontravam.

E então vento, chama, dança e música combinaram-se em uma grande esfera girante, pululante, dançante, única.

Meg ouviu o Sr. Jenkins, incrédulo:

— O que foi *aquilo*?

— O nascimento de uma estrela — respondeu Blajeny.

— Mas é tão pequena que eu poderia segurar na palma da mão — protestou o Sr. Jenkins, depois soltou uma bufada de indignação. — Que tamanho eu tenho?

— Você tem que parar de pensar em tamanho, sabia? Tamanho é uma coisa tão relativa quanto irrelevante.

Naquele momento Meg não tinha o menor interesse em tamanho. Ela queria saber outra coisa.

— Progo, a estrela será Nomeada?

— Ele chama todas pelo nome — disse o querubim.

Meg ficou olhando para a estrela, pasma. Era de fato tão pequena que ela podia estender o braço e pegar com a mão, mas sua chama era tão intensa que a própria canção saía do fogo e fazia parte do ardor. Ela ficou pensando, ainda pasma: *Eu devo ser do tamanho de uma galáxia.*

E então todos os pensamentos se desfizeram pela glória da melodia e da dança.

A voz de Blajeny saiu como um trovão.

— Agora!

Ela foi puxada de novo a Proginoskes, à batida do grande coração, às trevas

do olho, ao...

Não!

Ela estava sendo consumida pelas chamas. Sentiu um puxão violento no ritmo cósmico, uma distorção de desarmonia selvagem...

Ela tentou gritar, mas não saiu som algum. Sentiu dor tão intensa que não conseguia suportar mais um segundo; mais um segundo e a dor ia aniquilá-la completamente.

Então a dor sumiu e ela sentiu de novo o ritmo do coração querubínico, muito veloz, ligeiramente irregular.

— Tinha que doer tanto? — Choque e dor a deixaram estridente e raivosa. Seus membros tremiam.

Proginoskes parecia estar passando por dificuldades; seu coração continuou a acelerar descompassado. Ela achou que o havia entendido dizer:

— Tivemos um choque com os Ectroi.

A respiração dela era um arfar muito raso. Ela sentia que estava lá, todos os seus átomos rejuntados, que ela era Meg; ainda assim, quando ela abria os olhos, não via nada além de um negrume estranho, profundo e meio esverdeado. Ficou escutando com toda a atenção e, em meio ao que de início parecia um som similar ao guincho de insetos em noite de verão, ela achou que tinha ouvido... talvez fosse uma sensação... uma pulsação firme, regular.

— Progo, onde estamos?

— Yadah.

— Quer dizer que estamos *dentro* de Charles Wallace? Dentro das mitocôndrias dele?

— Sim.

Aquilo não era concebível.

— O que é esse dedilhar que estou sentindo? É o batimento cardíaco de Charles Wallace?

Proginoskes transmitiu a negação à mente dela.

— É o ritmo de Yadah.

— Parece um batimento cardíaco.

— Meglete, não estamos mais no tempo terrestre; estamos dentro de Yadah. Em termos de farândolas, o coração de Charles Wallace bate como se fosse uma vez por década.

Ela estremeceu. Seus braços e pernas ainda pareciam trêmulos, inúteis. Ela piscou, tentando ajustar os olhos às trevas.

— Não consigo enxergar, Progo.

— Ninguém no mundo interno consegue enxergar, Meg. Não é preciso ter olhos.

O coração dela batia em contraponto assustado ao ritmo da mitocôndria. Ela não conseguia dar a devida atenção ao que Proginoskes dizia.

— É o que se pode chamar de ritmo circadiano. Toda a vida precisa de ritmo para...

Ela o interrompeu.

— Progo! Blajeny! Eu não consigo me mexer!

Ela sentiu Proginoskes dentro dos pensamentos dela. O raciocínio dele havia acalmado-se consideravelmente; ele estava recuperando-se seja lá do que havia assustado-o e que causara a ela tanta dor.

— Blajeny não veio conosco.

— Por quê?

— Não é hora de perguntas bobas.

— Por que é boba? Por que eu não consigo enxergar? Por que eu não consigo me mexer?

— Meg, você tem que parar de entrar em pânico ou eu não vou conseguir desvelar com você. Não teremos como nos ajudar.

Ela fez um esforço tremendo para acalmar-se, mas a cada batida cardíaca ela sentia-se mais tensa, mais assustada. Como seu coração podia bater tão rápido se o batimento de Charles Wallace acontecia uma vez por década?

Proginoskes pensou para ela, alto.

— O tempo tem tanta importância quanto o tamanho. Tudo que se exige de vocês é estar no Agora, neste momento que nos foi dado.

— Eu não me sinto eu mesma. Eu *não sou* eu mesma! Eu sou parte de Charles Wallace.

— Meg. Você está Nomeada para sempre.

— Mas, Progo...

— Diga a tabuada.

— E agora, quem é bobo?

— Meglete, vai ajudar você a voltar a si. Tente.

— Não consigo. — Ela sentia a mente surrada e entorpecida. Não conseguia nem lembrar como se contava até dez.

— Quanto é 7 vezes 8?

— 56 —respondeu ela, no automático.

— Qual é o produto de  $\frac{2}{3}$  vezes  $\frac{5}{7}$ ?

Sua mente deu rodopios, mais clara.

— 10 sobre 21 avos.

— Qual é o número primo seguinte a 67?

— 71.

— Agora podemos pensar juntos? — Havia preocupação considerável no

questionamento de Proginoskes.

A concentração que o querubim havia confiado a Meg havia acalmado seu pânico.

— Estou bem. Onde está o Calvin? Onde está o Sr. Jenkins? E aquele... o Sporos?

— Estão todos aqui. Em breve você conseguirá desvelar com eles. Mas antes temos que descobrir qual é o segundo teste.

— Descobrir? — Sua mente ainda estava embaçada da dor e do medo.

Ele foi paciente com ela.

— Assim como descobrimos qual foi o primeiro teste.

— Você que adivinhou — disse ela. — Você sabe qual é este?

— Acho que tem a ver com Sporos.

— Mas?

— É isso que temos que descobrir.

— Temos que nos apressar, então. — Ela tentou conter a impaciência.

— Meg, tenho que trabalhar com você e o Sr. Jenkins junto, por que ele não é capaz de me deixar andar pela cabeça dele como você consegue, então você vai ter que ajudar. As farândolas crescidas não falam igual às pessoas, elas desvelam.

— Como os querubins?

— Entre as Antigas, sim. Com as mais jovens, é algo mais próximo do que vocês chamariam de telepatia. Esqueça o grau; o Sr. Jenkins não entende nada de desvelo e vocês terão que ajudar.

— Vou tentar. Mas você vai ter que me ajudar, Progo.

— Estenda sua mão direita...

— Não consigo me mexer.

— Isso não interessa. Mexa a mão na sua mente. Desvele. Desvele que o Sr. Jenkins está parado ao seu lado, e que você está estendendo a mão para segurar a dele. Consegue?

— Estou tentando.

— Sentiu a mão dele?

— Acho que sim. No mínimo, estou fazendo de conta que consigo.

— Segure. Segure firme. Para que ele saiba que você está aí.

A mão dela, que não era mais dela em nenhum sentido que ela entendia, mesmo assim, mexeu-se conforme o padrão lembrado, e ela achou que sentiu uma leve pressão em resposta. Tentou desvelar com o diretor de colégio.

— Sr. Jenkins, está aí?

— Aaaquiii. — Foi como um eco de uma voz mal lembrada, rouca com pó de giz; mas ela sabia que ela e o Sr. Jenkins estavam juntos.

— Meg, você vai ter que desvelar a ele tudo que eu lhe disser. Se eu entrar na mente dele, eu o machucarei; ele não consegue absorver minha energia. Agora, tente traduzir simultaneamente para ele: faça ele ver que a *matéria* de uma farândola crescida não se mexe, exceto como uma planta, ou como uma árvore quando não há brisa para provocar seu movimento, ou tal como as grandes florestas de algas se movimentam. Uma farândola crescida movimenta-se por desvelo. Desvelar não será fácil para o Sr. Jenkins, pois faz muitos anos que ele se conheceu, conheceu seu verdadeiro eu.

Meg deu um suspiro como se fosse de fadiga nervosa, ao perceber repentinamente a quantidade enorme de energia que se consumia no desvelo intenso. O querubim movimentava-se suave e veloz dentro dela; o desvelo dele atravessava e sobrevoava os sentidos dela até alcançar uma consciência que ela nunca conhecera. Ela foi tateando para contê-la em imagens que estivessem dentro da compreensão do Sr. Jenkins.

O mar, um mar vasto, curvo e sem fim; foi como se eles estivessem naquele mar, bem no fundo, sob a superfície da água, mais fundo que uma baleia consegue imergir. A superfície do mar e toda luz que pudesse penetrar naquela superfície estavam a centenas de braças. Nas profundezas escuras havia movimentação, movimentação que fazia parte do ritmo que ela havia confundido com o batimento cardíaco de Charles Wallace. A movimentação ganhou forma e molde, e imagens foram desveladas ao seu olho interno, projeções visuais sobrepostas velozmente, uma sobre a outra; ela tentou enviá-las ao Sr. Jenkins:

uma floresta de samambaias primordial;

um grande leito de algas balançando-se às correntes submarinas;

uma floresta primeva de árvores anciãs com tronco áspero, prateado;

árvores submersas com folhagem verde-ouro-prata que ondulavam em ritmo regular, não como se os longos frondes fossem soprados pelo vento ou corrente, mas de sua própria vontade, como a ondulação das estranhas criaturas marítimas no meio termo entre vida vegetal e vida animal.

Acrescentou-se música às imagens visuais: música estranha, sobrenatural, rica, a canção ondulante do mar ao redor.

Farândolas.

Ela sentiu confusão e questionamentos vindo da parte do Sr. Jenkins. A ele, farândolas eram pequenas criaturas fugidias como Sporos, não como as árvores do mar que ela vinha tentando mostrar.

Proginoskes lhe desvelou:

— As árvores do mar, como vocês dizem, são o que Sporos vai tornar-se quando Aprofundar. Aí elas passam a ser chamadas de fara. Assim que ele Aprofundar, não terá mais que sair por aí. Uma fara crescida é muito menos

limitada que um ser humano em termos de tempo e lugar, pois faras podem estar uma com a outra a qualquer tempo e em qualquer lugar; a distância não as separa.

— Elas andam sem se mexer? — perguntou Meg.

— Pode-se dizer que sim.

— É para eu aprender a andar sem me mexer também?

— Sim, Meg. Não há outro modo em uma mitocôndria. Não há nada em que você possa pisar em Yadah, e nenhum espaço para você atravessar. Mas como você é uma terrena, e terrenos destacam-se em adaptabilidade, você pode aprender este movimento sem movimento. Está traduzindo para o Sr. Jenkins?

— Estou tentando.

— Continue, Meg. Teremos tempo para descansar depois, a não ser que ... — Ela sentiu uma dor pequena mas aguda, que imediatamente se retirou. — Entre Os Antigos, alguns conseguem desvelar não só de mitocôndria para mitocôndria dentro de seus hospedeiros humanos, mas também entre farândolas em mitocôndrias de outros hospedeiros humanos. Você lembra de como Sporos ficou chocado quando Calvin lhe disse que seres humanos não conseguem fazer essas coisas?

— Lembro. Mas, Progo, o Sr. Jenkins não entende o Sporos correndo por aí como um camundongo de brinquedo. Eu também não entendo. Ele não é nem um pouco parecido com as coisas do mar que você acabou de me mostrar.

— Sporos é, como ele disse, apenas uma criança, embora estivesse fazendo malabarismo com as cronologias quando disse que nasceu ontem. Uma farândola avançada na adolescência já passou pelos estágios iniciais, enraizou-se e está virando uma fara crescida. É quase hora de Sporos deixar a infância e Aprofundar. Se não o fizer, será mais uma vitória para os Ectroi.

— Mas por que ele não Aprofundaria?

— Calvin está tendo dificuldade para desvelar com ele. Sporos está se segurando. Temos que ajudá-lo a Aprofundar, Meg. Tenho certeza que é o nosso segundo teste.

Fazer um Sporos indisposto Aprofundar; parecia uma provação ainda mais impossível do que Nomear um dos três Srs. Jenkins.

— Como fazemos?

Ele contrapôs com outra pergunta.

— Você está calma?

Calma! Então, mais uma vez, ela dirigiu-se àquele lugar estranho que fica do outro lado das emoções. Com uma parte de si, ela sabia que estava dentro de Charles Wallace, dentro de fato de seu irmão; que ela era tão pequena que não podia ser vista com o microscópio eletrônico mais potente, nem ouvida no

microsonarscópio; também sabia que a vida de Charles Wallace dependia do que ia acontecer agora. Estava começando a ter um vislumbre do que Proginoskes quis dizer quando falou dos perigos de sentir. Ela ficou bem parada, muito fria, depois virou-se para o querubim em um desvelo silencioso.

— Seja uma fara — disse ele. — Faça de conta. Os habitantes de Yadah parecem mais limitados que os seres humanos porque assim que tomam raiz não podem mais sair do seu Local Aprofundado? Mas seres humanos também precisam de Locais Aprofundados. E são muitos os que não têm estes lugares. Pense nos seus Locais Aprofundados, Meg. Abra-se ao desvelo. Abra.

Ela retornou ao estranho mundo que ficava abaixo da luz, abaixo do som, penetrado apenas pelo ritmo de marés atraídas pela lua, pelo sol, pelo ritmo da própria terra. Virou uma com o desvelo. Criaturas Aprofundadas movimentando-se conforme o padrão complexo de música, do encanto do ritmo, da alegria.

Então abateu-se uma frieza, um calafrio horrendo, de congelar o sangue. Os tentáculos foram recuados, afastados dela, isolando-se, isolando Meg, Proginoskes, separando um do outro. Houve um solavanco na música, que saiu do ritmo, saiu do tom, a recusou...

Havia algo de errado, medonhamente errado...

Ela sentiu Proginoskes lançando-se nela, dentro dela.

— Meg! Agora já basta. Temos que ficar com os outros, Calvin, o Sr. Jenkins, Sporos, antes que...

— Antes do quê?

— Antes do segundo teste. Temos que ficar todos juntos. Abra-se. Desvele com Calvin.

— Onde ele está?

— Não interessa onde ele está, Meg. Você tem que botar na cabeça que *onde* não faz diferença alguma numa mitocôndria. E sim por quê. E como. E quem.

— Calvin... — Ela sentia cada músculo no corpo tenso, em protesto contra a tensão.

— Você está se esforçando demais — disse o querubim. — Relaxe, Meglete. Você desvela comigo sem esse esforço todo. Você e Calvin às vezes desvelam sem nem perceber. E quando Charles Wallace sabe quando algo a incomodou no colégio, sabe até mesmo antes de você chegar em casa, isto também é desvelar. Seja Meg. Abra-se. Seja. Desvele.

Pelas trevas daquele submar, ela desvelou.

— Calvin...

— Meg!

— Onde você está?

Proginoskes a sacudiu com força.

— Esqueça onde.

— *Como você está?*

— Tudo bem. Um pouco confuso com tudo. Sporos...

— Onde... não, *como* está Sporos?

— Meg, ele não quer desvelar nem ficar comigo. Ele não quer compartilhar o mundo dele. Ele disse que seres humanos são indignos, e até pode ser que sejam, mas...

Ela sentiu um rodopiar de desvelo ao seu redor, como se palavras e imagens desveladas fossem gotas da chuva que para compor o oceano, pingos d'água que não ficam um à parte do outro tal como seres humanos ficam à parte. Em meio ao fluxo das marés profundas, as imagens passaram, muitas criaturinhas como Sporos, em disparada, despreocupadamente felizes, sempre a proteger as grandes árvores-samambaia-alga, as Aprofundadas, em torno das quais elas adejavam.

— Está traduzindo para o Sr. Jenkins?

— Estou tentando, Progo, mas não estou certo se o sinto. Sei que estou com você, e com Calvin, mas o Sr. Jenkins...

— Esteja com ele, Meg. Ele precisa de você. Está assustado.

— Se Blajeny queria que ele viesse junto, deve haver motivo. Mas me parece que ele é um imenso fardo.

Ela pensou ter sentido um “estou ciente” fraco, distante.

Ela esticou-se em direção à resposta débil.

— Sr. Jenkins...

— Isso mesmo — disse Proginoskes. — Lembre que ele não tem muita imaginação. Ou melhor, que ele ficou muito tempo congelado e não teve tempo para o degelo. Você terá que desvelar todo seu ser a ele; você vai ter que segurar a mão dele, forte, para que ele sinta você e retorne seu desvelar. Sente a mão?

— Acho... acho que sim.

— Ele sente você?

— Sr. Jenkins! Sr. Jenkins? — desvelou Meg interrogativamente. — Espere um pouco, Progo, Cal, eu não sei direito, tem algo errado... — Ela interrompeu, suspirou. — Calvin! Progo! Pro... — gritou ela com cada partícula de si. Não um grito feito com a voz, mas com todo seu ser, um grito de dor que estava além do terror.

Foi a mesma dor que havia rasgado a galáxia quando Proginoskes lhe mostrou a Ex-eação dos Ectroi; foi a dor que havia rasgado no céu no pátio quando ela Nomeou o Sr. Jenkins; foi a dor que a havia quase aniquilado quando Proginoskes levou-a na estranha jornada pelo olho de Yadah.

Ela estava sendo Ex-eada.



## Farândolas e Mitocôndrias

Era o fim de Meg. Não deveria haver mais nada. Nunca mais. Meg fora Expulsa. Ex-Megueada. Meg fora Ex-eada.

Então ela se deu conta que, se podia pensar nisso, se podia ao menos pensar, então não era o que estava acontecendo. Quem é Ex-eado não pode pensar. A dor ainda ardia como gelo, mas ela conseguia superar. Ela ainda era.

Com tudo de si, ela desvelou-se da Ex-eação.

— Progo! Calvin! Me ajudem!

Em meio aos gritos ela sentiu o querubim.

— Meg! Eu a Nomeio! Você está Nomeada!

E então números, números movimentando-se fortes e firmes e rítmicos como a maré.

Calvin. Ele estava enviando números a ela. Calvin lhe devolvia os primeiros problemas de trigonometria que haviam feito juntos. Ela agarrou-se à força dos números como se fosse a tábua da salvação, até que a Ectroi-dor se foi e ela ficou livre para voltar ao reino das palavras, palavras humanas que eram muito mais simples para Calvin do que os números.

— Calvin — chamou ela. — Ah, Calvin. — E então seu desvelo foi um anseio angustiado pelos pais. Onde estava seu pai?

A Dra. Louise ou sua mãe haviam ligado para Brookhaven? O que elas haviam dito aos pais? Ele estaria a caminho de casa? E sua mãe... ela queria recuar, reverter, retroceder, escalar o colo da mãe como havia feito quando tinha a idade de Charles Wallace e precisava se curar de um pequeno machucado...

Não, Meg.

Ela sentiu como se dedos delicados estivessem empurrando-a para baixo, forçando-a a caminhar sozinha. Ela tentou desvelar, a botar a voz de sua mente em foco, a enviar seu raio finalmente a Proginoskes e Calvin.

— O que aconteceu?

Ela sentiu uma série de grandes terremotos até que Proginoskes conseguiu usar palavras com ela. Seja lá o que houvesse acontecido, decerto havia incomodado o querubim. Ele enfim desvelou.

— Como se uma vez não fosse o bastante, quando você estendeu a mão para pegar a do Sr. Jenkins, você pegou um Ectros-Sr. Jenkins. Agora sabemos que pelo menos um deles nos seguiu até aqui.

— Como?

— Não através do Sr. Jenkins, embora ainda use um corpo-Jenkins. Talvez Sporos...

— Sporos!

— O orgulho sempre foi a derrocada dos Aprofundados. Sporos pode ter ouvido Ectros... não sabemos ao certo.

— O que você fez? Como você me livrou? Doeu... doeu mais do que eu achava que algo podia doer. E então senti você me Nomear, Progo, e você, Cal, você me enviou números, aí a dor se foi e eu voltei a ser eu.

— Proginoskes fez com que várias farandolazinhas corressem e incomodassem o Ectros-Sr. Jenkins — desvelou Calvin.

— Ele ficou tão assustado que a soltou.

— Onde ele está agora... o Ectros-Sr. Jenkins?

Proginoskes foi ríspido.

— Não interessa o onde, Meg. Está aqui. Está conosco em Yadah.

— Então ainda estamos em perigo com ele?

— Toda a Yadah está em perigo. Toda mitocôndria no hospedeiro humano está em perigo.

— Este hospedeiro humano?

Proginoskes não respondeu. O hospedeiro humano era Charles Wallace.

— O que vamos fazer?

Houve outra sublevação vulcânica antes de Proginoskes responder.

— Não podemos ceder ao pânico.

Ela desvelou com Calvin e sentiu-o voltando e desvelando com ela.

— Você sabia o que estava acontecendo comigo? —perguntou Meg.

— De início, não. Então Progo me disse. — Havia um silêncio terrível na resposta de Calvin. Ela sentia que ele estava escondendo algo

— As farandolazinhas... as que me salvaram... elas estão bem?

Silêncio.

— Elas estão bem? As farandolazinhas que assustaram o Ectros e me salvaram?

— Não. — O desvelo veio hesitante, tanto de Calvin quanto de Proginoskes.

— O que houve com elas?

— Surpreender um Ectros não é coisa segura.

— Os Ectros as Ex-earam?

— Não, Meg. Elas se Ex-earam. É bem diferente.

— E agora o que vai acontecer com elas?

Proginoskes desvelou devagar.

— Eu nunca havia visto. Ouvi falar, mas nunca vi. Agora entendo mais do que antes. Farândolas são conhecidas pelos nomes, tal como as estrelas. É tudo que preciso saber.

— Vocês não me contam nada! Onde estão as farandolazinhas que me salvaram? Se elas se Ex-earam, então onde estão?

— O onde não importa. — O desvelar que ela ouviu era tênue. — Meg, você tem que entrar em contato com o Sr. Jenkins. O Sr. Jenkins de verdade.

Por instinto, ela conteve seu desvelo.

— Não ouse tentar de novo. Você tem ideia de quanto doeu?

— Seu grito abalou a mitocôndria inteira. Só espero que não tenha machucado Charles Wallace.

Ela hesitou, depois se agarrou a alguma coisa, não sabia bem o que, mas que parecia uma tábua de salvação. Passado um instante, ela soube que vinha do querubim, uma emanção de amor, amor tão tangível que ela conseguiu se agarrar a ele.

— Tente alcançar o Sr. Jenkins — instou Proginoskes. — Nomeie-o por ele mais uma vez. Veja quanto você conseguiu desvelar com ele. E lembre-se que você tem que ir na velocidade dele, não na sua.

— Ora! Ele que está nos segurando!

— Quieta, Meg — desvelou Calvin. — Adultos demoram mais nessas coisas do que nós, particularmente adultos como o Sr. Jenkins que não tenham pensamentos novos há bastante tempo.

— Mas não temos tempo! Charles Wallace...

— Eu disse que ele leva mais tempo que nós, e isso é verdade. Mas às vezes adultos podem ir mais a fundo do que nós, se formos pacientes.

— Não temos tempo para paciência!

— Meg, confie em Blajeny. Deve haver motivo para o Sr. Jenkins estar conosco. Ajude-o. Faça o que Progo diz.

— Talvez precisemos do Sr. Jenkins para fazer Sporos Aprofundar. — desvelou Proginoskes com premência. — Blajeny não o enviaria a não ser que... ah, Meg, um Professor nunca faz nada sem motivo. Tente alcançar o Sr. Jenkins, Meg.

Ela deixou o terror de lado, abriu-se ao desvelo e então estava com Charles Wallace,

não dentro dele,

não sem ele,

mas com ele,

parte de sua exaustão,  
sua perda de vigor,  
seu esforço para respirar.

Ah, Charles. Lute,  
não pare de lutar,  
respire,  
respire,  
vou tentar ajudar,  
farei tudo que puder para ajudar, até

então

• • •

Ela estava com os gêmeos. Charles Wallace, pensou ela, a havia enviado.

Os gêmeos estavam no jardim, mexendo a terra, de cara séria, enfiando a pá e girando sob os velhos tomateiros, as zínias escurecidas pela geada, as alfaces reaproveitadas, empurrando-as para baixo para fecundar o solo para a próxima primavera, o próximo plantio, com rostos imóveis, trabalhando em silêncio, descontando o nervosismo com Charles Wallace no trabalho físico.

Sandy rompeu o silêncio.

— Onde está a Meg?

Dennys fez uma pausa, com o pé no ancinho que pressionava contra o solo.

— Ela já deve estar chegando do colégio.

— Charles Wallace disse que ela não está no colégio. Disse que a Meg está *nele*. Eu ouvi isso.

— Charles Wallace está delirando.

— Você já viu alguém morrer?

— Só bichos.

— Queria que a Meg voltasse para casa.

— Eu também.

Eles prosseguiram com a preparação do jardim para o frio e a neve do inverno.

• • •

*Se a tarefa dos gêmeos é apenas cuidar do jardim, Meg disse a si, minha função é chegar ao Sr. Jenkins. Onde? Em lugar nenhum. Apenas o Sr. Jenkins.*

— Sr. Jenkins. Sr. Jenkins. Você é você e mais ninguém e eu o Nomeei. Estou desvelando, Sr. Jenkins. Aqui estou. Eu. Meg. Você me conhece e eu o conheço.

Ela achou ter ouvido uma fungada, uma fungada do Sr. Jenkins. Então foi como se ele recuasse de novo. Aquele minúsculo mundo submarino estava totalmente além da sua compreensão. Ela tentou desvelar mais uma vez a ele todas as imagens que havia recebido, em equivalentes terrestres, mas ele respondeu com nada além de pasmo nervoso.

— Nomeie-o — insistiu Proginoskes. — Ele tem medo de ser. Quando você o Nomeou no pátio do colégio, aquilo foi desvelo, foi como você o distinguiu dos dois Ectroi-Srs. Jenkins, como você deve distingui-lo desta vez.

O Sr. Jenkins. Singular, tal como é singular cada estrela do céu, cada folha de árvore, cada floco de neve, cada farândola, cada querubim, singular: Nomeado.

Ele deu sapatos a Calvin. E ele não tinha que vir consoco a este perigo e a este horror, mas veio. Ele decidiu juntar-se a nós quando poderia ter voltado ao colégio e à sua vida segura como fracassado.

Sim, mas um homem de pouca imaginação vir com eles ao desconhecido, infinitesimal no nível do inimaginável, não é o tipo de coisa que faz um fracassado.

Mesmo assim, o Sr. Jenkins havia ido. Estava lá.

— Sr. Jenkins, eu te amo!

E ela o amava.

Sem parar para pensar, ela botou sua mão imaginada sobre a dele. Seus dedos estavam um pouco úmidos e frios, tão pegajosos quanto ela sempre achou que seria a mão do Sr. Jenkins.

E verdadeiros.



Era óbvio que a mão do Sr. Jenkins estaria úmida. Que ele estaria absolutamente apavorado. Ele estava há anos de distância das brincadeiras de Faz de Conta.

— Sr. Jenkins, você está bem?

Ela sentiu um desvelo tateante, uma incapacidade temerosa de aceitar que eles estavam de fato em uma mitocôndria, uma mitocôndria dentro de uma célula de Charles Wallace.

— Há quanto tempo você está aqui?

— Eu não sei bem. Aconteceu tanto coisa. Progo... tem certeza que estamos no tempo das farândolas, não no tempo da Terra?

— Tempo das farândolas.

— Ufa! — disse ela ao Sr. Jenkins, aliviada. — Quer dizer que o tempo na Terra passa muito mais devagar do que o tempo para nós... em eons. O coração de Charles Wallace bate apenas uma vez por década.

— Mesmo assim — alertou Proginoskes —, não há tempo a perder.

Outro lampejo do rosto de Charles Wallace, pálido, os olhos fechados, a respiração dificultosa; do rosto da mãe, rígido de dor; da Dra. Louise, vigilante, no aguardo. Sua mão pequena tocava levemente no pulso de Charles Wallace.

— Eu sei — respondeu Meg ao querubim. Pareceu que um vento gelado soprou pelos interstícios de suas costelas. Agora ela tinha que ser forte por Charles Wallace, para que ele pudesse absorver aquela força. Ela manteve a mente tranquila e firme até acalmar-se.

Então ela abriu-se de novo para o Sr. Jenkins. Pensamentos confusos que mal se qualificavam como desvelo passaram por ela como água morosa, e ainda assim ela entendia que o Sr. Jenkins estava sendo mais aberto com ela do que já fora, ou do que ele já fora capaz com a maioria das pessoas. Sua mente estremeceu na de Meg conforme ele tentava agarrar-se ao fato extraordinário de que ele ainda era ele mesmo, ainda era o Sr. Jenkins, ao mesmo tempo que era uma parte minúscula da criança que fora um dos problemas mais desconcertantes e irritantes do colégio.

Meg tentou fazer com que ele soubesse, do modo menos alarmante possível, que pelo menos um dos Ectroi-Sr. Jenkins estava com eles em Yadah. Ela não queria lembrar seu terror durante o encontro com um deles, mas tinha que ajudá-lo a compreender.

Ele lhe enviou uma resposta: primeiro de perplexidade, depois de medo, depois um carinho estranho para com ela.

— Você não devia ter que suportar este tipo de coisa, Margaret.

— Tem mais — disse ela. Este era o mais difícil de tudo: fazê-lo entender que algumas das farandolazinhas, aquelas criaturas dançantes e brincalhonas, a haviam salvado do Ectros-Sr. Jenkins e, ao fazê-lo, haviam se sacrificado.

O Sr. Jenkins suspirou.

Meg transmitiu de Proginoskes ao diretor do colégio:

— Foi melhor que deixar o Ectroi as Ex-earem. Elas ainda... deste modo elas ainda fazem parte da Criação. — Ela voltou seu desvelo para Proginoskes. — Se os Ectroi Ex-eam alguma coisa, ou se alguma coisa se Ex-ea, isso é para sempre?

O querubim cercou-a com as trevas da ignorância que ele mesmo tinha.

— Mas não precisamos saber, Meg — disse ele, firme, e as trevas começaram a sumir. — Sou um querubim. Tudo que eu preciso saber é que todas as galáxias, todas as estrelas, todas as criaturas, sejam querubínicas, humanas, farandólicas, todas, todas, são conhecidas pelo Nome. — Parecia que ele estava cantarolando consigo mesmo.

— Você é Progo. Eu sou Meg. Ele é o Sr. Jenkins. E agora, o que devemos fazer? — desvelou Meg a ele, ríspida.

Proginoskes entrou em foco novamente.

— O Sr. Jenkins não quer entender o que é uma farândola.

— O mal é o mal. — O Sr. Jenkins enviou, tateante, a Meg. Ela sentiu a mente dele hesitar com a ideia de comunicação onde a distância não era um impedimento. — Camundongos falam chiando, e os camarões... não entendo muito de biologia marinha, mas *algum* som eles fazem. Mas as árvores! — exclamou ele. — Camundongos que criam raízes e se transformam em árvores... você falou em árvores?

— Não. — Meg estava impaciente, não tanto com Sr. Jenkins, mas com sua própria inaptidão em comunicar-se com ele. — As faras... bom, elas não diferem das árvores, meio que das primordiais, e não são diferentes dos corais e dessas outras coisas subaquáticas.

— Árvores não conseguem conversar.

— Faras, sim. Quanto às árvores... elas não conversam?

— Absurdo.

— Sr. Jenkins, quando você caminha pela mata e o vento passa pelas árvores,

— você não tem a sensação de que, se soubesse como, conseguiria entender o que estão dizendo?

— Nunca. — Fazia muito tempo desde que ele havia caminhado pela mata. Ele saía de seu alojamento para o colégio, do colégio para o alojamento, e ia dirigindo nos dois percursos. Não tinha tempo para caminhadas na floresta...

Ela sentiu um lamento ofuscado no desvelo dele, então tentou fazer com que o Sr. Jenkins ouvisse o som do vento nos pinheiros.

— Se você fechar os olhos, parecem ondas do mar, mesmo que não estejamos nem um pouco perto do oceano.

Tudo que ela sentia do Sr. Jenkins era outro banho gelado de incompreensão.

Então ela imaginou um pequeno bosque de álamos para ele, cada folha tremendo e sacudindo-se separadamente, sussurrando delicada ao ar quieto do verão.

— Sou muito velho — foi a resposta do Sr. Jenkins. — Sou velho demais. Estou apenas atrapalhando. Vocês têm que me devolver à Terra.

Meg esqueceu que recentemente havia feito a mesma sugestão.

— De qualquer modo, Yadah fica na Terra, quer dizer, dentro da Terra, já que está dentro de Charles Wallace...

— Não, não — disse o Sr. Jenkins —, é coisa demais. Eu não ajudo. Não sei por que eu pensei que ia ser... — O desvelo dele se apagou.

Foi através do desânimo dele que ela ficou ciente de Calvin.

— Ei, Meg! Comunicação implica em som. Comunhão, não. — Ele a enviou uma imagem rápida de caminhar em silêncio pela mata, os dois sozinhos, os pés quase sem fazer som no tapete descorado de pinhas. Eles caminhavam sem falar, sem se tocar, mas estavam o mais próximo que é possível para dois seres humanos. Eles subiram pela mata, saindo à luz solar brilhante no alto do morro. Algumas sumagres mostravam as flores. Os louros-da-montanha, brilhosos, de verde tão escuro que as folhas pareciam negras à fúria da luz solar, pressionadas contra a mata. Meg e Calvin haviam deitado-se na grama densa de fim de verão, caídos de costas e olhando o azul brilhante no céu, uma abóbada entrecortada apenas por pequenas nuvens.

E lembrou-se que ela estivera tão feliz ali quanto é possível ser, e o mais próxima de Calvin que ela já estivera de qualquer pessoa na vida, até mesmo de Charles Wallace, tão próxima que seus corpos à parte, as margaridas e os botões-de-ouro uniam-nos ao invés de dividi-los, pareciam um só desfrute do verão e do sol e um do outro.

Aquele com certeza era o modo mais puro de desvelo.

O Sr. Jenkins nunca tivera comunhão daquele tipo com outro ser humano, comunhão tão rica e completa que o silêncio falava com mais potência que as

palavras.

Calvin estava mais uma vez desvelando com palavras rápidas, ansiosas.

— O *Wall Street Journal*.

— O quê!

— O Sr. Jenkins lê o *Wall Street Journal*. Talvez ele tenha lido.

— Lido o quê?

— Lembra que, poucas semanas atrás, eu estava lhe contando de um projeto de ciências que eu fiz anos atrás, quando estava na quarta série? Até os gêmeos se interessaram.

Meg ficou ouvindo atentamente, tentando desvelar ao mesmo tempo que o Sr. Jenkins.

O tema do antigo projeto de ciências havia surgido por causa da horta dos gêmeos. Sandy e Dennys estavam irritados, sem entender o que havia acontecido. Havia pimenteirias com frutas grandes, firmes e saudáveis. Em outras, os pimentões ficavam encarquilhados, murchos, pálidos. Calvin havia sido chamado para olhar as plantas diminutas, frouxas, que não tinham sinais visíveis de doença, e aquilo lembrou seu projeto de ciências na quarta série.

— Será que as plantas podem estar com o mesmo problema que as mitocôndrias? — perguntou Meg. — Os Ectroi teriam como afetar coisas como jardins?

Calvin deixou a pergunta de lado para pensar depois.

— Agora não, Meg. Ouça. Acho que o meu projeto de ciências vai ajudar o Sr. Jenkins a entender.

Meg parecia ver o nariz de Sr. Jenkins contraindo-se, como sempre acontecia quando ele ficava relutante.

— Ok, então. — desvelou ela ao Sr. Jenkins, devagar, do modo mais simples possível, o desvelo de Calvin sempre uma corrente forte que passava sob e através dela.

• • •

Aos nove anos de idade, Calvin lia com avidez cada livro que chegava à biblioteca do vilarejo. A bibliotecária, ao ver o prazer que ele tinha com os livros, lhe deu um incentivo: um cantinho especial na biblioteca para chamar de seu, assim como todos os clássicos antigos da imaginação para ler. Seu arco de concentração para estas histórias era infinito.

Mas ele considerava a maior parte dos trabalhos que lhe passavam no colégio um saco, particularmente projetos de ciência. Todavia, ele sempre foi um competidor feroz, e decidido a ser o melhor da turma em todas as disciplinas, mesmo as que considerava perda de tempo.

Quando chegou a semana em que tinha que entregar o tema do projeto de ciências, até sexta-feira, ele estava sem planos e sem interesse, mas sabia que tinha que escolher alguma coisa. Estava pensando nisso com premência particular na quinta-feira à tarde, enquanto ajudava a Sra. Buncombe a limpar o sótão. O que ele poderia escolher que interessaria à professora e à turma e não o deixaria totalmente entediado? A Sra. Buncombe não estava lhe pagando pelo serviço sujo e empoeirado — seu sótão era intocado há anos —, mas havia subornado-o a prestar o serviço ao dizer que havia um conjunto antigo de louças no sótão que ele podia levar de recompensa. Talvez ela soubesse que os O’Keefe nunca se sentavam para fazer uma refeição juntos, mesmo que quisessem, pois não havia pratos, copos e pires em número suficiente para todos.

A louça estava em uma caixa nos fundos do sótão, enrolada em jornais antigos. Parte estava quebrada; boa parte estava rachada; com certeza não era um jogo antigo de Wedgwood ou Dresden. Quem se dera ao trabalho de embalar tudo cuidadosamente, como se fosse uma relíquia inestimável? Contudo, havia o suficiente do jogo para que valesse a pena levar para casa. Ele desembalou tudo para sua mãe, que reclamou de forma grosseira, embora correta, que aquilo era lixo.

Ele livrou-se dos jornais amassados e amarelados, e começou a ler. Era um *Wall Street Journal* antigo; a data tinha sido rasgada, mas o jornal estava frágil e manchado, por isso ele sabia que devia ter uns bons anos. Ele captou uma matéria sobre uma série de experimentos desenvolvidos por um biólogo.

O biólogo tinha a ideia, incomum à época, de que as plantas eram aptas a ter reações subjetivas a estímulos, e decidiu medir a força destas reações ligando eletrodos, como os que se usam em detectores de mentiras, para as folhas de um filodendro grande e sadio.

Naquele ponto da matéria, uma seção do jornal estava rasgada, e Calvin perdeu várias frases. Ele captou uma afirmação de que agulhas eletrônicas registrariam as respostas da planta em um gráfico, tal como as ondas do cérebro ou os padrões cardíacos são registrados por eletroencefalograma ou eletrocardiograma.

O biólogo passou uma manhã inteira observando as agulhas passando por uma linha reta no papel. Nada aconteceu. Nenhuma reação. A agulha nem tremeu. A linha andou devagar e firme.

O biólogo pensou: *Vou fazer esta planta reagir. Vou queimar uma das folhas.* A agulha fez marcações loucas de alarme, para cima e para baixo.



O resto da matéria tinha sido rasgado.

Os pensamentos do Sr. Jenkins chegaram a Meg com grande clareza, além de leve irritação.

— Eu li essa matéria. Achei uma besteira. Um doido.

— A maioria das grandes descobertas científicas foi feita por pirados — desvelou Calvin—, ou, no mínimo, por gente que achavam que era pirada.

— Os meus pais, por exemplo — complementou Meg. — Até que algumas de suas descobertas provaram-se verdade.

— Ouçam. Tem mais — prosseguiu Calvin. — Encontrei outra matéria entre os jornais.

Esta descrevia que o biólogo havia começado uma turnê de palestras pelo país. Ele pediu a um de seus alunos para cuidar do filodendro, observando e registrando suas reações.

As agulhas de alarme da planta se agitavam sempre que o avião do biólogo decolava ou pousava.

— Como ela sabia? — perguntou Meg.

— Sabendo.

— Mas a distância... — protestou ela— Como que uma planta, um filodendro doméstico comum, ia saber o que estava acontecendo a quilômetros dali?

— Ou se importar — foi o comentário amargo do Sr. Jenkins.

— A distância não me parece mais importante que o tamanho. Ou o tempo. Quanto a importar-se... bom, isto está fora do reino do provável.

Neste projeto, Calvin havia desenvolvido uma variação do tema da reação da planta. Ele não tinha como medir as reações subjetivas de uma planta, então decidiu plantar três sementes de feijão.

O Sr. Jenkins não deu muita bola. Meg desvelou-lhe um alerta:

— Espere! Isso foi tudo ideia de Calvin. Ele tinha só nove anos e não sabia que já se faziam experimentos parecidos.

Calvin plantou uma das sementes em um vaso que deixou na cozinha, em casa. Botou num peitoril de janela, onde ela receberia luz solar, e a regava todos os dias. Seus irmãos e irmãs foram avisados que, caso tocassem naquilo, iam levar uma sova. Sabiam que ele falava sério e deixaram sua planta fisicamente a

sós. Contudo, a planta ouviu...

— Sem orelhas? — desvelou o Sr. Jenkins, rabugento.

— Como a Louise, quem sabe — devolveu Meg.

A planta ouvia as invectivas feias e automáticas do discurso diário na casa de Calvin. O próprio Calvin ficava o mínimo possível em casa.

As outras duas sementes ele levou à biblioteca, onde a bibliotecária lhe deu permissão para colocar os vasos em duas janelas que pegavam sol. Um destes feijões ele regou e cuidou zelosamente. Só isso. Com o terceiro, ele conversava, dava incentivo, estimulava a crescer. Quando o primeiro raminho verde surgiu, ele lhe dispensou todo o amor que tinha tão pouco espaço em seu lar. Depois do colégio, ele sentava-se perto da planta, fazia seu dever de casa, lia em voz alta quando não havia gente por perto, compartilhava sua vida.

A primeira das mudinhas de feijão, a que estava na cozinha dos O'Keefe, era minúscula, de um verde muito pálido, tal como as pimentas enfraquecidas dos gêmeos. A segunda planta, na janela da biblioteca, a planta que ele cuidara com regularidade mas sem tempo ou atenção especial, cresceu normalmente. A terceira planta, a planta que Calvin amava, cresceu forte e verde e incomumente grande e saudável.

O Sr. Jenkins desvelou de forma sutil, mas bem compreensível:

— Se os filodendros e os feijões podem reagir assim, deve me ajudar a entender as farândolas... é isso que você quer me dizer?

— Mais ou menos — respondeu Meg.

— Viu? — emendou Calvin. — A distância não importa. Eles têm como saber e dialogar entre si e a distância não lhes é importante.

O Sr. Jenkins enviou ondas de descrédito.

— E se forem amadas, elas crescem? E se não forem amadas...

— Os Ectroi conseguem entrar.

Agora ela ouvia o que só podia ser o tilintar de Sporos.

— São tolos e lentos, querubim, como são todos os seres humanos, mas finalmente você se faz entender.

— Por obséquio: meu nome é Proginoskes, criatura-camundongo.

A farândola não gostou.

— Meu nome é Sporos. — Um tilintar de reprovação.

— Meg. — desvelou Proginoskes a ela, profundamente. — Você percebe o que vem acontecendo? Você esteve perto do Sr. Jenkins, não esteve?

— Acho que sim.

— E ainda assim seus corpos não estão próximos. E você já sabe que nada pode apartá-la de Calvin quando vocês desvelam juntos.

Sim. Ela estava com Calvin. Eles estavam juntos. Ela sentiu o calor de seu

sorriso breve, um sorriso que sempre tinha um leve toque de tristeza e resignação incomuns para um garoto de dezesseis anos. Ele não estava mais desvelando com palavras, mas em grandes ondas de coragem, de força, fluindo sobre e por ela.

Ela aceitou e absorveu. Fortaleza. Ela ia precisar muito. Ela se abriu, absorveu tudo.

— Tudo certo — disse Proginoskes. — Estamos juntos. Podemos prosseguir.

— O que vamos fazer? — perguntou o Sr. Jenkins.

— O segundo teste — urgiu o querubim. — Temos que passar pelo segundo teste.

— Que seria?

— Nomear Sporos. Como Meg teve que Nomear você.

— Mas Sporos já está Nomeado!

— Não até se Aprofundar.

— Não entendi.

— Quando Sporos Aprofundar — disse Proginoskes ao Sr. Jenkins — quer dizer que ele irá amadurecer. Quer dizer que ele crescerá. A tentação de toda farândola, homem ou estrela é ficar imaturo e só buscar prazer. Quando buscamos nosso próprio prazer como bem maior, nos situamos no centro do universo. Uma fara, um homem ou estrela tem seu lugar no universo, mas nada criado é seu centro.

— As pequenas farândolas que me salvaram... — perguntou Meg.

— Elas amadureceram, Meg.

Ela ficou ponderando.

— Eu *acho* que entendi...

— Eu não — disse o Sr. Jenkins. — Achei que tínhamos vindo aqui ajudar Charles Wallace, que ele está doente por causa das mitocôndrias...

Proginoskes voltou à impaciência.

— E está.

— Mas o que Sporos tem a ver com Charles Wallace?

— O equilíbrio da vida dentro de Yadah é precário. Se Sporos e outros de sua geração não Aprofundarem, o equilíbrio será alterado. Se as farândolas recusarem-se a Aprofundar, a música será detida e Charles Wallace vai morrer. Os Ectroi vencerão.

— Mas uma criança... — perguntou o Sr. Jenkins. — Uma criancinha... por que ele é tão importante?

— É o padrão ao longo da Criação. Uma criança, um homem pode mudar o equilíbrio do universo. Na história da nossa Terra, o que teria acontecido se Carlos Magno tivesse caído em Roncesvales? Uma mínima escaramuça?

— Teria sido uma vitória dos Ectroi?

— E sua história teria sido mais tenebrosa do que é.

— Sr. Jenkins! — exclamou Meg. — Eu acabei de lembrar, ouça: por falta de um prego, perdeu-se uma ferradura; por falta de uma ferradura, perdeu-se o cavalo; por falta de um cavalo, perdeu-se o cavaleiro; por falta de um cavaleiro, perdeu-se a mensagem; por falta de uma mensagem, perdeu-se a batalha; por falta de uma batalha, perdeu-se a guerra; por falta de uma guerra, perdeu-se o reino; e tudo por causa do prego de uma ferradura.

— Temos que salvar Charles Wallace! — gritou o Sr. Jenkins. — O que fazemos, Progo? O que podemos fazer?



# 11

## Sporos

Uma erupção de harmonia, tão brilhosa que quase os cegou, cercou Meg, o querubim, Calvin e o Sr. Jenkins. Mas depois de um instante sem fôlego, Meg conseguiu abrir-se à canção das faras, aquelas estranhas criaturas que haviam Aprofundado, enraizado-se, mas que nunca se separavam de outras, independente da distância.

Somos a canção do universo. Cantamos com a hoste angelical. Somos os músicos. As faras e as estrelas são os cantores. Nossa música ordena o ritmo da criação.

— Como você consegue cantar com as *estrelas*? — perguntou Calvin.

Houve surpresa na pergunta: é a música. Cantamos juntos. É nossa alegria. E nosso Ser.

— Mas como vocês sabem das estrelas... daqui... de dentro...

Como as faras não saberiam de estrelas quando faras e estrelas cantam juntas?

— Vocês não têm como enxergar as estrelas. Como vão saber delas?

Incompreensão total da parte das faras. Se Meg e Calvin desvelassem em imagens visuais, era uma limitação só deles. As faras tinham superado a visão física.

— Ok — disse Calvin. — Sei quão pouco de nós, e de nossos cérebros, aprendemos a usar. Temos bilhões de células cerebrais e usamos apenas uma porção mínima.

O Sr. Jenkins complementou com um desvelo seco, viscoso.

— Ouvi dizer que o número de células no cérebro e o número de estrelas no universo são exatamente iguais.

— Progo! — perguntou Meg. — Você memorizou os nomes de todas as estrelas. Quantas são?

— Quantas? Pelos céus, terrena. Não tenho a mínima ideia.

— Mas você disse que sua última tarefa tinha sido memorizar os nomes de todas.

— E memorizei. Todas as estrelas de todas as galáxias. E são muitas mesmo.

— Mas quantas?

— Que diferença faz? Sei os *nomes*. Não sei quantas são. O que importa são os nomes.

O desvelo forte das faras juntou-se a Proginoskes.

— E a música. Se não fosse o apoio do cantar das galáxias, nós, faras de Yadah, teríamos perdido a melodia, pois poucas farândolas estão Aprofundando. Os não Nomeantes estão atuando.

Meg sentiu um calafrio repentino, um retrair, um esmaecer das faras Aprofundadas; havia dissonância na harmonia; o ritmo vacilou.

Na sua mente, projetou-se a imagem de uma tropa de farândolas dançando loucamente pela fara-árvore, cada vez mais rápido, até ela ficar tonta.

— Sporos está com eles — disse Proginoskes.

— O que estão fazendo? Por que estão girando cada vez mais rápido? — O círculo de farândolas girava tão veloz que virou um borrão serpenteante. As frondes da grande fara em torno da qual rodopiavam começaram a vergar.

— Eles absorvem o alimento que a fara necessita. A fara é Senex, de onde veio Sporos. — Havia um calafrio nas palavras de Proginoskes.

A velocidade das farândolas dançantes virou tal como um grito nos ouvidos de Meg.

— Parem! — gritou ela. — Parem de uma vez! — Não havia nada de alegre nem prazeroso na dança. Era selvagem, louca, furiosa.

Então, em meio à ferocidade da dança, surgiu um traço puro de melodia, tranquilo, confiante, nobre. As farândolas dançantes romperam o círculo e espalharam-se sem rumo; então, comandadas por Sporos, elas correram a outra fara e começaram a circundá-la.

As frondes de Senex verdejaram, ergueram-se.

— Ele tem força para segurar-se mais que outras faras — disse Proginoskes. — Mas nem Senex consegue segurar-se para sempre. — Ele parou abruptamente. — Sinta.

— Sentir?

— O ritmo da mitocôndria. É o meu temor ou Yadah está hesitando?

— Não é você — respondeu Meg ao querubim. Estavam todos bem quietos, ouvindo, sentindo. Mais uma vez sentiu-se uma leve irregularidade na pulsação firme. Um hesitar. Um pulsar perdido. Depois ele se firmou e prosseguiu.

Como um rasgo na não luz de Yadah, Meg teve um rápido vislumbre de Charles Wallace deitado no quarto, sem ar. Ela achou ter visto a Dra. Louise, mas o estranho foi que ela não conseguiu ver se era a Dra. Louise Colubra, ou Louise, a colubra de verdade.

— Não desista. Respire, Charles. Respire.

E uma voz firme:

— É hora de tentar o oxigênio.

Então ela foi puxada de volta para dentro da mitocôndria, até Senex, a árvore pai de Sporos. Ela tentou lhe transmitir o que havia acabado de ver, mas dele não teve nada de volta. A incompreensão dele era ainda maior do que fora a do Sr. Jenkins.

— Senex sabe que Charles Wallace sequer existe? —perguntou ela a Proginoskes.

— Tal como você sabe que nossa galáxia, a Via Láctea, existe.

— Ele sabe que Charles Wallace está doente?

— Tal como você sabe que nossa Terra está doente, pelos peixes que morrem nos rios, pelos pássaros que morrem nas florestas, pela gente morrendo nas cidades sufocadas. Você sabe por conta da guerra, do ódio e do caos. Senex sabe que sua mitocôndria está doente porque as farândolas não se Aprofundam e muitas faras estão morrendo. Ouça. Desvele.

Um grupo de farândolas girou em torno de uma fara; as frondes vergaram; a cor esmaeceu. A dança foi um grito de risos, risos feios. Meg sentiu o fedor que lembrava o fedor no jardim dos gêmeos quando ela encontrou um Ectros pela primeira vez.

Ela ouviu uma voz. Parecia uma gravação ruim da voz do Sr. Jenkins.

— Você não precisa Aprofundar, perder o poder de se movimentar, de dançar. Ninguém pode obrigá-la. Não ouça as faras. Ouça a mim.

O grande tronco central da fara em questão começou a fraquejar.

Meg tentou projetar-se na dança, romper o vórtice.

— Sporos, saia! Não ouça. Você foi enviado ao Professor. Você tem que ficar conosco. Saia, Sporos, você tem que Aprofundar!

Então foi como se ela fosse a última em uma fileira de patinadoras correndo de mãos dadas e de repente era lançada com tanto vigor pelo gelo que esbarrava na ponta do rink. A força com que ela fora jogada era tão feroz que seu desvelo foi totalmente apagado.

— Respire, Meg, respire. — Era Proginoskes, usando as mesmas palavras que Louise usava com Charles Wallace. — Respire, Meg. Você está bem.

Ela vacilou, cambaleou, recobrou o equilíbrio.

Mais uma vez ela ouviu a risada feia, e a voz do falso Sr. Jenkins a incitava:

— Mate a fara!

Então veio a voz do próprio Sr. Jenkins.

— Sim. Entendi. — Ela sentiu emanar dele um entendimento seco, poeirento, daquele fato desagradável.

Ela voltou abruptamente, ainda um pouco sem fôlego.

— Não entendi.

— Por que Hitler queria controlar o mundo? — perguntou o Sr. Jenkins. — E Napoleão? Tibério?

— Não sei. Não sei por que alguém ia querer. Acho que seria horrível.

— Mas você admite que eles quiseram, Margaret?

— Queriam — concordou ela. — Mas não tiveram sucesso.

— Eles foram notavelmente bem-sucedidos por um breve período, e não serão esquecidos de modo leviano. Muitíssima gente morreu durante os anos em que governaram.

— Mas farândolas... por que farandolinhas como Sporos...

— Elas não parecem diferentes de seres humanos.

Ela sentiu-se fria e silenciosa. Uma vez que o Sr. Jenkins aceitou a situação, ele entendeu melhor que ela.

— Ok, então, o que os Ectroi têm a ver com isso? Eles estão por trás de tudo, não estão? — perguntou ela.

— Os Ectroi sempre estão por trás da guerra — respondeu Proginoskes.

Meg virou-se angustiada para Senex, calmo e forte como um carvalho, mas, diferente do carvalho, flexível, apto a dobrar-se com vento e clima.

— Senex, fomos enviados para ajudar, mas não sou forte o bastante para enfrentar os Ectroi. Não posso impedir que Sporos e as outras farândolas matem a fara. Ah, Senex, se eles conseguirem, eles não vão se matar também?

— Sim — respondeu Senex, com frieza e serenidade.

— É uma insanidade — disse o Sr. Jenkins.

— Toda guerra é insana — respondeu Proginoskes.

— Mas, do modo como eu entendo — prosseguiu o Sr. Jenkins —, somos uma parte minuciosamente imensurável de Charles Wallace?

— Somos.

— Portanto, se, enquanto estamos em... ou melhor, na... nesta mitocôndria, se Charles Wallace morresse, então... hã... hmm... nós...

— Morreríamos junto.

— Então eu luto não só pela vida de Charles Wallace, mas pela de Meg, de Calvin e...

— Pela sua.

Meg sentiu a indiferença total do Sr. Jenkins quanto à própria vida. Ela não estava disposta a aceitar o fardo da preocupação dele com ela.

— Não temos que pensar nisso! Não temos que pensar em nada além de Charles!

— Você não pode demonstrar preocupação por Charles Wallace agora, fora em preocupação por Sporos. — Proginoskes girava em volta e através dos pensamentos dela. — Não entende que somos uma parte do outro, que os Ectroi

tentam nos separar, do mesmo modo que tentam destruir toda a Criação?

As farândolas dançantes rodopiaram e gritaram, e Meg achou ter ouvido a voz de Sporos.

— Não fazemos parte de ninguém! Somos farândolas e vamos tomar Yadah! E depois...

Um guincho horrendo de riso atacou os ouvidos de Meg. Mais uma vez ela lançou-se na dança, tentando tirar Sporos de lá.

Senex puxou-a de volta com a força de seu desvelo.

— Não desse modo, não à força.

— Mas Sporos tem que Aprofundar! Tem!

Então, pelas beiradas da sua consciência, Meg ouviu um tilintar, e Calvin estava com Sporos, tentando chegar nele, desvelar com ele.

A reação de Sporos foi estridente, mas ele saiu do círculo selvagem e pairou na sua periferia.

— Por que Blajeny enviou formas alienígenas para Yadah comigo? Como você pode me ajudar com minha instrução? Fazemos música sozinhos. Não precisamos de vocês.

Meg sentiu a sublevação vulcânica de Proginoskes, um vento violento, labaredas de chama abrasadoras.

— Idiota, idiota — Proginoskes lhe enviava. — Todos precisamos um do outro. Cada átomo no universo é dependente do outro.

— Eu não preciso de você.

De repente Proginoskes desvelou, sereno e simples:

— Preciso de você, Sporos. Nós todos precisamos de você. Charles Wallace precisa de você.

— Eu não preciso de Charles Wallace.

Calvin desvelou com premência:

— Você não? O que vai acontecer com você se algo acontecer com Charles Wallace? Quem você tem ouvido?

Sporos retraiu-se. Meg não o sentia mais.

Calvin emanava frustração.

— Não consigo alcançá-lo. Ele foge de mim toda vez que eu acho que chego perto.

Sporos foi puxado de volta ao círculo rodopiante. A fara circundante estava frouxa, toda a vida esvaindo veloz.

— A música dela está se esgotando — lamentou Senex.

— Ex-eada — desvelou Proginoskes. — Soprada como uma vela.

As frondes de Senex vergaram de dor.

— Sporos e sua geração ouvem àqueles que silenciam o cantar. Ouvem

aqueles que apagariam a luz de uma música.

O Sr. Jenkins ergueu braços sombrios em tom profético.

— Matar a música é a única salvação!

— Não! — O Sr. Jenkins gritou ao Sr. Jenkins. — Você é apenas um espelho de mim. Você é nada!

Nada nada nada

A palavra ecoou, vazia, oca, repetindo-se infinitamente. Por onde quer que Meg desvelasse, parecia encontrar a projeção de um Ectros-Sr. Jenkins.

— Você não entende que os Ectroi são seus salvadores? Quando tudo for nada não haverá mais guerra, nem doença, nem morte. Não haverá mais pobreza, nem dor, nem favelas, nem fome...

— Nem cantar! — desvelou Senex através do Ectros.

Proginoskes uniu-se a Senex:

— Não haverá mais estrelas, nem querubim, nem a luz da lua sobre o mar.

— Não haverá mais jantares com todos à mesa — desvelou Calvin. — Ninguém mais vai partir o pão nem beber vinho com os companheiros.

Meg desvelou com violência contra o Ectros-Sr. Jenkins mais próximo:

— Você é um nada! Você está pegando o Sr. Jenkins emprestado para ser alguma coisa. Saia daqui! Você é nada!

Então ela tomou consciência de que o Sr. Jenkins verdadeiro estava tentando alcançá-la.

— A natureza detesta vácuos.

— Então temos que preencher o vácuo — respondeu Calvin. — É a única coisa a se fazer.

— Como?

— Se os Ectroi são o nada, o vazio, então temos que preencher o vazio.

— Sim, mas como preencher?

Senex desvelou serenamente:

— Talvez vocês não queiram preenchê-lo com força. Talvez ainda não entendam o que está em jogo.

— Eu entendo! Um garotinho, meu irmão... o que você sabe do meu irmãozinho?

Senex transmitiu um desnorreamento considerável. Ele tinha uma sensação do que seria a palavra “irmão” porque todas faras são (ou foram) irmãos. Mas “garotinho” não lhe dizia absolutamente nada.

— Sei que meu hospedeiro galáctico está doente, talvez morrendo...

— É Charles Wallace! É o meu irmãozinho! Para vocês ele pode ser um hospedeiro galáctico, mas para mim ele é só um garotinho como... como Sporos. — Ela tirou seu desvelo de Senex e voltou-o para as farândolas dançando

loucamente, que haviam cercado outra fara. Desta vez, ela desvelou na direção deles com cautela. Como teria certeza de quem era Sporos?

Um Ectros-Sr. Jenkins relinchou com risadas.

— Não importa. Nada importa. — Um som metálico feriu a melodia das faras que ainda cantavam.

Meg mais uma vez sentiu hesitação na mitocôndria. Yadah estava sofrendo. De repente, ela lembrou das farândolas que haviam salvado-a do Ectros quando Proginoskes a trouxe a Yadah. Nem todas as farândolas haviam entrado no jogo dos Ectroi. Ou será que aquelas que haviam se Ex-eado para ela viver seriam as únicas que desafiariam os Ectroi?

Ela começou a chamar com urgência.

— Sporos! Farândolas! Saiam dos Ectroi. Vocês dançarão até a morte. Venham a Senex e se Aprofundem. É isso que nasceram para fazer. Venham!

Algumas farândolas hesitaram. Outras rodopiaram mais rápido, gritando:

— Não precisamos Aprofundar. É uma superstição antiquada. É essa música imbecil que elas cantam, essa de Glória, glória, glória. Nós é que somos gloriosas.

— As estrelas... — chamou Meg, em desespero.

— Outra superstição. Não existem estrelas. Somos os maiores seres do universo.

A feiura passou por Meg na direção de Sporos.

— Por que você *quer* Aprofundar?

O tilintar de Sporos foi levemente dissonante.

— Farândolas nasceram para Aprofundar.

— Tolo. Assim que você Aprofundar e criar raízes, não conseguirá fazer essa farra de agora.

— Mas...

— Você vai ficar preso no mesmo lugar para sempre com estas faras velhas, e não vai conseguir correr nem se mexer, nunca mais.

— Mas...

A força e a calma de Senex superaram a feiura.

— É só quando estamos totalmente enraizados que somos capazes de nos mexer.

A indecisão oscilou por Sporos.

— É verdade, pequena prole — Senex prosseguiu. — Agora que estou enraizado, não sou mais limitado pelo movimento. Agora posso me movimentar para qualquer lugar do universo. Canto com as estrelas. Danço com as galáxias. Compartilho da alegria... e da tristeza. Nós, faras, precisamos ter nossa função no ritmo das mitocôndrias, ou não podemos ser. Se não podemos ser, deixamos

de ser.

— Quer dizer que vocês morrem? — perguntou Meg.

— É assim que vocês dizem? Talvez. Não tenho certeza. Mas tenho certeza que a canção de Yadah não é mais plena e rica. Ela é flácida, suas harmonias são escassas. Com nossa ignorância, fazemos Yadah sofrer.

Meg sentiu Calvin ao lado de Senex, estimulando-o:

— Sporos, você é meu parceiro. Devemos trabalhar juntos.

— Por quê? Você não tem utilidade para mim.

— Sporos, nós *somos* parceiros, goste ou não.

Meg entrou na discussão.

— Sporos! Precisamos que ajude a salvar Charles Wallace.

— Por que temos que nos preocupar com Charles Wallace? Ele não passa de uma criança humana e imbecil.

— Ele é *a sua* galáxia. Isso já o torna bastante especial, mesmo para você.

Um golpe cruel cortou o desvelo entre eles, como se um grande bico houvesse cortado ainda mais uma ferida.

— Sporos! Sou eu, Sr. Jenkins, sou o professor que é maior que todos os Professores porque conheço os Ectroi.

Meg sentiu o desvelo de Proginoskes enrijecer como aço.

O Ectros-Sr. Jenkins estava segurando Sporos, e falando com palavras doces.

— Não ouça os terrenos; não dê ouvidos às faras. Eles são burras e fracas. Me ouça e você será poderoso como os Ectroi. Você mandará no universo.

— Sporos! — O desvelo do Sr. Jenkins verdadeiro não era forte o bastante para romper o fluxo. — Ele não é o Sr. Jenkins. Não ouça!

O desvelo de Calvin era mais forte que o do Sr. Jenkins.

— Há dois Srs. Jenkins ao seu lado, Sporos, dois Srs. Jenkins desvelando você. Você sabe que um não é de verdade. Aprofunde, Sporos, que é lá que fica sua realidade. É lá que você encontrará seu lugar e seu verdadeiro centro.

As orelhas-mente de Meg foram atacadas por um uivo que era ectroide, embora parecesse vir do pseudo-Sr. Jenkins.

— A realidade é insignificante. Não existe centro. Venha. Junte-se aos outros na corrida. Só mais algumas faras a cercar e Yadah será sua.

— Yadah vai morrer — gritou Meg. — Vamos todos morrer. Vocês vão morrer!

— Se vier conosco, você será nada — disse o Ectros-Sr. Jenkins em um desvelo nauseante — e nada pode acontecer a nada.

Os bigodinhos compridos de Sporos tremularam de dor.

— Sou muito moço. Só deviam pedir para eu tomar grandes decisões daqui a séculos.

— Você tem idade para ouvir Senex — disse Meg. — Você tem idade para *me* ouvir. Afinal de contas, para você eu sou uma galáxia. É hora de você Aprofundar.

Sporos retorceu-se nas mãos do Ectros-Sr. Jenkins.

— Venha, Sporos, voe com os Ectroi. Depois você vai crepitar pelo universo. Existem muitas mitocôndrias na criação. Existem muitas estrelas nos céus. Venha conosco até o zero, o nulo.

— Aprofunde, Sporos, meu filho, Aprofunde.

— Sporos! — O uivo do Ectros bateu contra o ritmo de Yadah. — Faremos de você príncipe entre os Ectroi.

Meg sentiu uma rajada de vento, uma faísca familiar: Proginoskes. O querubim lançou seu desvelo pelo vácuo do Ectros-Sr. Jenkins, como uma corda lançada de uma ponta do desfiladeiro a outra.

— Sporos, todas as farândolas são nobres. Todos os cantores da canção são príncipes.

— Absurdo. Apenas em Nome.

— O Nome importa.

— Apenas à matéria.

O desvelo de Proginoskes foi tão delicado que minou a tempestade de Ectroi.

— Você é matéria, Sporos. Você faz parte do grande plano, parte indispensável. Você é necessário, Sporos; você tem sua parcela singular na liberdade da criação.

— Não dê ouvidos a este querubim asqueroso. Ele não passa de uma emanção de energia deformada. Não lhe daremos nome algum e você terá poder.

Calvin meteu-se de novo.

— Sporos, você é meu parceiro. Faça o que fizer, teremos que fazer juntos. Se você unir-se às farândolas selvagens de novo, eu entro na dança com você.

Sporos tremeu.

— Para ajudar a matar as faras?

— Não. Para ficar com você.

— Progo, vamos também! — gritou Meg. — Temos como ajudar Calvin. — Em seu alívio impetuoso de ter algo a fazer, ela não sentiu o querubim puxando-a para trás, mas mergulhou na tarantela irracional e foi imediatamente arrancada do controle. Calvin estava girando ao lado de Sporos, incapaz de tirá-lo do círculo que se fechava sobre as faras moribundas.

Meg estava totalmente no poder das farândolas revolventes, vibrando. A velocidade orbital a trouxe para dentro, através do círculo e contra o tronco frágil da fara.

Dentro do centro letal da dança estava escuro; ela não conseguia visualizar as farândolas rodopiantes; não conseguia desvelar com Calvin nem com Sporos. Ela ouviu apenas um silêncio que não era silêncio, pois dentro deste vórtice havia um vazio que eliminava a possibilidade de som.

Preso naquele vácuo angustiante, ela estava totalmente impotente. Foi sugada contra o tronco da fara, mas a fara agora estava muito fraca para deixá-la de pé; era ela que tinha que se segurar à Aprofundada moribunda, dar o sangue da própria vida. Ela o sentiu ser drenado dela. O tronco da fara ficou mais forte. Era Meg quem estava morrendo.

Então ela viu braços ao redor de si, segurando-a, despejando-lhe vida mais uma vez. Os braços do Sr. Jenkins, do Sr. Jenkins verdadeiro. A força e o amor dele preencheram-na.

Ao voltar à vida, os tentáculos firmes e rítmicos da fara revivida a acariciaram. O Sr. Jenkins segurou ambos, e o poder dele não fraquejou. O círculo assassino estava partido. Calvin segurou Sporos em seus braços e uma lágrima escorreu pela sua bochecha. Meg virou-se para ele, para reconfortá-lo.

No instante em que ela desvelou do Sr. Jenkins para Calvin, um novo círculo se formou; não de farândolas, mas de Srs. Jenkins, Srs. Jenkins rodopiando seu círculo letal em torno do Sr. Jenkins verdadeiro.

Meg rodopiou na direção dele, mas era tarde demais. O Sr. Jenkins estava cercado.

— Aprofunde, Sporos — gritou Meg. — É a única esperança!

As farândolas dispersas disparavam para lá e para cá, desnorreadas. Proginoskes estendeu asa e mais asa, invisíveis, para puxá-los para perto. Houve um tilintar de susto.

— Vejam os Ectroi! — ordenou Proginoskes. — Estão matando o Sr. Jenkins, assim como fizeram você matar suas próprias faras. Veja. É assim que é.

— Sr. Jenkins! — gritou Meg. — Temos que salvar o Sr. Jenkins. Ah, Sporos, Aprofunde, é a segunda provação, você tem que Aprofundar.

— Pelo Sr. Jenkins?

— Por você mesmo, por todos nós.

— Mas por que o Sr. Jenkins... ele não sabia que isso ia acontecer com ele?

— Claro que sabia. Ele o fez para nos salvar.

— Salvar a todos nós — complementou Calvin. — Os Ectroi o pegaram, Sporos. Vão matá-lo. O que você vai fazer?

Sporos voltou-se para Senex, a fara da qual ele havia nascido. Ele estendeu pequenos tentáculos verdes a todas as farândolas.

— É hora de Aprofundar — disse ele.

• • •

Eles ouviram um eco suave da música que fora doce alegria quando Blajeny levou-os para testemunhar o nascimento de uma estrela. As faras estavam cantando, cantando, ganhando força. Sporos estava unindo-se à canção. Por toda a volta, as farândolas estavam Aprofundando e somando sua música ao fluir da canção.

A exaustão e o alívio de Meg foram tão grandes que ela esqueceu do Sr. Jenkins. Ela presumiu, sem questionar, que agora que Sporos e as outras farândolas estavam Aprofundando, agora que a segunda provação fora realizada com sucesso, estava tudo bem; os Ectroi haviam sido vencidos; Charles Wallace ia recuperar-se; ela podia relaxar.

Então ela sentiu Proginoskes entrando através de sua negligência.

— Meg! Você esqueceu! São três testes!

Ela virou-se de seu júbilo. O círculo de pseudo-Srs. Jenkins estava girando loucamente em torno do diretor, fechando-se nele.

Proginoskes desvelou com tanta força que ela foi puxada de volta a uma consciência aguda.

— Não podemos deixar os Ectroi pegarem o Sr. Jenkins. Este é o terceiro teste: resgatar o Sr. Jenkins. Sporos, todo mundo, nos ajude!

Meg ouviu um grito agudo, alto, um grito que virou uma risada de triunfo terrível. Vinha do Sr. Jenkins. Um dos Srs. Jenkins. Não havia mais uma espiral de Jenkins ectroides cercando o diretor. Eles haviam fechado-se e adentrado a presa.

O desvelo de Proginoskes cortou como uma faca:

— Os Ectroi o pegaram. Temos que tirá-lo de lá.



## Um Vento à Porta

O Ectros-Sr. Jenkins tentou tocá-los. O odor tenebroso e familiar atacou Meg. Um desvelo repugnante chegou até ela com o timbre do Sr. Jenkins, sobreposto ao rangir de metal contra metal.

— Absurdo. É óbvio que os Ectroi não me pegaram. Sou o Sr. Jenkins e aceitei os Ectroi em mim porque eles estão certos. Não são os Ectroi que são vazios; eu que era. Eles preencheram-me com o prazer que há no abismo da nulidade. Venham e deixem eu Ex-ear vocês, venham a mim, venham...

Os bigodes compridos e gavinhescos de Sporos tremeram. Um leve tilintar ecoou deles, mas agora ele estava desvelando, sua jovem verdejança movimentando-se em ritmo, suas novas agulhas e folhas e delicadas lâminas tremeluzindo com o ritmo de Senex, das faras cantantes, de Yadah.

— Terrenos, perdoem-me. Cantarei para vocês. Os Ectroi não toleram a música.

O Sr. Jenkins desvelou com insistência.

— A vida tal como a conhecemos é insignificante, Margaret. A civilização fracassou. Seus pais já sabem. Eles desistiram.

— Não, não — contestou Calvin. — Eles não são assim, eles nunca iam desistir.

— Cantem — pediu Sporos às farândolas Aprofundadas —, cantem conosco. Nossa galáxia está em perigo; temos que salvá-lo.

O Sr. Jenkins passou por cima dele.

— Não há esperança que não a extinção. Vamos acelerá-la.

Meg gritou em meio à insistência enfadonha:

— Não, Sr. Jenkins! Pare!

Calvin uniu-se a ela.

— Sr. Jenkins, volte, saia dos Ectroi!

— Estou de volta. Estou aqui. Sou finalmente eu. O nada. Ex-Sr. Jenkins. Ser Ex-eado é o único bem que há.

Meg sentiu mais uma vez um puxão de quebrar os ossos. Cada músculo dela gritou de protesto. Então recebeu o lampejo de uma imagem brilhante de Calvin

puxando o Sr. Jenkins, imagens poderosas de Calvin digladiando com um Sr. Jenkins repentinamente selvagem e forte. Os braços finos e flácidos do Sr. Jenkins açoitavam Calvin com golpes que vinham como molas de aço. Calvin, com sua magreza ágil, escapava da maioria dos golpes e tentava desesperadamente segurar o Sr. Jenkins pelos pulsos...

e conseguiu segurá-lo...

Os pulsos viraram garras, viraram nada. Calvin de repente não segurava nada. Meg ouviu o guincho da risada ectroide, e o Sr. Jenkins atingiu Calvin com um golpe trovejante.

Meg viu um negrume avermelhado, Calvin cambaleando, sendo puxado, sugado pelo vórtice do Ectros-Sr. Jenkins.

Depois as imagens de Calvin atordoado do golpe, aprumando-se, preparando-se, sumiram. As imagens se foram, mas Calvin estava lá, estava com ela, fazia parte dela. Ela tinha passado de conhecê-lo em imagens sensoriais àquele lugar que fica além das imagens. Agora ela estava desvelando *Calvin*, não cabelos ruivos, nem sardas, nem olhos azuis ávidos, nem o sorriso radiante; tampouco ouvia a voz profunda com o agudo ocasional; nada disso, fora...

Calvin.

Ela estava com Calvin, desvelando com cada átomo de seu ser, voltando a ele de toda fortaleza e persistência e esperança que ele lhe tinha dado.

Então ela sentiu Proginoskes tentando chamar sua atenção e voltou seu desvelo, a contragosto, a ele.

— Meg, eu posso ajudar Calvin, mas não tenho como ajudar o Sr. Jenkins. Talvez você consiga. Talvez você ainda consiga alcançá-lo.

Ela recuou. Se fosse até o Ectros-Sr. Jenkins, a dor dos Ectroi a tomaria de novo? Desta vez não havia farandolazinhas para salvá-la. Ela não conseguiria, não podia abrir-se conscientemente àquela dor...

Mas o Sr. Jenkins havia entrado no círculo rodopiante da morte pelo bem dela. Se agora o Sr. Jenkins fosse possuído pelos Ectroi, seria por causa do amor por ela.

Ela deu um suspiro de aceitação do que tinha que fazer. Então voltou seu desvelo para o Sr. Jenkins, que estava em algum ponto na terrível versão ectroide de si.

— Sr. Jenkins! — Ela lançou seu desvelo na direção dele com toda força. Agora ela não via mais o cabelo castanho rareando, o mesmo marrom-camundongo do dela, nem os olhos de meia-idade atrás das lentes dos óculos com aro de tartaruga, nem os ombros caídos com a leve nevasca de caspa, mas algo mais profundo, mais real, além, passado, através dos sentidos, algo que era a pessoa real. Ela estava com o Sr. Jenkins tal como estivera com Calvin, Calvin

que lhe era tão importante que ela não ousava nem sussurrar a si mesma quão importante ele era...

O Sr. Jenkins também era real, e ela estava com ele, desvelando-se totalmente a ele...

De algum ponto fundo dentro da versão ectroide de si, o Sr. Jenkins tentava dizer algo. Ele repetia, repetia, e finalmente ela ouviu uma frase que havia usado antes:

— A natureza detesta vácuos.

Esta única frase foi tudo que ele conseguiu dizer.

Ela agarrou-se àquilo. Se os Ectroi são nada e o Sr. Jenkins agora faz parte do nada, se Calvin está sendo Ex-eado àquele nada...

— Preencha! Preencha! — Veio o desvelar desesperado de Calvin. Através dele veio uma imagem forte de Charles Wallace azul e sufocando, os pais ao lado da cama; a Dra. Louise operando o tanque de oxigênio de emergência; Fortinbrás deitado no batente da porta como se fosse impedir que a morte entrasse no quarto. — Preencha!

Ela estava gelada de tanto desespero.

— Progo! Progo, o que eu faço?

Ela ouviu apenas um eco do grito de Calvin.

— Preencha o vácuo. Preencha. — Ele estava lutando em desespero, não pela própria vida, mas pela de Meg, pela de Charles Wallace, pelas faras cantantes, pelo todo do ser...

Ela desvelou loucamente.

— Progo, passamos pelo primeiro teste: eu Nomeei o Sr. Jenkins. E o segundo... Sporos Aprofundou. Vamos fracassar no terceiro teste? Calvin não consegue mais segurar. Tenho que entrar nos Ectroi? É isso que tenho que fazer? O que você fará se eu fracassar?

Ela sabia. Sabia o que Proginoskes faria.

Calvin estava fraquejando rápido, incapaz de revidar os golpes de marreta do Ectros-Sr. Jenkins...

Ela lançou-se dentro do Sr. Jenkins, tentando conter os braços cruéis, tentando tirá-lo de Calvin pela pura força de seu desvelo.

A dor.

A dor veio de novo, como ela sabia que viria.

Agonia. Angústia rubra espancando seus glóbulos oculares...

...Charles Wallace estava dividindo aquela angústia, seus pais indefesos conforme seu corpo convulsionava em espasmos de dor. Eles faziam força para segurá-lo, os Murry, as Louises, segurá-lo durante as convulsões, dar apoio ao corpo torturado...

Fortinbrás estava parado na porta, grunhindo, seus pelos eriçados...

Os Ectroi estavam...

O desvelo de Meg era fraco, quase aniquilado pela dor.

— Calvin... Sr. Jenkins... não lute com os Ectroi... ajude-me a preenchê-los...

Frio.

Frio além da neve e do gelo e do mercúrio em queda.

Frio abaixo do zero absoluto do espaço sideral.

Frio pulverizando-a até virar nada.

Frio e dor.

Ela lutou.

Você não vai me Ex-ear, Ectroi. Eu o preencho.

Frio.

Trevas.

Vazio.

Nada.

Zero.

Nulo.

Ect.

Ex.

• • •

Então

Proginoskes.

Um grande grito. Uma tempestade de vento. Um lampejo de fogo no frio, rompendo, queimando o frio e a dor.

Proginoskes Ex-eando.

Asas. Todas as asas. Esticadas até a envergadura máxima. Olhos. Todos os olhos se abrindo e se fechando, abrindo, diminuindo...

Ah, não...

Saindo...

Não...

Chama. Fumaça. Penas voando. Proginoskes lançando seu grande eu querubínico ao vácuo dos Ectroi que estavam Ex-eando o Sr. Jenkins e Calvin e Meg...

e Charles Wallace.

Asas e chama e vento, um grande uivo de todos os furacões no mundo encontrando-se e enfrentando-se...

— Progo! — O grito dela desvelou-se por toda Yadah, e então ela soube o que tinha que fazer. Ela devia fazer como o Sr. Jenkins havia feito quando ele rompeu o círculo louco de farândolas rodopiantes e a segurou. Ela tinha que abraçar os Ectroi, abraçá-los abraçando o Sr. Jenkins e Calvin... abraçando Charles Wallace...

Abrace-os, Meg. Abrace todos. Ponha seus braços em torno deles, em torno dos Ectroi que espalham seu vazio voraz e dilacerante por toda a criação.

Tamanho não importa. Você tem como abraçar todos, Charles e Calvin e o Sr. Jenkins e a esfera ardente da estrela recém-nascida...

— Eu os abraço! — gritou ela. — Eu amo vocês, eu Nomeio vocês. Eu os Nomeio, Ectroi. Vocês não são nada. Vocês são.

• • •

Uma pequena pena branca que não era pena flutuou em meio ao frio.

Eu os Nomeio, Ectroi. Eu a Nomeio Meg.

Eu o Nomeio Calvin.

Eu o Nomeio Sr. Jenkins.

Eu o Nomeio Proginoskes.

Eu os preencho de Nomeação.

Sejam!

Sejam, borboleta e brutamontes,

sejam galáxia e gafanhoto

estrela e estorninho,

vocês importam,

vocês são,

sejam!

Sejam lagarta e cometa,

sejam porco-espinho e planeta,

sejam areia do mar e sistema solar

cantem conosco,

dancem conosco,

rejubilem-se conosco,

pela glória da criação,

seriemas e serafim,

anêmonas-do-mar e anjos da guarda,

crisântemo e querubim

(Ó, querubim)

Sejam!

Cantem pela glória  
dos que vivem e dos que amam  
a chama da criação  
cantem conosco  
dancem conosco  
sejam conosco

Sejam!  
Não eram só palavras dela.  
Eram as palavras do Senex,  
do Sporos Aprofundante,  
de todas as faras cantantes,  
o riso das farândolas verdejantes,  
Yadah em si,  
todas as mitocôndrias,  
todos os hospedeiros humanos,  
a terra,  
o sol,  
a dança da estrela cujo parto ela havia visto,  
as galáxias,  
os querubins e serafins,  
vento e fogo,  
as palavras da Glória.

Ectroi! Vocês foram Nomeados! Meus braços cercam-vos. Vocês não são mais nada. Vocês são. Vocês foram preenchidos. Vocês são eu.

Vocês são  
Meg.

— Meg!  
Seus braços circundantes abraçavam Charles Wallace.

— Onde...

(O onde não importa.)

Aqui.

Aqui, no quarto de Charles Wallace. Meg. Calvin. O Sr. Jenkins. Um Sr. Jenkins. O Sr. Jenkins verdadeiro.

Os Murry. A Dra. Louise, seu estetoscópio balançando solto no pescoço, o aspecto desgrenhado, exausta, feliz...

Os gêmeos, Dennys com uma grande mancha de terra no rosto, da horta, os

dois meninos ainda encardidos e cansados de suas lides.

E Charles Wallace. Charles Wallace sentado na cama, respirando tranquilo e normal. Fortinbrás não mais guardava a porta, que agora ficava aberta e convidativa. O tanque de oxigênio, agora não mais necessário, estava no canto.

— Charles! Ah, Charles Wallace! — Meg o abraçou, engolindo um soluço grande e inesperado. — Você está bem? Está bem mesmo?

— Ele está bem melhor — disse a Dra. Louise. — Entendemos muito pouco de mitocôndrite, mas... — Sua vozinha delicada de passarinho se apagou, e ela olhou para Meg com ar interrogativo.

Assim como o pai dela.

— Seja lá o que aconteceu... e por onde você andou... Charles Wallace estava falando de mitocôndrias e farândolas enquanto delirava, e uma coisa que parecia Ectroi...

— E de você — complementou a mãe.

— Estávamos dentro de uma mitocôndria de Charles Wallace — explicou Meg, sem rodeios.

O Sr. Murry ajeitou os óculos no nariz, o mesmo gesto da filha.

— Foi o que ele disse. — Ele olhou para o filho mais novo. — Não estou duvidando de nada.

— Logo quando achamos... — disse a Sra. Murry — quando achamos que tudo havia acabado... Charles Wallace suspirou: “Os Ectroi se foram!”, e de repente a respiração começou a melhorar.

— Só posso dizer — falou Dennys — que quando o Charles Wallace voltar às aulas, é bom que ele não fale o que falou quando estava delirando.

— Eu não entendi nada — disse Sandy — e não gosto do que eu não entendo.

— Se a Mãe e o Pai não estivessem tão tristes por causa do Charles Wallace — Dennys encarou Meg —, eles ficariam furiosos com você por não vir direto para casa depois da aula.

— E por onde você andava? — perguntou Sandy.

— Você acha mesmo que a gente vai engolir essa de você estar *dentro* do Charles Wallace?

— Se dessa vez você fosse *realista*.

— Afinal, nós também ficamos preocupados.

— Para dizer o mínimo.

Eles olharam para Meg, depois passaram ao Sr. Jenkins.

— Meg está correta — disse o Sr. Jenkins. — E eu estava com ela.

Os gêmeos responderam com silêncio absoluto, aturdidos.

Dennys enfim deu de ombros.

— Quem sabe um dia alguém se dê ao trabalho de nos explicar o que

aconteceu de verdade.

— Bom, já que o Charles está bem...

— Vamos ficar contentes. Tudo está bem quando termina bem e coisa e tal.

— Mesmo que todo mundo esteja escondendo algo da gente, como sempre.

Eles voltaram-se para a Dra. Louise.

— Charles está bem mesmo?

— Charles está bem de verdade?

— A meu ver, ele terá recuperação total daqui um ou dois dias — respondeu Dra. Louise aos dois.

Meg enfrentou o Sr. Jenkins.

— Ok, mas e o colégio? A situação lá não vai ficar insuportável como sempre?

O Sr. Jenkins soltou seu tom mais ácido.

— Creio que não.

— E o que você vai *fazer*, Sr. Jenkins? Tem como você deixar as coisas diferentes?

— Não sei. Não posso ditar a segurança de Charles Wallace. Ele tem que aprender, sozinho, a adaptar-se. Mas tenho menos medo da situação do que antes. Depois da nossa... hã... das nossas últimas experiências, vai ser mais fácil entrar no velho prédio vermelho do colégio a cada manhã. No momento, creio que considero atualizar um colégio fundamental uma agradável mudança de ares, e de momento parece um desafio bastante possível.

Os gêmeos mais uma vez ficaram pasmos.

— Bom, então — perguntou Sandy, como alguém que tinha passado por ridículo —, tem alguém com fome?

— Estávamos tão preocupados com o Charles Wallace que não comemos há...

— Eu gostaria de um peru — disse Charles Wallace.

A Sra. Murry olhou para ele e parte da tensão aliviou-se de seu rosto.

— Acho que isso eu não consigo, mas posso descongelar bifés do freezer.

— Posso descer quando o jantar estiver pronto?

A Dra. Louise o fitou com o olhar afiado, profundo.

— Não vejo por que não. Meg, você e Calvin ficam aqui com ele. Nós vamos à cozinha para ajudar. Venha, Sr. Jenkins, pode me ajudar a botar a mesa.

Quando os três estavam a sós, Charles Wallace disse a Calvin:

— Você não disse nada.

— Não precisei. — Calvin sentou ao pé da cama de Charles Wallace. Parecia tão cansado quanto a Dra. Louise, e tão contente quanto. Ele pôs a mão delicadamente sobre a de Meg. — Vai ser bom fazermos um banquete juntos e

comemorar.

— Como fazer um banquete sem o Progo? — lamentou Meg.

— Não esqueci do Progo, Meg.

— Mas onde ele está?

— Bom, ele se Ex-eou.

— Mas onde ele está?

(O onde não importa.)

A mão de Calvin fez mais pressão sobre a de Meg.

— Como Progo diria, ele é um Nomeado. Então ele está bem. Os Ectroi não pegaram Progo, Meg. Ele se Ex-eou por vontade própria.

— Mas, Calvin...

— Proginoskes é um querubim, Meg. Foi a escolha dele.

Os olhos de Meg estavam cintilando.

— Queria que os seres humanos não tivessem sentimento. Eu tenho sentimentos. Que doem.

Charles Wallace a abraçou.

— Eu não imaginei meus dragões, imaginei?

Tal como ele queria, ela lhe deu um sorriso lacrimoso.

• • •

Imediatamente depois do jantar, a Dra. Louise mandou Charles Wallace voltar para a cama. Meg estendeu os braços para lhe dar um beijo de boa noite. Ela sabia que ele estava ciente de como ela se sentia incompleta sem Proginoskes e, ao dar um beijo na bochecha de Charles, ele sussurrou:

— Quem sabe você e o Calvin vão no pasto do norte, nas rochas, e procuram?

Ela fez que sim, depois olhou para Calvin. Sem palavras, eles saíram pela despensa vestindo jaquetas de esquiar. Quando a casa ficou para trás, ele disse:

— É engraçado falar ao invés de desvelar, não é? Acho bom a gente se acostumar.

Ela caminhava atrás dele, mas perto, passando pela terra fecunda e recém-remexida do jardim.

— Tem coisa que não vamos conseguir falar na frente dos outros. Fora desvelando.

Calvin procurou uma mão enluvada de Meg.

— Tenho a sensação de que não podemos falar muito deles.

— Mas o Blajeny... — indagou Meg. — Cadê o Blajeny?

A mão de Calvin segurou a dela com firmeza.

— Não sei, Meg. Imagino que ele esteja onde tiver sido enviado, Professorando.

Eles pararam no muro de pedra.

— A noite está fria, Meg. Acho que a Louise não vai sair. — Ele escalou o muro e foi rapidamente até as duas rochas glaciais. As grandes pedras pairavam nas trevas sob o céu.

A grama ao redor estava crocante de gelo. E vazia.

— Vamos na pedra de observar as estrelas — disse Meg.

A pedra de observação estelar ficava fria sob o brilho das estrelas. Não havia nada ali. Uma lágrima escorreu pela bochecha de Meg, que ela limpou com as costas de uma luva.

Calvin a abraçou.

— Eu sei, Meg. Eu também quero saber o que aconteceu com o Progo. Só sei que, de um jeito ou de outro, ele está bem.

— Acho que eu *sei* que ele está bem. Mas minha mente gostaria de estar por dentro. — Ela estremeceu.

— É bom voltarmos. Prometi aos seus pais que não íamos ficar tanto tempo.

Ela sentiu uma relutância extraordinária em partir, mas deixou que Calvin a mostrasse o caminho. Quando chegaram ao muro de pedra, ela parou.

— Só um minuto...

— Louise não está... — Calvin começou a falar, mas uma sombra escura saiu rastejando das pedras, desenroscou-se devagar e graciosa, e curvou-se a eles.

— Ah, Louise — disse Meg. — Louise...

Mas Louise havia caído no muro de novo e sumiu lá dentro. Mesmo assim Meg sentiu-se reconfortada e tranquila. Em silêncio, eles voltaram à casa. Na despensa, penduraram os casacos nos ganchos; a porta para o laboratório estava fechada. Assim como a porta da cozinha.

Então ela se abriu com um estrondo.

Sandy e Dennys estavam na mesa de jantar, fazendo o dever de casa.

— Ei — disse Sandy —, não precisa essa violência toda.

— Podem só *abrir* as portas, não precisam arrancar das dobradiças.

— Não tocamos na porta — disse Meg. — Ela abriu sozinha.

Sandy fechou seu livro de latim.

— Que besteira. Mal tem vento hoje e o pouco que tem vem do outro lado.

Dennys tirou os olhos do seu exercício de matemática.

— Charles Wallace quer que você suba para falar com ele, Meg. Mas, enfim, feche a porta. Está frio.

Sandy levantou-se e fechou a porta com firmeza.

— Vocês ficaram muito tempo fora.

— Foram contar as estrelas ou algo assim?

— Não precisamos contar — disse Meg. — Só precisamos conhecê-las pelo

Nome.

Os olhos de Calvin encontraram os dela por um longo instante e sustentaram seu olhar, sem falas, sem desvelo, apenas sendo.

Então ela subiu para ver Charles Wallace.

*A série Uma dobra no tempo:*

Uma dobra no tempo  
Um vento à porta  
Um planeta em seu giro veloz  
Muitas águas  
Um tempo aceitável

PUBLISHER  
Omar de Souza

GERENTE EDITORIAL  
Mariana Rolier

EDITORA  
Alice Mello

COPIDESQUE  
Thaís Lima

REVISÃO  
Dênis Rubra

PROJETO DE CAPA  
Maquinaria Studio

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO DE MIOLO  
Julio Moreira | Equatorium

CONVERSÃO PARA E-BOOK  
Abreu's System

CHEGOU A HORA DE SE TORNAR UMA HEROÍNA

UMA  
**DOBRA** NO  
**TEMPO**

MADELEINE  
L'ENGLE

 Harper  
Collins

# Uma dobra no tempo

L'Engle, Madeleine

9788595082205

240 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um clássico da fantasia e da ficção científica emerge! Após uma noite de forte tempestade, uma visita estranha chega à casa da família Murry e convoca Meg, seu irmão Charles Wallace e o amigo deles, Calvin O'Keefe para uma aventura muito perigosa e extraordinária – uma viagem que ameaçará suas vidas e o nosso universo. Uma dobra no tempo é o primeiro da aclamada série em cinco volumes de Madeleine L'Engle. Sua adaptação cinematográfica chegará às telas em uma megaprodução Disney em março de 2018.

[Compre agora e leia](#)



# Circo Mirandus

Beasley, Cassie  
9788569514244  
288 páginas

[Compre agora e leia](#)

VOCÊ PRECISA CRER PARA VER. Ephraim, o avô de Micah, sempre contou ao neto histórias maravilhosas do Circo Mirandus, um lugar mágico que ele visitava quando era criança. Mas agora o vovô Ephraim está doente, e a chata e rabugenta tia-avó Gertrudis chegou para tomar conta de Micah e silenciar as histórias do avô. Toda a magia da infância do menino parece perdida, até que o vovô Ephraim finalmente lhe conta a verdade: o Circo Mirandus é real, e o Dobra-Luz, o melhor mágico do mundo, deve a ele um milagre. Com sua amiga Jenny Mendoza encarregada das pesquisas e descobertas científicas nessa busca, Micah está decidido a encontrar o circo e o homem que ele acredita ter o poder de salvar seu querido avô. O problema é que o Dobra-Luz não quer cumprir sua promessa. E agora depende de Micah conseguir o milagre de que tanto precisa... Cheio de encantamento e sagacidade, Circo Mirandus é um clássico para todas as idades, que vai testar sua crença em magia... E recompensá-la.

[Compre agora e leia](#)

Harper  
Collins



O VERÃO da Minha Vida

NOVA WEETMAN

# O verão da minha vida

Weetman, Nova

9788595082199

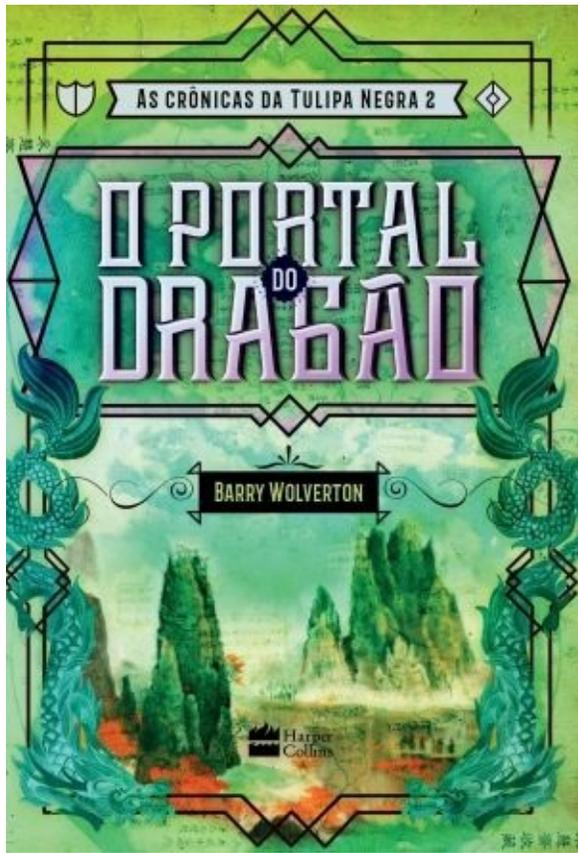
224 páginas

## [Compre agora e leia](#)

A vida é feita de escolhas, e ninguém sabe melhor disso do que as meninas! Terminar o dever ou ir para o shopping? Juntar a mesada para aquele celular incrível ou comprar o box da sua série mais amada? São tantas decisões... As personagens da coleção Escolha o seu felizes para sempre também têm muitas opções — aqui cada escolha delas é sua, e é você quem decide o caminho que elas devem tomar. Siga o seu coração e veja aonde ele leva, ou volte atrás e escolha tudo outra vez! É o último dia de aulas e Frankie só consegue pensar que seu verão não está prometendo: um calor de morrer e seu violão como única companhia... Isto é, até que surge uma oportunidade de ir para Londres nas férias! Isso pareceria ótimo se não significasse reencontrar Jake, o menino que partiu seu coração. Além disso, Frankie ainda precisa decidir se férias na praia com o pai são uma saída perfeita ou uma torta de climão, já que seu pai está com uma namorada nova, que também tem uma filha! Será que ela vai perceber que esqueceu Jake de vez? Ou vai acabar enterrando a nova "irmã" na areia? Cabe a você decidir o que Frankie vai

fazer em O verão da minha vida!

[Compre agora e leia](#)



# O portal do dragão

Wolverton, Barry

9788595082120

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma pedra mágica e um mapa esculpido em osso podem ser as chaves para um mistério ainda maior. Depois de enfrentar os sete mares para encontrar o tesouro da Ilha Perdida, Mouse está decidida a chegar ao Portal do Dragão, convencida de que lá encontrará a explicação de sua origem e de seus poderes. Bren, por sua vez, acredita que já viveu aventuras suficientes, e só deseja voltar para sua família. Mas nada segue de acordo com o plano quando os sobreviventes do Albatroz são resgatados por Lady Jean Barret, uma arqueóloga carismática em busca dos Oito Imortais, artefatos antigos cuja localização permanece um segredo há quase dois mil anos. Para todos conseguirem o que querem, precisam trabalhar juntos nessa jornada perigosa até o coração da China. Uma fantasia envolvente, uma aventura em alto-mar, uma história alternativa épica. Este é o segundo livro da série de imaginário rico e lindamente criado por Barry Wolverton, *As crônicas da Tulipa Negra*.

[Compre agora e leia](#)

O APOCALIPSE FOI  
SÓ O COMEÇO

# VIVIAN =CONTRA A= AMÉRICA

KATIE COYLE

AGIR  
NOW!

# Vivian contra a América

Coyle, Katie

9788569809661

304 páginas

[Compre agora e leia](#)

O APOCALIPSE FOI SÓ O COMEÇO"Uma visão assustadora do que acontece quando um mundo moribundo e desesperado está disposto a acreditar em qualquer coisa para sobreviver." — MTV.com"Imprevisível e único. Os leitores vão ficar boquiabertos, desejando ter tanta coragem e graciosidade quanto Vivian Apple." — VOYAVivian Apple tem um currículo surpreendentemente variado. Aos 17 anos, passou de boa moça estudiosa a revolucionária procurada, atravessou os Estados Unidos de carro com os amigos, lutou contra um bando de adolescentes doutrinados, encontrou uma irmã que nem sabia que existia e descobriu segredos sombrios sobre um culto que dominou a América. O próximo passo? Tentar determinar o paradeiro de Peter, seu meio-que-namorado, antes que o mundo acabe (de novo), em três meses.Perdidas em São Francisco, perseguidas por grupos religiosos e caçadores de recompensa e enfrentando uma sociedade cada vez mais próxima do colapso, Vivian e Harp estão em perigo e nem sabem por onde começar a busca por Peter. Até que uma pista as leva a Los Angeles, para o hotel

Chateau Marmont, o improvável quartel-general da Igreja Americana, onde supostamente grandes nomes esperam pelo fim do mundo. Parece que Vivian precisa salvar o país, seus amigos e a si mesma, ou arriscar perder tudo que ama mais uma vez. Vivian, Harp, Peter e seus amigos são retratos de uma geração que tenta encontrar seu lugar num mundo que parece enlouquecer. Idealistas e ao mesmo tempo pé no chão, não vão parar por nada até descobrir a verdade nesta continuação de Vivian contra o apocalipse. Com personagens bem-construídos, diversos e apaixonantes, e uma trama cheia de ação e reviravoltas, Vivian contra a América é uma maravilhosa adição a qualquer biblioteca, que vai fazer você questionar tudo, até suas próprias crenças e convicções.

[Compre agora e leia](#)

# Table of Contents

- [Rosto](#)
- [Créditos](#)
- [Sumário](#)
- [Dedicatória](#)
- [Epígrafe](#)
- [1. Os Dragões de Charles Wallace](#)
- [2. Um Rasgo na Galáxia](#)
- [3. O Homem na Noite](#)
- [4. Proginoskes](#)
- [5. O Primeiro Teste](#)
- [6. O Sr. Jenkins Verdadeiro](#)
- [7. Metron Ariston](#)
- [8. Jornada ao Mundo Interno](#)
- [9. Farândolas e Mitocôndrias](#)
- [10. Yadah](#)
- [11. Sporos](#)
- [12. Um Vento à Porta](#)
- [A série Uma dobra no tempo](#)
- [Colofão](#)

# Table of Contents

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Sumário](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[1. Os Dragões de Charles Wallace](#)

[2. Um Rasgo na Galáxia](#)

[3. O Homem na Noite](#)

[4. Proginoskes](#)

[5. O Primeiro Teste](#)

[6. O Sr. Jenkins Verdadeiro](#)

[7. Metron Ariston](#)

[8. Jornada ao Mundo Interno](#)

[9. Farândolas e Mitocôndrias](#)

[10. Yadah](#)

[11. Sporos](#)

[12. Um Vento à Porta](#)

[A série Uma dobra no tempo](#)

[Colofão](#)